

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

CAIO VICTOR SEMIÃO ALEXANDRE

"SÓ TALVEZ POR UM MILAGRE IAM AGUENTANDO TANTA FOME, TANTA
SEDE, TANTO SOL"

O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO ROMANCE O QUINZE DE RACHEL DE
QUEIROZ.

CRATO
2020

CAIO VICTOR SEMIÃO ALEXANDRE

"SÓ TALVEZ POR UM MILAGRE IAM AGUENTANDO TANTA FOME, TANTA
SEDE, TANTO SOL"

O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO ROMANCE O QUINZE DE RACHEL DE
QUEIROZ.

Dissertação apresentada à Universidade Regional
do Cariri - URCA, como parte das exigências do
Mestrado Profissional em Ensino de História
(PROFHISTÓRIA), para a obtenção do título de
Mestre.

Orientador a: Prof. Dr. Paula Cristiane de Lyra
Santos

CRATO
2020

CAIO VICTOR SEMIÃO ALEXANDRE

"SÓ TALVEZ POR UM MILAGRE IAM AGUENTANDO TANTA FOME, TANTA SEDE, TANTO SOL"

O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO ROMANCE O QUINZE DE RACHEL DE QUEIROZ.

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri - URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), para a obtenção do título de Mestre.

Orientador a: Prof. Dr. Paula Cristiane de Lyra Santos

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Paula Cristiane de Lyra Santos (Orientadora)

Prof. Dra. Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez Reis (Membro interno)

Prof. Dr. André Alckman Oliveira Damasceno (Membro externo)

Agradecimentos

A Deus, nosso Mestre celestial, por me dar a oportunidade de realizar esta conquista pessoal e profissional, fortalecendo-me para seguir sempre, superando os desafios e as dificuldades;

À minha esposa Kelrillene, que sempre me ajudou contribuindo com a leitura e revisão do texto, estimulou dando-me força, sendo o meu refúgio e minha fortaleza;

Aos meus pais, Angela Maria e Francisco José, exemplos de fé e coragem, por serem a razão da minha existência, pelo amor e apoio;

A minha orientadora, Dra. Paula Cristiane pela paciência, o incentivo e pela grande profissional que é; Sou grato por tudo;

A todos os professores do Programa PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri, pela dedicação e por possibilitarem que eu pudesse ampliar os meus conhecimentos e rever a minha prática pedagógica;

Aos colegas do Mestrado, pessoas comprometidas com uma educação de qualidade, com quem pude compartilhar mais do que discussões teóricas, mas também as angústias, anseios e lutas que envolvem a nossa profissão;

A coordenação pedagógica e estudantes das escolas do Crato, nas quais trabalho pela compreensão, apoio e incentivo nestes anos do mestrado;

Enfim, a todos os meus familiares, amigos e companheiros de trabalho que contribuíram de forma direta ou indireta para a elaboração deste trabalho, incentivando-me a continuar, o meu muito obrigado.

Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei
Jovem que desce do Norte pra cidade grande
Os pés cansados e feridos de andar léguas tirana
De lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
E de ver o verde da cana

Em cada esquina que eu passava um guarda me parava
Pedia os meus documentos e depois sorria
Examinando o 3x4 da fotografia
E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha

...

Esses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi bem
Veloso, o Sol não é tão bonito pra quem vem do Norte e vai viver na rua
A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
E pela dor eu descobri o poder da alegria
E a certeza de que tenho coisas novas
Coisas novas pra dizer

A minha história é talvez
É talvez igual a tua, jovem que desceu do Norte
Que no sul viveu na rua
E que ficou desnorteado, como é comum no seu tempo
E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
E que ficou apaixonado e violento como eu, como você

Eu sou como você
Que me ouve agora

Belchior, Fotografia 3x4

Resumo

Este trabalho nos apresenta uma experiência, e uma reflexão, sobre a utilização da literatura como recurso didático, ou fonte histórica através do ensino de História. Com a utilização do romance literário *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, temos como possibilidade proporcionar um diálogo, e uma maior interação entre os campos de estudo da História, ensino de História e a literatura. Pois através desta obra, podemos aprofundar algumas reflexões sobre temáticas como a seca, a migração e o surgimento dos campos de concentração no Ceará, no século XX, em sala de aula. Através da utilização desta linguagem a literatura, proveniente de outro campo de estudo, se pode proporcionar outras significações, e experiências para os alunos, através da relação entre a ficção e o fato histórico, em decorrência da narrativa que normalmente desperta uma maior sensibilidade do leitor, conseqüentemente contribuindo no desenvolvimento da sua consciência histórica. Por tanto a partir do arcabouço teórico da história cultural, nos foi possibilitado fazer esse estudo, e conseqüentemente contribuir para uma melhor aprendizagem sobre essas temáticas, com os estudantes do ensino básico.

Palavras-chave: Ensino de História, Literatura, Campos de Concentração no Ceará.

Abstract

This paper presents us an experience and a reflection about the use of literature as a didactic resource or historical source through of the teaching of history. With the use of the literary novel *O Quinze* by Rachel de Queiroz, we have the possibility of providing a dialogue and greater interaction between the fields of study of History, history teaching and literature. For through this work we can deepen some reflections on themes such as drought, migration and the emergence of concentration camps in Ceará in the 20th century in the classroom. Because through of the use this language the literature, from another field of study, other meanings and experiences can be provided for students, through the relationship between fiction and historical fact, as a result of the narrative that normally arouses a greater sensitivity of the reader, consequently contributing in the development of your historical consciousness. Therefore, through the theoretical framework of cultural history, it is possible for us to make this study, and consequently contribute to a better learning about these themes with the students of basic education.

Keywords: History Teaching, Literature and Concentration Camps in Ceará.

Sumário

Introdução	10
1º Capítulo	
História, ensino de História e Literatura, suas contribuições para uma aprendizagem mais significativa.....	16
1.1 Uma Breve história do Conhecimento Histórico.....	18
1.2 História e Literatura um diálogo através da História Cultural.....	25
1.3 A Ficção literaria produzindo Conhecimento Histórico.....	31
1.4 O Ensino de História, as suas propostas e dificuldades.....	34
1.5 Aprendizagens através do Ensino de História e a Literatura.....	40
2º Capítulo	
Rachel de Queiroz e o Quinze: O seu percurso no Romance literário brasileiro	48
2.1 O que é Romance Histórico	49
2.2 O trajeto do Romance Regionalista	56
2.3 O pensamento Modernista no Brasil	60
2.4 A marca do Romance de 30	62
2.5 Rachel de Queiroz e o seu Lugar de Sujeito	67
2.6 Refletindo sobre o Quinze e sua Origem	83
3º Capítulo	
Ensino de História e Literatura: Pensando os movimentos migratórios e o surgimento dos campos de concentração no Ceará a partir do romance o Quinze.....	98
3.1 A seca de 1877 e os movimentos de migração.....	102
3.2 1915, o surgimento do Campo de Concentração do Alagadiço.....	110

3.3 Os campos de concentração do Ceará e a seca de 1932.....	116
3.4 Entre a História e a Literatura: A migração dos retirantes através do Quinze.....	124
3.5 O retrato do Campo de Concentração no romance o Quinze.....	138
3.6 A Construção do plano de aula: Os movimentos migratórios e os campos de concentração através da literatura.....	144
3.7 Impressões e experiência, dialogando com os alunos sobre o estudo.....	149
3.8 O hábito da leitura, um desafio no ensino básico.....	158
Considerações finais	164
Fontes	166
Referência Bibliográfica	167

Introdução

Este trabalho foi desenvolvido a partir de reflexões, discussões e pesquisas em decorrência da participação no programa de mestrado profissional de Ensino de História-PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri – URCA. O mestrado em rede nacional coordenado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UERJ, tem como um dos seus objetivos aperfeiçoar os profissionais que trabalham com a disciplina de História no ensino básico, assim também como o intuito de melhorar a qualidade do ensino, e produzir novas possibilidades para facilitar a aprendizagem dos estudantes em todo território nacional.

O texto apresentado nesta dissertação está vinculado com a linha de pesquisa Linguagens e Narrativas: produção e difusão, que tem como proposta desenvolver estudos sobre a questão da linguagem e da narrativa histórica, considerando os diversos tipos de suporte que possam contribuir como recurso didático no ensino de História. Com isso apresentamos a nossa pesquisa, como uma possibilidade de colaborar com a aprendizagem dos alunos, relacionando outra forma de linguagem, a uma temática do ensino de História. Para tanto escolhemos trabalhar a relação e a contribuição da literatura com o campo da História, proporcionando outras experiências e compreensão aos estudantes.

Nos propusemos a trabalhar com o livro de Rachel de Queiroz *O Quinze*, a nossa ideia não era analisar os aspectos estilísticos da mesma, mas sim partindo da ideia de que toda obra é representativa da sociedade em que o autor está inserido, buscamos as possibilidades da utilização do conhecimento histórico a partir do referido texto, para o ensino de História, possibilitando um diálogo das temáticas da seca, migração e dos campos de concentração do Ceará.

Através das temáticas abordadas nesta pesquisa, tivemos a possibilidade de discutir esses assuntos, e proporcionar um maior conhecimento sobre um aspecto relevante da história do povo brasileiro, que é desconhecido por muitos, que é a construção dos campos de concentração no Ceará, pois é um assunto que dificilmente é discutido em sala de aula.

Utilizando da literatura, pudemos proporcionar ao estudante/leitor uma maior afinidade com a temática, despertando assim a sua curiosidade para saber cada vez mais sobre o tema. Deste modo, a relação entre a literatura e o discurso da História possibilita o trabalho do historiador em compreender e problematizar as representações que fazem parte de um

determinado imaginário social, e ainda relacioná-lo para compreender melhor um acontecimento histórico.

Esse romance, *O Quinze*, narra aspectos do cotidiano da vida de sertanejos que viviam em um sítio próximo a cidade do Quixadá- CE no ano de 1915. Neste momento a região estava passando por uma grande seca, o que forçou muitos desses sertanejos a migrarem para outros lugares, principalmente para Fortaleza a capital do Estado, em busca de superar a fome e a miséria que assolava o sertão cearense.

No livro a escritora apresenta a vida de alguns personagens, e a trama ocorre entre duas histórias distintas que se cruzam com perspectivas diferentes. As duas histórias de vida dos personagens tiveram a vida mudada pelas condições que foram submetidos, em decorrência da sua condição social e a presença da seca. O personagem Chico Bento, e a sua família, que em consequência da longa estiagem ficou desempregado, o que levou o mesmo e sua família a partirem em direção à capital é um dos núcleos centrais da trama/drama. O romance retrata todo o percurso que esses retirantes traçaram, e as diversas dificuldades encontradas no caminho, chegando ao campo de concentração do Alagadiço em Fortaleza.

De outra perspectiva vemos o romance de Conceição e Vicente, personagens que também tem a vida mudada pela seca, mas não de uma forma tão drástica como foi a do vaqueiro Chico Bento. Estes tinham recursos financeiros para viajarem para Quixadá, ou para a capital sempre que necessário. Podiam resistir contra as dificuldades da seca, pois tinham meios, consequentemente tinham uma vida bem mais confortável do que os retirantes mais pobres.

Através da narrativa do romance em relação a essas experiências, pudemos iniciar uma discussão com os estudantes relativo aos movimentos migratórios e aos campos de concentração, que surgiram no Ceará no século XX. Essa é uma temática muito importante na disciplina de História principalmente no Ceará, e muitas vezes aparece apenas como tema transversal, não sendo problematizada em sala de aula. E é algo que devemos salientar, pois este processo migratório é importante por que mudou as características tanto do estado, como do país, através da diversidade cultural ocasionada por um grande número de pessoas originárias desta região que migraram em busca de novas oportunidades para o Norte ou Sudeste do país.

A discussão presente nesse texto de dissertação, nos mostra que o ensino de História é uma das principais formas de propor reflexões sobre diversas temáticas relacionadas ao cotidiano e ao contexto sócio-histórico, em que os estudantes estão inseridos. Portanto,

escolhemos trabalhar uma temática regional, que fala sobre as modificações do espaço social e cultural no Ceará, gerado por um dos problemas mais graves que o estado sofreu ao longo de sua história, os movimentos migratórios em decorrência do fenômeno da seca, da estiagem e da desigualdade social. O que ocasionou diversos problemas para a população sertaneja, entre as mais graves se apresenta um alto índice de mortalidade em consequência das circunstâncias em que se encontravam.

Dentre as políticas desenvolvidas destacamos a criação dos campos de concentração, ou campo dos flagelados, que eram feitos para impedir que o grande número de sertanejos chegasse em Fortaleza. Vamos abordar esta temática discutindo desde as grandes ondas migratórias do ano de 1877, do surgimento do campo de concentração em 1915 até a distribuição estratégica de sete campos pelo estado do Ceará em 1932. Durante todo esse percurso vale destacar que foi utilizada a mão de obra destes migrantes em obras públicas, através de um trabalho semi- forçado.

Portanto com a utilização de uma obra literária como *O Quinze*, além de trabalharmos o fato histórico, também há uma possibilidade de fazer com que muitos dos alunos se aproximem mais do tema por causa da narrativa, que nos possibilita despertar uma maior sensibilidade, causando um sentimento de empatia, aspecto esse que nem todos conseguem ter através da leitura do livro didático, ou de um livro que narre os fatos em uma linguagem mais técnica.

Com isso apresentamos como objetivo central desta pesquisa, utilizar este romance como ponto de partida para desenvolver a temática dos movimentos migratórios e dos campos de concentração no Ceará através do ensino de História na educação básica. Onde poderemos apontar as possibilidades da interação destas disciplinas para a construção de um conhecimento histórico.

Para conseguir desenvolver esta pesquisa tivemos que aprofundar uma análise através da relação entre a História e a Literatura, para que pudéssemos pensar estas narrativas literárias como registros materiais da imaginação e da criação de uma época ou do escritor. Para entender melhor esta relação utilizamos da perspectiva teórica da história cultural. Portanto, quando nos propomos a estudar sobre esta relação devemos ter como direcionamento inicial de três aspectos de reflexão, o lugar social do sujeito, a temporalidade e a obra.

Através destes pontos de análise poderemos melhor utilizar esse romance tanto como uma fonte histórica, ou como um recurso didático, para complementar o nosso entendimento

sobre o assunto estudado. Além disto poderemos proporcionar para o aluno a possibilidade de aprender História através de uma nova experiência com uma outra forma de linguagem.

Com isso pretendemos que os estudantes do ensino básico possam desenvolver uma aprendizagem histórica. Que nas aulas de História possamos fazer com que eles possam compreender a discussão de uma forma que lhes atraia, para isso é interessante utilizar alguns recursos, que possam aproximar o tema do jovem e da sua realidade, para que isso possa fazer algum sentido. Entendemos que a Literatura, assim como outros recursos como filmes, quadrinhos, imagens, músicas, dentre outros, podem contribuir com o desenvolvimento da consciência histórica, através da sua subjetividade.

Portanto, para pensarmos sobre os movimentos de migração, e os campos de concentração no Ceará, juntamente com os estudantes do ensino fundamental, das turmas do 9º ano, optamos pela utilização do livro *O Quinze*, que pode nos proporcionar uma maior aproximação dos estudantes com a temática, em consequência da forma que a narrativa é desenvolvida, que desperta uma maior atenção, através do seu enredo, característica essa presente no romance literário que ainda mexe com a sensibilidade do leitor.

Do ponto de vista estrutural do trabalho, para que pudéssemos organizar melhor a nossa explicação sobre o tema debatido nesta dissertação, dividimos esse texto em três capítulos, o primeiro é intitulado de *História, ensino de História e Literatura, suas contribuições para uma aprendizagem mais significativa*. Este irá proporcionar uma discussão dos aspectos que contribuem para que a temática desta pesquisa possa acontecer, através de uma reflexão sobre os aspectos historiográficos, teóricos e metodológicos no qual ela está inserida. Esta parte do texto vai apresentar a base teórica e historiográfica da pesquisa, onde demonstramos as mudanças do fazer historiográfico, a importância da história cultural para as reflexões sobre Literatura e História, a relação entre a ficção e o fato histórico, a possibilidade da utilização de outras linguagens no ensino de História, em especial a Literatura e a contribuição destas reflexões para um desenvolvimento de uma aprendizagem histórica dos estudantes.

No segundo capítulo, *Rachel de Queiroz e o Quinze: O seu percurso no romance literário brasileiro*, vamos aprofundar uma análise em relação aos aspectos do nosso objeto de estudo que é o romance. Neste momento vamos propor uma discussão relacionada as características literárias na qual a obra e a escritora estão inseridas, principalmente em relação ao romance regionalista da década de 30, as características apresentadas no *O Quinze*, que fazem com que seja também reconhecido como um romance histórico, o que facilita a sua

relação com o conhecimento da História e a sua utilização nas aulas. Além disso sabemos da importância em discutir o lugar do sujeito e sua temporalidade, para isso desenvolvemos um pequeno percurso bibliográfico da escritora, aonde destacamos os principais aspectos que marcaram a sua vida e conseqüentemente a sua escrita. Além disso apresentamos algumas reflexões sobre a produção, publicação e recepção do livro *O Quinze*.

Como terceiro e último capítulo, *Ensino de História e Literatura: Pensando os movimentos migratórios e o surgimento dos campos de concentração no Ceará com O Quinze*. Vamos desenvolver uma análise histórica sobre os movimentos migratórios e a instituição dos campos de concentração no Ceará, aonde destacamos três principais momentos, a grande onda migratória de 1877 que proporcionou que milhares de retirantes chegassem a capital do estado fugindo das agruras da seca e da miséria, fato esse que proporcionou mudanças significativas na forma de ver e tratar os retirantes a partir do poder público e dos cidadãos comuns da capital.

O ano de 1915 que vai ser o período da criação do campo de concentração do Alagadiço, um projeto de governo que pretendia segregar os retirantes ou flagelados do restante da cidade de Fortaleza, apresentando as motivações que era a diminuição de casos de violência, roubo e prostituição na cidade. O romance de Rachel de Queiroz poderá nos proporcionar um enredo relacionado a esse período através das experiências dos seus personagens como, Chico Bento, Conceição, Vicente, dentre outros. Através desta leitura literária poderemos refletir mais sobre este período.

O último momento da nossa análise é 1932, ele é importante para nossa reflexão pois percebemos que mesmo o poder público estadual e federal, sabendo das conseqüências da aglomeração de centenas ou milhares de retirantes, fracos e doentes que proporcionava surtos epidêmicos, nos locais aonde eles se encontravam concentrados, o que ocasionava centenas ou milhares de mortes em conseqüência da situação em que estavam. Mesmo após essas constatações o poder público, de frente com mais um período de seca, cria sete novos campos de concentração ao longo de todo o estado, pois o seu objetivo era impedir a chegada de muitos retirantes na capital e utilizar a mão de obra destes flagelados de uma forma semi- forçada, pois em sua grande maioria trabalhava por um salário ínfimo, ou por alimentação.

Também neste capítulo apresentamos trechos do romance que se encontra em consonância com as informações do conhecimento histórico baseado em fontes históricas e estudos acadêmicos, por tanto esta interação entre essas informações entre as duas linguagens nos possibilita uma maior interação e percepção dos alunos relacionado a temática estudada em

sala, proporcionando um conhecimento mais significativo para a maior parte dos alunos. Através deste estudo temos a oportunidade de realizar uma interação interdisciplinar com a disciplina de língua portuguesa, através das aulas de literatura e também refletir sobre a importância da leitura no dia a dia dos estudantes para um desenvolvimento melhor da sua aprendizagem, pois percebemos que esta interação ainda se encontra pouco difundida e incentivada pelas demais disciplinas do ensino básico, principalmente no ensino fundamental.

Por fim apresentamos uma cartilha que foi formulada a partir da pesquisa feita para a composição desta dissertação, assim como as aulas ministradas sobre esta temática na sala de aula. Através deste material apresentamos aspectos do texto literários e das fontes históricas e os relatos acadêmicos sobre este fato histórico, que permite que os estudantes percebam, que mesmo o livro se tratando de um aspecto subjetivo da escritora, onde ela apresenta personagens fictícios, ela constrói uma narrativa que tem como base uma experiência histórica, onde ela utilizou do seu conhecimento prévio, experiência e pesquisa para compor a sua história. E através da junção das áreas de conhecimento podemos contribuir de uma forma positiva para a aprendizagem histórica dos alunos.

1º Capítulo

História, ensino de História e Literatura, suas contribuições para uma aprendizagem histórica

A disciplina de História se apresenta como uma forma de aprendizagem singular e complexa nos dias de hoje, diversas pessoas estão interpretando a forma de pensar História de acordo com um pensamento leigo, atribuindo julgamentos ideológicos conservadores desconsiderando a sua perspectiva científica. Nos últimos anos essa área de conhecimento vem sendo alvo de muitos ataques partindo de um novo pensamento conservador no Brasil, críticas que em grande maioria das vezes não se apoiam em nenhuma reflexão séria e lógica, onde são atribuídas informações, fatos e consequências destoantes e confusas da realidade, cometendo graves erros de interpretação histórica.

Tudo isso que está acontecendo não é apenas consequência de uma má formação escolar, mas algo intencional de pessoas que querem confundir a população através de informações simplistas e errôneas conseguindo convencer aqueles que não dominam o conhecimento histórico, e nem se propõe a uma reflexão crítica do assunto. Hoje o conhecimento e a opinião de um professor de História ou um historiador apresenta-se menos influente do que de um youtuber ou um jornalista, pessoas essas que não dominam de fato o metier da área, ou seja os aspectos metodológicos e teóricos desse conhecimento. É comum dizer que tudo é passível de se fazer História, porém devemos deixar bem claro que nem todo mundo é historiador, é necessário lembrar que nem todos tem a formação que é primordial.

O conhecimento histórico não pode proporcionar uma verdade irrefutável, entretanto pode nos oferecer meios para que através de fontes históricas possamos entender um pouco do passado e conseqüentemente do nosso presente. Essas fontes ou seja, os indícios de um passado ainda é a garantia que o nosso trabalho não seja imaginação ou ficção, é o que faz com que sejamos cuidadosos com o que escrevemos independente das escolhas metodológicas, ou teóricas que possamos escolher para criar um certo conhecimento.

Portanto, não é mera invenção ou imaginação do pensamento, esse fundamento que está presente nos livros distintos de História, nos livros didáticos e nos trabalhos acadêmicos, são desenvolvidos através de muitas pesquisas, baseadas em fontes. É em consequência disso que

afirmamos que a História utiliza-se como premissa características científicas pois ela analisa, investiga e baseada nos resultados é que surge o conhecimento histórico.

Entretanto, nós também podemos considerar como uma ciência subjetiva, pois esses conhecimentos podem ser questionados em consequência do tempo, das pessoas e das ideias em volga, no período em que foi criado ou posteriormente. Pois como sabemos as coisas mudam, é por isso que afirmamos que a História não é algo do passado, mais sim do presente, pois examinamos esses atos através das ideias e conceitos no qual estamos mergulhados, analisamos o ontem através do olhar do hoje.

Então através do método e da teoria utilizada podemos ter várias formas de abordar o mesmo tema, todavia o fato, ou seja o acontecimento não pode ser desconsiderado. Como por exemplo, podemos analisar o holocausto através dos documentos oficiais das tropas nazistas, pelas cartas e diários dos judeus, pelas imagens fotográficas do período e outras fontes. Porém não podemos afirmar, ou questionar que o holocausto não aconteceu, o historiador não pode negar o fato e sim tentá-lo explicar baseado em fontes.

É exatamente isso que muitas pessoas ultimamente não compreendem, querem reescrever a História e alterar os fatos, em prol de um revisionismo histórico ou um negacionismo, no qual apresenta-se apenas utilizando ideias questionáveis e sem fundamentos, para embasar alguma ideologia ou ideia conspiratória na qual acredita. Não se leva em consideração se o que está sendo propagado faz parte ou não de um verdadeiro trabalho histórico, no qual deve-se respeitar os métodos, as teorias e sobretudo o fato histórico.

Hoje a disciplina da História tem uma grande relevância no currículo escolar, pois propicia um momento para que os estudantes possam pensar sobre a importância do tempo e perceber as suas mudanças e permanências, faz com que eles possam refletir sobre a sociedade e vejam as injustiças e as suas conquistas. Não é a toa, que essa disciplina é uma das mais atacadas na atualidade, por conta de sua ampla visão, são tramadas leis e projetos por alguns homens públicos para limitar o poder de expressão do professor, ou formas de controlarem o que ele pode dizer ou não em sala de aula. Como por exemplo, o projeto escola sem partido¹

¹ O movimento “Escola sem Partido”, que diz representar pais e estudantes contrários ao que chamam de “doutrinação ideológica” nas salas de aula brasileiras, existe há vários anos, mas só a partir de 2015 começou a provocar polêmica - desde que câmaras municipais, assembleias legislativas e o Congresso Nacional começaram a debater projetos de lei inspirados no grupo.

O “Escola sem Partido” é uma referência a coisas distintas. Primeiro, há o movimento “Escola sem Partido”, um grupo que diz representar pais e professores. No site oficial, o movimento diz se preocupar “com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras”, e afirma que “um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para

que foi motivo de uma grande discussão no Congresso Nacional onde alguns políticos tentaram implantar nas escolas, principalmente nas públicas.

Além disso, para complementar, presenciamos sendo divulgado e propagado na internet, e nas redes sociais, uma história que seria paralela (Brasil Paralelo)², no qual seus objetivos e análises disto do conhecimento histórico sobre alguns fatos da história do Brasil, e estes produtores de discurso contam ao seu modo, sem respeitar os acontecimentos, criando outras visões sobre, aonde se baseiam muito no que eles idealizam o que teria sido. Apresentam essas narrativas de uma forma bem produzidas com bonitas imagens, encenações, depoimentos de várias pessoas, dentre elas poucas são historiadoras. E com isso vão ganhando espaço e propagam cada vez mais esse revisionismo.

Portanto, assim se encontra o conhecimento histórico sendo disputado, entretanto não podemos esquecer que a História tem uma perspectiva científica e assim como toda ciência tem os seus métodos, seus conceitos e teorias. A forma de pensar a História mudou e continua mudando de acordo com as necessidades que vão surgindo, porém, sempre respeitando os seus limites.

1.1- Uma Breve história do Conhecimento Histórico

A História como conhecimento sofreu diversas mudanças de acordo com o tempo e a forma de pensar dos seus expositores. Poderíamos elencar várias formas e métodos utilizados para escrever lá desde Heródoto na Grécia antiga até os historiadores pós modernos. Contudo optamos por fazer algumas pequenas reflexões sobre a Escola dos Annales e a Nova História no decorrer do século XX. Para entender o que influenciou e motivou essa nova perspectiva de se pensar História devemos recorrer ao século XIX, onde houve a preponderância de três formas de produzir o conhecimento histórico, que foi o positivismo, o historicismo e o materialismo histórico. Essas concepções filosóficas influenciaram os novos métodos e abordagens seja de uma forma positiva ou não.

impingir-lhes a sua própria visão de mundo". Ver em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>

² “Brasil Paralelo” que se propõe a ensinar a história “revisionista” através de videoaulas. Conta com Olavo de Carvalho, Leandro Narloch, Alexandre Borges, Luis Philipe Orleans e Bragança, entre outros. Ver em: <https://site.brasilparalelo.com.br>

O positivismo surgiu da influência do iluminismo, um dos seus fundadores foi o filósofo Auguste Comte (1798- 1857) no qual defendia uma ideia atrelada ao pensamento conservador e burguês daquele período. De acordo com os pensadores dessa corrente teórica, ela deveria provar através de experimentos e de fatos, utilizando da observação e da repetição o funcionamento do objeto estudado. Este método científico ele é utilizado nas ciências naturais e sociais onde prezam por uma análise neutra, em que o pesquisador não pode ter nenhuma ideia preestabelecida relacionada ao objeto ou o fato analisado.

Para os metódicos – ou positivistas, como hoje são mais conhecidos – a História era feita de documentos escritos, sendo a principal tarefa do historiador recolhê-los e submetê-los à crítica externa e à crítica interna para comprovar sua autenticidade. Nessa concepção, os documentos transmitiam o conhecimento histórico por si, e ao historiador só cabia coletá-los e agrupá-los, não questioná-los. (SILVA, 2009, p. 158).

Essa concepção teórica tinha como objetivo narrar a história como de “fato aconteceu”, onde o historiador tinha que ser objetivo. Com esse método de investigação a pesquisa só é possível se estiver utilizando fontes ou documentos oficiais, por exemplo, documentos como registros, atas, leis, diários e cartas oficiais. Um dos principais historiadores que adotou esse pensamento ou uma perspectiva parecida foi o historiador Leopold Von Ranke (1795- 1886), baseado nas suas reflexões de como realizar um estudo histórico surge algumas denominações como história rankeana ou história tradicional, ele também vai ser muito influente para uma nova corrente historiográfica chamada de historicismo.

Essa perspectiva de se fazer e estudar História vai estar muito presente no dia a dia das pessoas até meados do séc. XX, com a História se tornando disciplina escolar a maior parte dos textos trabalhados vai ser desenvolvido por essa concepção. Com o historicismo o conhecimento histórico não é apenas descritivo como a narrativa proposta pelo positivismo, eles propõem uma crítica histórico- social, os meios para se produzir esse conhecimento não é o mesmo das ciências naturais, pois enquanto esses são objetivos, o conhecimento histórico é subjetivo e complexo.

Este pensamento continua defendendo a ideia de uma história neutra, onde as fontes devem ser os documentos oficiais e escrevem uma produção histórica que está direcionada aos “grandes homens, heróis e dos grandes feitos”, na qual seria o que chamamos de uma história dos vencedores ou uma história elitista.

O historicismo também se presta nos seus primórdios, e no decurso de boa parte do século XIX, a um contexto igualmente conservador. Mas os interesses que representa mais diretamente não serão os da burguesia industrial enquanto classe social dominante, e sim os interesses dos grandes estados, da burocracia estatal que financia os seus projetos historiográficos. (BARROS, 2011, p. 107).

Contrapondo este pensamento, no final do século XIX começa a ganhar espaço nos estudos históricos, uma nova forma de pensar a História, onde propõe uma reflexão mais crítica sobre as estruturas sociais e econômicas do mundo moderno que se desenvolvia através do crescimento industrial e das ideias capitalistas. Vai ser denominado como materialismo histórico em que se apoia nas teorias desenvolvida pelo filósofo Karl Marx (1818- 1883) e Friedrich Engels (1820- 1895) que iram se deter mais as análises políticas e econômicas, onde a figura da classe trabalhadora irá ter um maior protagonismo.

O materialismo histórico tem uma abordagem teórica onde tenta compreender os processos históricos através das mudanças na vida humana impulsionadas pela vida material, ou seja, a relação do homem com a sociedade. De acordo com essa perspectiva não é apenas o indivíduo que faz a história “o herói”, mas sim todos os grupos ou classes sociais eles que são responsáveis pelas mudanças e transformações na História. Assim o germe da destruição, mudança, renovação está na própria sociedade. (BARROS, 2011, p.33)

Através dessa síntese feita sobre estas correntes historiográficas vimos que a forma de se construir o conhecimento histórico foi tendo diversos olhares e perspectivas diferente de acordo com o tempo. E em decorrência desta pluralidade de conhecimento e das novas demandas da sociedade que surge no início do século XX outras perspectivas de se pensar a História, onde iram proporcionar novas reflexões sobre o sujeito, a cultura e o social, surgindo desta forma diferentes problemáticas como também a utilização de diversas outras fontes.

Os *Annales* e os materialistas históricos abriram possibilidades para renovações no pensamento e na pesquisa histórica. A partir de então, o fato histórico deixou de ser entendido como dado de forma verídica e real pelo documento; ele precisaria ser construído pelo historiador a partir de uma conjunção de fatores presentes e passados. Ou seja, o documento não era mais o portador da verdade irrefutável sobre o passado. Nesse sentido, também a ideia do que era fonte histórica se ampliou e o documento deixou de ser apenas o registro político e administrativo, uma exclusividade de povos com escrita. Para a história interpretativa não importava a veracidade do documento, mas as questões que o historiador lhe remetia. Desde então, a fonte histórica passou a ser construção do historiador e de suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre ele, mas também conhecer sua origem, sua ligação com a sociedade que o produziu. (SILVA, 2009, p. 159).

Destacamos aqui o movimento que foi chamado de escola³ dos Annales, surge na França através da criação de uma revista chamada *Anais de História Econômica e Social* em 1929⁴, esse projeto foi encabeçado pelos historiadores franceses Marc Bloch (1886- 1944) e Lucien Febvre (1878- 1956). A ideia principal seria abordar outros temas que não fossem apenas política, tema esse que era central nas pesquisas históricas daquele período e principalmente do século passado, a revista iria trabalhar com questões ligadas principalmente a economia e sociedade, além disso propuseram um maior diálogo com outras áreas do conhecimento, desta forma desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, por exemplo, eles construíram um bom diálogo nas suas pesquisas com a ciências sociais, geografia, economia, psicologia, dentre outras, desta forma essa relação se tornou algo cada vez mais comum nos estudos desenvolvidos pela escola dos Annales.

Neste momento a forma e o trato relacionado as fontes históricas também irão mudar, os documentos históricos que para os positivistas e historicistas seria a garantia da verdade e neutralidade daquele objeto estudado, para eles será visto diferente, irão propor novos questionamentos e problematização sobre, também abrangerão as fontes históricas e para eles tudo aquilo que foi produzido pelo homem no decorrer do tempo poderia também ser uma fonte histórica.

Doravante, seria preciso afirmar com convicção cada vez mais fortalecida que não mais deveriam interessar aos historiadores apenas as fontes de arquivos e as crônicas que dizem respeito à História Política tradicional. Qualquer vestígio ou qualquer evidência – dos objetos da cultura material às obras literárias, das séries de dados

³ O que caracteriza uma escola, conforme veremos, é um certo programa de ação, uma determinada identidade que se forma, um campo de escolhas (teóricas, metodológicas, temáticas, éticas, associativas, geradoras de inclusão e exclusão) que permite ao praticante do campo sintonizar-se com outros que a ele se assemelham nas mesmas escolhas. A escola, ao envolver de uma maneira ou de outra uma práxis, permite ser pensada em analogia com outras noções, como a de "partido político" ou de "movimento artístico". Assim como os participantes de uma escola, os membros de um partido político não precisam ou não podem ser iguais (ou mesmo semelhantes) na maior parte dos aspectos - mas todos se orientam por certos princípios em comum, ou com partilham uma espécie de programa básico com o qual a qualidade dos participantes da escola concorda. (BARROS, 2012, p. 15)

⁴ Originalmente chamada *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo por modelo os *Annales de Géographie* de Vidal de la Blache, a revista foi planejada, desde o seu início, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria o portavoz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história.

O primeiro número surgiu em 15 de janeiro de 1929. Trazia uma mensagem dos editores, na qual explicavam que a revista havia sido planejada muito tempo antes, e lamentavam as barreiras existentes entre historiadores e cientistas sociais, enfatizando a necessidade de intercâmbio intelectual. O comitê editorial incluía não somente historiadores, antigos e modernos, mas também um geógrafo (Albert Demangeon), um sociólogo (Maurice Halbwachs), um economista (Charles Rist), um cientista político (André Siegfried, um antigo discípulo de Vidal de la Blache). (BURKE, 1991, p.23)

estatísticos às imagens iconográficas, das canções aos testamentos, dos diários de pessoas anônimas aos jornais – podia ser agora legitimamente utilizado pelos historiadores. A revolução documental e a nova definição de fonte histórica constituíram uma das grandes novidades trazidas pelas primeiras gerações da Escola dos Annales (AYMARD, 1972, p. 502 apud BARROS, 2012, p. 141).

Em decorrência destas mudanças na forma de fazer História surgirão novos modos de se referir a esse conhecimento, aquela pesquisa baseada nas ideias e métodos desenvolvido pelos Annales será chamada de uma história nova⁵, que desenvolveria uma história problema⁶ e não uma história meramente descritiva, com isto ela estaria mais direcionada as questões econômicas e sociais, propondo o que eles denominaram de uma história total⁷. Essas novas ideias surgiram para contrapor aquela baseada nos feitos dos “heróis”, das conquistas, dos vencedores, o que foi comumente chamada de uma história tradicional.

Se nota que há uma mudança significativa no modo de se pensar essa área de conhecimento através das suas metodologias, teorias e fontes, com isso tanto os Annales como também os ideais marxistas irão propiciar no decorrer do século XX o surgimento de novas perspectivas teóricas. Que ainda hoje são referências pertinente a questão social, econômica e cultural na historiografia, isso mostra o quanto foram e são importante para se pensar o conhecimento histórico. No decorrer dos anos houve diversas formas de se pensar a História, porém todas elas dependiam de um método e é a utilização desse aspecto que faz com que a ela tenha uma perspectiva científica e séria e não apenas mera suposição.

É importante observarmos esta transformação no fazer historiográfico e suas mudanças epistemológicas e metodológicas no decorrer das épocas. Pois ela nos proporciona um melhor entendimento tanto da sociedade como também sobre o conhecimento que surge no passar do tempo. Porém nós ainda não discutimos sobre um dos aspectos que é de fundamental importância para se estudar e fazer História, que são as fontes históricas.

⁵ A expressão foi popularizada pelo livro *La nouvelle histoire* (1978), editado por Jacques le Goff e outros, mas já havia sido reivindicada, anteriormente, para os *Annales*. Braudel havia falado de uma *História Nova* em sua aula inaugural no Collège de France (1950). Febvre, por outro lado, usara frases como “*uma outra história*” para descrever o que o grupo dos *Annales* tentava fazer. (BURKE, 1991, p. 92)

⁶ “uma história orientada por problemas”, um slogan de Lucien Febvre, que pensava que toda história deveria tomar essa forma. (BURKE, 1991, p. 91)

⁷ Febvre gostava de falar em *história simplesmente* (*histoire tout court*) em oposição à história econômica, social ou política. R.H. Tawney, em 1932, empregou o termo *histoire integrale*, utilizando talvez um modelo francês. O antropólogo Marcel Mauss, porém, gostava de empregar o adjetivo total, com o objetivo de caracterizar o tipo de abordagem de sua ciência. Braudel usou o termo na conclusão da segunda edição de seu *Mediterrâneo* e em vários outros estudos. (Conf. Devulder, 1985) (BURKE, 1991, p. 91)

Elas são um dos principais aspectos que possibilita a existência da ciência histórica, pois sabemos que são os registros ou vestígios da presença humana e sua relação no decorrer do tempo, que são através destes objetos, monumentos e impressões do passado que podemos tentar compreender como as sociedades viviam e os seus desdobramentos no hoje pois “ as fontes históricas são as marcas da história”.

O historiador Charles Seignobos (1854- 1942) costumava afirmar que “sem documentos não há história”⁸. Esse pensamento nos faz perceber que ele tem uma certa razão, pois o conhecimento sobre um fato que não está acontecendo, ou uma sociedade que não mais existe depende dos vestígios que perduram no tempo, o qual foi denominado de fontes históricas, pois sem esses objetos, documentos e registros do passado não iríamos conhecer, nem estudar o que não está mais entre nós.

“Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural. (BARROS, 2019, p. 12).

Esses registros são vários de formas diferentes proporcionando diversas informações sobre o passado, podemos dividi-los em dois grandes grupos as fontes materiais e imateriais, entretanto existem diversas outras subdivisões de formas mais detalhadas feitas por estudiosos da área. Algo que não podemos deixar de acrescentar nessa discussão é que esses vestígios do passado, presente de diversas formas nem sempre foram aceitos pelo campo historiográfico.

No decorrer do século XIX o trato dessas fontes era estabelecido por parâmetros metodológicos rígidos, pois a História estava tentando se firmar como uma ciência, utilizando os métodos positivistas. Onde as suas fontes deveriam ser documentos oficiais, para que com isso pudessem chegar “à verdade”. As suas investigações partiam da observação de fontes materiais consideradas documentos oficiais como por exemplo registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, correspondências públicas. Também eles se apropriavam dos

⁸ BARROS, José D'Assunção. Teoria da História / José D'Assunção Barros. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 117.

vestígios arqueológicos e da cultura material, arquitetura de prédios, ruas, monumentos entre outros. Essa perspectiva foi muito utilizada pelo pensamento positivista, historicista e também os marxistas, mas com outras análises e outras problematizações sobre determinados objetos.

Com a proposta da aproximação da História com as demais áreas de conhecimento, iniciado pela Escola dos Annales as fontes históricas vão se tornar mais diversas, principalmente as fontes imateriais que são os ritos, mitos, lendas e tradição, dando uma maior abrangência para o campo de análise, onde poderia perceber o passado através das pessoas e suas ações, não apenas por documentos considerados oficiais. Portanto a partir desse momento a História estaria presente em um grande mar de fontes.

Na amostragem de novos objetos da História encontram-se trabalhos sobre o clima, o inconsciente, o mito, o cotidiano, as mentalidades, a língua: Linguística e História, livro, jovens e crianças, saúde e doenças, opinião pública, cozinha, cinema, festa. As fontes consultadas e discutidas pelos autores mostram a dimensão interdisciplinar de suas perspectivas: mapas meteorológicos, processos químicos, documentos de ministérios da agricultura, relatos de incêndios, cartas sobre catástrofes climáticas do passado, diários, biografias, romances, estudos psicanalíticos, Psicologia da arte, releitura dos clássicos greco-romanos, o discurso mítico, Antropologia cultural, culto de santos, doutrinas religiosas, livros pornográficos e clandestinos, estatísticas de publicações diversas, ilustrações, caricaturas, jornais, manuais de bons hábitos, fotografias, literatura médica, receituários, dietas alimentares, documentos de ministérios da saúde sobre epidemias, escrituração de estabelecimentos voltados ao abastecimento, contas da Assistência pública, estudos de Biologia, cardápios de hospitais e listas de compra, menus de restaurantes, arte culinária, utensílios de serviços de mesa, sondagens de opinião pública, depoimentos orais, filmes mudos, sonoros e coloridos, plantas de salas de exibição de filmes, letrados, legendas, técnicas de filmagem, filmes de propaganda política, festas de loucos, fantasias, comemorações nacionais, bailes, cores, programas de festas públicas e particulares, homenagens, músicas, celebrações religiosas, discursos, trajes especiais e uma infinidade de outras mais.(PINSKY & JANOTTI, 2008, p. 15).

Neste momento percebe-se que a História não depende apenas ou só das fontes históricas, mas como afirmava Lucien Febvre um dos idealizadores da escola dos Annales, "sem problema não há história"⁹. Pois sem a problematização e os questionamentos sobre um determinado objeto não conseguimos entender o que ele representa, é por isso que a relação entre a História e as outras disciplinas vão colaborar e proporcionará o surgimento de novos conhecimentos e novas discussões. Febvre também está certo pois se tivermos apenas a fonte histórica e não soubermos questioná-la ela não irá nos proporcionar novos conhecimentos. Portanto corroboramos com a ideia de Barros, quando ele afirma que tanto a fonte histórica

⁹ Ibidem: p.117.

como a problematização são importantes e necessárias, pois eles se complementam e assim surge o conhecimento histórico.

O historiador moderno, contribuindo para uma incessante renovação do seu próprio saber, adotaria no mundo contemporâneo novas perspectivas, passaria a dispor de novos métodos e a contar com o diálogo e intercuro de outras disciplinas como a Geografia, a Linguística e a Psicologia – apenas para mencionar três campos relacionados aos exemplos antes expostos: a paisagem, a palavra e o gesto. Tudo isto e mais o interesse por novos objetos, até então negligenciados pela História tradicional, fez com que a historiografia contemporânea se encaminhasse para necessitar cada vez mais de outros tipos de fontes que não só as tradicionais crônicas e os habituais registros arquivísticos. Assim, se os arquivos oficiais continuam a ser fundamentais para o trabalho dos historiadores, eles estão longe de serem suficientes para fornecerem tudo o que os historiadores necessitam para o seu trabalho. (BARROS, 2019, p. 06).

1.2 - História e Literatura um diálogo através da História Cultural

Existem muitos meios de se pensar a História e formas de organizar um conhecimento histórico, isto só é possível através das teorias, métodos e fontes presentes. Conseguimos observar essas possibilidades de uma forma muito clara e também percebemos que elas mudam de acordo com o tempo e a sociedade. Assim também foi relacionado ao encontro de dois campos de conhecimento, a História e a literatura. Durante um longo período vimos que elas se completavam, dialogavam entre si, porém com a divisão dos conhecimentos e o surgimento do cientificismo no decorrer do século XIX, fez com que o campo historiográfico adotasse métodos científicos e positivistas fazendo com que essas áreas de conhecimento se afastassem.

Poesia, arte e ficção seriam progressivamente desqualificadas como modos do conhecimento da realidade, passando a habitar um terreno quase etéreo: lugar de fantasia para o artista ou de metafísica para o intelectual. Do outro lado, elas habitariam as ciências dos homens sensatos e progressistas, com suas leis e seus postulados de objetividade, racionalidade ou referencialidade, cumprindo funções utilitárias. Assim, as noções de História, desde o século XIX, que pretenderam a cientificidade da disciplina, ou as manifestações do realismo e do naturalismo na Literatura do mesmo período, tiveram como fundamento essa distinção. (ENGEL, 2007, p. 24).

Entretanto para que possamos compreender melhor a relação entre essas áreas devemos conhecer mais sobre cada uma. A Literatura é um dos mais antigos campos de produção humana, ela se apresenta como uma manifestação artística da qual fez e faz parte de quase todas as culturas e povos, de acordo com as suas tradições e costumes, assim como as danças, as esculturas, as arquiteturas, dentre outras. Ela se materializa principalmente através da escrita,

mas também da tradição oral, como uma forma de comunicação, de linguagem entre os homens e mulheres, onde através dela irão utilizar sua criatividade para expressar as suas ideias e sua imaginação.

Os textos literários têm uma capacidade de provocar em nós diversas sensações, através de suas imagens e da sua estética. Estes fazem com que possamos refletir sobre diversas coisas, e até entender melhor a nós mesmos, nossas ações e a sociedade da qual fazemos parte. Em consequência a tudo isso a literatura vai ganhando cada vez mais espaço no campo das letras ou línguas, onde ela se apresenta em diversos formatos como poesia, romance, filosofia, ensaio político, religioso ou a própria história.

A literatura vai se tornar mais popular no século XIX em decorrência do crescimento da imprensa jornalística, pois foi através desse veículo de comunicação no qual foi publicado diversos contos literários popularizando essa área (FACINA, 2004, p. 8). No Brasil temos diversos autores que são referências no meio da literatura e iniciaram publicando contos em jornais como por exemplo, Machado de Assis¹⁰.

Seus primeiros textos foram para pequenos periódicos e revistas. Chegando a ocupar diversos cargos importantes em jornais de maior referência na capital do Rio de Janeiro. Mesmo assim continuou escrevendo para jornais, revistas e diversos periódicos. Muitas das suas obras primas a princípio foram publicadas em folhetins, e posteriormente se tornaram livros, como por exemplo Memórias póstumas de Brás Cubas, publicado em 1881. Através deste exemplo percebemos como no período citado a imprensa por meio de jornais, folhetins, revistas e as impressões de livros, estavam bastante interligadas tanto na produção de notícias como também de literatura, proporcionando uma grande popularidade para os textos.

Adriana Facina no seu livro¹¹ afirma que essa popularização da literatura interferirá no processo de criação dos escritores, pois em grande medida determinará o que ele iria ou não escrever pois o autor necessitará agradar ou pelo menos dialogar com seu público leitor. Portanto, percebemos que o processo de criação não depende apenas do autor, mais de algo bem mais abrangente. Em consequência vamos ter várias formas de escrever literatura como por exemplo, crônicas, romances, peças teatrais, dentre outras. Por conseguinte, utilizando

¹⁰ Machado de Assis (1839-1908) foi um escritor brasileiro, um dos nomes mais importantes da literatura do século XIX. Escreveu poesias, contos e romances. Foi também jornalista, teatrólogo, crítico de teatro e crítico literário. Ver em: https://www.ebiografia.com/machado_assis/

¹¹ Ver em: FACINA, Adriana. Literatura e sociedade / Adriana Facina. — Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2004.

algumas dessas formas se apropriando de fatos fictícios ou não, o literato irá criar a sua estética. Porém, não é apenas isso que vemos nestas obras literárias, além de tudo isso também estão presente as ideias, os valores e as opiniões que o autor/autora, ou a sociedade da qual ele faz parte defende.

Candido (1985) aponta que a abordagem do texto literário deve articular tanto o intrínseco da obra, logo, seu conteúdo, que engloba suas temáticas, tramas e dimensões formais, estéticas, quanto o extrínseco, referindo-se ao contexto social e temporal em que foi escrita. No contexto do tempo e do lugar, no emaranhado das relações históricas, sociais e culturais, no qual o texto literário foi elaborado, ele revela sua estética, seu estilo, sua linguagem, sua escola ou movimento, seus significados, os quais são criações coletivas e possuem sentidos, aceitação ou rejeição, nesse ambiente e tempo. (BORGES, 2010, p.101).

Através dessa explanação conseguimos compreender mais sobre a importância da Literatura como forma de conhecimento, e também como um aspecto cultural que está interligada com o autor, a sociedade e o tempo do qual ele pertence. É esta característica que faz com que entendamos que as obras literárias escritas, em um determinado lugar ou meio, pode nos ensinar bastante sobre um determinado período e as suas relações sociais.

A compreensão de que a literatura é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural, portanto, uma possibilidade de registro do movimento que realiza o homem na sua historicidade, seus anseios e suas visões do mundo, tem permitido ao historiador assumi-la como objetivo de pesquisa. (ENGEL, 2007, p. 29).

Aqui é importante fazermos uma observação, os textos literários sempre interagiram com o conhecimento histórico, sempre estiveram relacionados. Porém o conhecimento científico da História se afastou do campo literário, como vimos anteriormente. Entretanto, em consequência dos métodos e teorias desenvolvidas até meados do século passado, vamos ver uma nova reaproximação dessas áreas de conhecimentos¹².

No campo da ciência histórica, a literatura como objeto de estudo começou a ser mais aceita em meados do século XX com a abrangência maior do referencial das fontes históricas e as formas de análises proposta pelo grupo de historiadores que ficaram conhecidos como escola dos Annales, eles propuseram uma ideia metodológica e teórica que ficou conhecida como nova história ou história das mentalidades, onde o conhecimento histórico proporcionou um maior

¹² Ver em: CARVALHO, Raul Costa de. Ensino de História, Cotidiano e Literatura: Escravidão e Paternalismo em contos de Machado de Assis. Porto Alegre, 2016. Dissertação de mestrado. p. 40 a 43.

diálogo com outras disciplinas. Utilizaram novos métodos de análises, surgiram novos conceitos e também adotaram novas fontes. A partir dessas mudanças ocorridas a História voltou a se aproximar da literatura.

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. (BORGES, 2010, p. 98).

Nas teorias históricas e nos campos de análises, o que mais se apropria da Literatura, como objeto de estudo será o que foi denominado de História Cultural. Sabemos que as pesquisas que estavam surgindo em meados do século XX se interligavam à perspectiva dos Annales, ou do marxismo. Entretanto as perguntas e dúvidas que estavam surgindo naquele momento para os historiadores, não estava conseguindo ser respondidas com os usuais tipos de fontes históricas. Elas estavam relacionadas as questões culturais, aos aspectos econômicos, mentais e sociais que poderiam ser relevantes para as reflexões do campo.

Alguns pesquisadores, historiadores perceberam que apenas a análise de determinados objetos não seria suficiente para entender um período ou sociedade, que deveria ter mais aspectos que contemplassem essas pesquisas. Portanto, perceberam que tão importante quanto compreender as fontes, também era necessário entender como era a interação das pessoas com esses objetos, como eram as relações do cotidiano, seus aspectos culturais, religiosos, sociais, dentre outros.

Desta forma propondo uma análise mais ampla e plural.

De fato, ao existir qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de Cultura. "Comunicar" é produzir Cultura, e de saída isto já implica na duplicidade reconhecida entre cultura oral e cultura escrita (sem falar que o ser humano também se comunica através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social, isto é, do seu "modo de vida"). (BARROS, 2005, p. 02).

A história cultural não surge para superar ou contrariar os outros tipos de análises, mas sim complementar e abranger as diversas perspectivas do conhecimento histórico. Desta forma

nas últimas décadas surgem diversos trabalhos com a noção de uma História mais abrangente e interdisciplinar, pois as ideias que se ligam a de cultura para constituir um universo de abrangência da história cultural são as de "linguagem" (ou comunicação), "representações", e de "práticas" (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo) (BARROS, 2005, p. 03). Tendo uma grande contribuição o diálogo entre as disciplinas das ciências humanas, que é de suma importância para entender a relação entre as diversas culturas e os grupos sociais.

Essa nova possibilidade de se refletir sobre esse campo vem nos abrindo um imenso leque que nos proporciona pensar e repensar vários objetos de estudo, por exemplo, temos diversos tipos de textos onde podemos problematizar a sua escrita, sua linguagem e leitura. Através de diversos mecanismos de produção e de objetos culturais que está interligado com as intenções, estéticas, diálogos com outras produções textuais, as formas que são recebidos e apropriados pelo leitor.

Desta forma, há uma tríade a considerar na elaboração do conhecimento histórico, composta pela escrita, o texto e a leitura. No que se refere à instância da escrita ou da produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala, de onde fala e que linguagem usa. Já ao focar o texto em si, o que se fala e como se fala são questões indispensáveis. (BORGES, 2010, p. 95).

O texto escrito é uma das fontes mais utilizadas nas pesquisas históricas, principalmente aqueles que são considerados documentos oficiais, obras historiográficas e com o advento da história cultural e suas novas propostas de análises, também as obras literárias que podem ser problematizadas pelo historiador. Visto que em decorrência das características do objeto de estudo podemos destacar alguns aspectos da sociedade onde foi produzido. Pois o que se analisa não é apenas o texto em si, mas as circunstâncias em que foi criado e a sua finalidade.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1990, p. 545).

Uma das fontes históricas que estão sendo muito estudadas nos últimos anos, como aqui já referido, na produção do conhecimento historiográfico são exatamente as obras literárias visto que as possibilidades de podermos utilizá-las são inúmeras, elas nos proporcionam a

oportunidade de pensar a literatura como “reflexo” e criação do seu próprio tempo, em consequência disso acaba reproduzindo alguns aspectos que nos proporcionam pensar determinado espaço, tempo e sociedade.

Pois a ideia de uma pesquisa como esta não é apenas as obras literárias, ou seus escritores em si, mais toda a estrutura que a compõe como por exemplo o imaginário, o simbólico, social, religioso, cultural e o econômico.

Assim, contextualizar o texto com o qual se trabalha é indispensável para elucidar o lugar em que foi produzido, seu estilo, sua linguagem, a história do autor, a sociedade que envolve e penetra o escritor e seu texto. A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas. (BARROS apud BORGES, 2010, p. 96).

Através da relação entre a História e a Literatura podemos pensar estas narrativas literárias como resquíio material da imaginação e da criação, de uma época, ou do escritor. Desta maneira, a relação entre essas áreas de conhecimentos possibilitam o trabalho do historiador de compreender as representações, que fazem parte de um determinado imaginário social. Mas, evitando reduzir o discurso histórico ao texto, Roger Chartier afirma que devemos ser “capazes de perceber as dinâmicas sociais que implicam a construção dos discursos históricos, reconhecendo como os atores sociais investem de sentido suas práticas e seus discursos.”. (CHARTIER, 1994, P. 97-113).

Portanto, quando nos propomos a estudar sobre esta relação, devemos ter como direcionamento inicial três aspectos, o lugar social do sujeito, ou seja, o autor e suas experiências; a temporalidade que seria o momento em que a obra foi produzida, os aspectos sociais que os cercavam; e por último a obra, qual a temática trabalhada no livro, sua relevância e qual seria a intenção em falar sobre o assunto.

Portanto, podemos observar que o conhecimento produzido está muito interligado com a subjetividade do sujeito, Michel de Certeau também afirma que “toda interpretação histórica depende de um sistema de referência; e este sistema permanece uma "filosofia" implícita particular; a qual infiltrando-se no trabalho de análise, organizando-o à sua revelia, remete a “subjetividade” do autor”. (CERTEAU, 2002, p. 57). Onde ele chama de “o não dito”, uma vez que toda narrativa tem um interesse, uma intenção mesmo que não esteja explícito.

Com esta discussão percebemos o quão importante é sabermos fazer as perguntas para o nosso objeto de pesquisa, pois como afirma Antoine Prost, “tudo é história”, mas isto depende da questão. Com isso se soubermos fazer os questionamentos, e dependendo das nossas intenções, podemos sim trabalhar o conhecimento historiográfico utilizando um livro de literatura abrangendo ainda mais o campo de pesquisa histórica. Porém, devemos tomar alguns cuidados, pois devemos tratar a literatura como o que ela é, como um todo, como uma obra de arte, devemos saber que ela foi criada com uma proposta diferente dos textos científicos.

Através das obras literárias teríamos várias possibilidades para abordar alguns temas sobre a História, através da análise do lugar social do autor, onde poderíamos refletir sobre o que o levou a criar aquela história através de poemas, romances, crônicas, dentre outras. Analisar entre as entrelinhas da obra, conhecer o escritor, o público para qual ele escreve, as ideias defendidas por ele, tudo isso deve ser analisado e problematizado para que possamos entender de fato a proposta da obra.

As representações do mundo social, de uma realidade, tanto objetiva quanto subjetiva, de um tempo e lugar, resultam do entrecruzamento de aspectos individuais e coletivos. O literato não cria nada a partir do nada. Não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história. De acordo com Candido (1985, p. 24), a criatividade, a imaginação e a originalidade, partem das condições reais do tempo e do lugar, as quais, ressaltamos, podem ser concretas ou não, da existência social e de suas experiências. (BORGES, 2010, p. 10).

Em consequência as narrativas literárias sempre estarão relacionadas com as singularidades que levaram ao autor a escrever de determinada maneira, seja em decorrência de uma necessidade individual ou coletiva. E através da análise histórica conseguimos conhecer melhor os aspectos sociais e históricos do qual ele está inserido.

1.3- A Ficção literária produzindo Conhecimento Histórico

Ficções literárias são narrativas construídas de acordo com a imaginação do escritor, onde ele é livre para criar os personagens, os locais e todo o enredo de uma história. Porém, quando se busca analisar as formas de relação social, individual ou político, conseguimos nos aproximar do momento em que o autor vivenciou ou de como a sociedade se relacionava naquele período histórico, presente na narrativa.

E exatamente esse aspecto que liga a aproximação entre a História e a Literatura, pois através destes romances, crônicas, poemas, dentre outras expressões literárias, o historiador consegue obter algumas informações sobre determinado período através das experiências do escritor, das informações trazidas pelos personagens e o enredo da trama. “A literatura, como testemunho histórico, é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento”. (BORGES, 2010, p.103).

Portanto, para conseguir desenvolver uma boa análise devemos nos propor a observar o todo, ou seja, o conjunto entre a obra, o escritor e o seu público, ou a sociedade da qual faz parte. É importante perceber que o meio no qual vivemos faz com que tenhamos conosco, algumas ideias, conceitos, formas de agir e ver o mundo. Esses aspectos se mostram através das nossas produções, das nossas criações sejam elas artísticas ou científicas, mesmo que não seja intencionalmente, porém essas características sempre irão estar lá, falando um pouco sobre quem somos, de onde viemos e o que pensamos. Vai estar intrinsecamente ligado a essência da obra de arte, obra literária ou científica, é o que Michel de Certeau chama de o não dito como já indicado anteriormente.

Antônio Cândido em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006), nos ajuda a entender um pouco mais sobre essa relação e propõe que tenhamos mais alguns cuidados quando estivermos fazendo estas análises. Ele fala sobre o trato que devemos ter com as obras literárias ou de arte, afirma que não devemos ter a pretensão de fazer uma análise literária ou artística, pois nós das ciências humanas, no nosso caso historiadores, não estamos preparados nem temos a qualificação necessária para isso. Estes aspectos técnicos, de forma, estilo, dentre outras questões específicas devem ser feitas por especialistas na área, porém isso não significa dizer que não tenhamos que conhecer, entender sobre o nosso objeto de estudo.

É necessário termos a maior quantidade de informação viável, para que consigamos um resultado mais completo possível nas nossas pesquisas. Portanto, podemos e devemos fazer outras perguntas e observações sobre essas produções artísticas como por exemplo: “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (CANDIDO, 2006, p. 28). Dentre outras perguntas que estejam mais direcionadas ao nosso campo de estudo.

Desta forma elas irão fazer com que possamos refletir melhor sobre a nossa pesquisa e com isso perceber a influência dos fatores socioculturais que prevalecem na obra, aspectos esses que estão ligados a estrutura social, os valores e ideologias predominantes em determinada sociedade e tempo. Alguns pontos que não podemos deixar de analisar sobre o processo de criação de uma obra literária ou artística são os seguintes:

Os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. (CANDIDO, 2006, p. 31).

Assim como também ao historiador que se propõe analisar estas obras, percebe-se na historiografia um grande crescimento e visibilidade dos trabalhos em relação a essas fontes. Com a perspectiva da história cultural, abrange o horizonte destas investigações fazendo com que possamos conhecer outros povos, novos modos de ver as relações através do seu imaginário, proposto por obras de arte como pinturas, literatura, arquitetura, culinária, danças, músicas, ações cotidianas, dentre outros aspectos. Sendo possível ainda dialogar, interagir com aquelas fontes consideradas tradicionais, como por exemplo, documentos oficiais, jornais, cartas, e outras. Todavia se mostra uma proposta que não limita, mas sim, amplia cada vez mais o campo historiográfico.

Os historiadores parecem, hoje, ter colocado entre parênteses as grandes verdades científicas e as explicações totalizantes, que não dão conta da complexidade do real e que se inclinam perigosamente para a simplificação dos modelos. Também, pareceu ter deixado de lado debates estéreis, com a radical separação real/imaginário ou a interminável discussão sujeito/estrutura. Por outro lado, parece consenso entre os historiadores deste nosso final de século e de milênio, ou pelo menos de sua parte significativa, que conceitos como os da representação, do imaginário e do simbólico ganharam destaque nas preocupações atuais que mobilizam os trabalhos acadêmicos. (PESAVENTO, 2000, p. 37).

Portanto, a superação dessas fronteiras e a relação interdisciplinar entre as áreas de conhecimento, e as ações do homem no decorrer do tempo, só irá proporcionar um maior entendimento sobre a nossa sociedade e a forma que nós vivemos. É por isso que decidimos neste trabalho discutir sobre essa relação entre a História e a Literatura, utilizando conceitos do

campo da história cultural e realizando um exercício de produção de conhecimento histórico com alunos do ensino fundamental.

Sobre as obras literárias, a sua característica ficcional surge do imaginário do escritor, da sua criatividade, mas, entretanto, ele se espelha, se referencia da realidade, das suas experiências ou de outras pessoas, inclusive de outras obras, que também podem ser literárias as quais recepciona. “Mas ele se cerca do real, de elementos de veracidade para dar vida e verossimilhança, talvez mesmo autenticidade ao seu texto.” (PESAVENTO, 2000, p. 52). É esta verossimilhança que nós historiadores buscamos entender e relacionar com a História, esse aspecto que torna o diálogo entre essas disciplinas possível. São essas características que analisaremos no romance da Rachel de Queiroz selecionado como fonte, *O Quinze*, no decorrer desse estudo.

Pensando que as narrativas, sejam históricas ou literárias, ou outras, constroem uma representação acerca da realidade, procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, que é uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora da comunicação e da veiculação das representações. (BORGES, 2010, p. 95).

1.4- O Ensino de História, as suas propostas e dificuldades

Todas estas questões abordadas anteriormente relacionam-se também com o ensino de História, uma vez que o conhecimento criado tem como objetivo ser propagado e divulgado, principalmente nas escolas e universidade. Desta forma o aprendizado passará por mudanças, assim como ocorreu no fazer historiográfico, e com as formas de se pensar História, no decorrer do tempo. Os meios de ensinar também sofreram alterações, e no tempo presente ainda estão sujeitas a constantes mudanças na sua organização, metodologias e objetivos.

O ensino de História sempre esteve muito próximo da ideia de reproduzir uma identidade nacional homogênea, e com o objetivo de desenvolver e propagar a noção de cidadania para os jovens inicialmente da elite econômica e política, e paulatinamente de outros setores sociais, com a universalização do ensino básico. Já que é por seu intermédio que iremos conhecer melhor a política, a sociedade e a cultura do país, através dos fatos e das narrativas históricas.

Não é por acaso que em tempos de disputas políticas e ideológicas essa disciplina seja tão criticada, seja por imposição política ou através de decretos de leis, como por exemplo na

ditadura militar, onde ela é extinta do currículo do ensino básico e substituída por uma nova disciplina, que foi os Estudos Sociais. Ou através de distorções de fatos históricos, por determinados grupos políticos para descaracterizar, ou deslegitimar, fatos e interpretações importantes da nossa história, algo que está presente nos dias de hoje, através das redes sociais e publicações de livros e documentários.

Para entendermos melhor o ensino de História é importante conhecermos qual foi a sua proposta inicial. No período Imperial foi criado de fato a disciplina de História nas escolas do Brasil, essa iniciativa foi um ato político, não foi desenvolvida apenas para instruir, não era mais uma História secular apenas ligada a religião, neste momento ela foi organizada com uma intenção e um papel muito importante para a nação:

A constituição da história como disciplina escolar no Brasil com objetivos definidos é caracterizada como conjunto de saberes originado da produção científica e dotado, para seu ensino, de métodos pedagógicos próprios- ocorreu após a independência, no processo de estruturação de um sistema de ensino para o Império. (FONSECA, 2011, p. 42).

Portanto, podemos destacar que a História no Brasil toma um caráter científico neste momento, pois agora tem uma função importante que é formar cidadãos adequados para o fortalecimento do Estado que se constituía, e de uma construção de uma identidade nacional, patriótica. Estes aspectos são de extrema importância para legitimação de um estado que acaba de se formar, já que o Brasil se tornava independente naquele período.

Percebemos que desde sua criação, já existia um encaminhamento ligado também a questão política. Hoje em dia a História tem como pretensão novos objetivos, onde se aproxima mais do social do que do político, de acordo com os direcionamentos do meio e suas necessidades, a forma e os objetivos de se ensinar e aprender mudaram no decorrer do tempo. O ensino de História tem como objetivo fazer com que os estudantes se sintam sujeitos, agentes da sua própria história, faz com que eles se percebam participativos e protagonistas das ações e mudanças no mundo. Possibilita que através dos conteúdos eles reflitam sobre as mudanças e permanências através do tempo e suas consequências. Esperasse que eles consigam desenvolver uma noção de cidadania, onde possam estudar e entender seus direitos e deveres, se tornando sujeitos ativos e participativos.

Nesse contexto, um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos

agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania. (BRASIL, 2017, p. 396).

As mudanças ocorreram e vão ocorrer pois tudo tem um determinado fim e direcionamento. Normalmente eles estão ligados a objetivos que não depende apenas de nós, nem das políticas públicas, mas também dos estudantes. Eles como participantes ativos, também escolhem o que querem, ou não, aprender. Para isso caberia aos professores conseguir algum meio ou forma para fazer com que esses jovens busquem o querer aprender.

Sabemos que o ensino nas escolas vem sendo desafiado pela contemporaneidade e suas novas tecnologias. Muitas vezes os estudantes recorrem a vídeo aulas, e outros meios para complementar, ou em algumas vezes substituir as aulas do seu professor. Principalmente quando falamos sobre a disciplina de História, achamos muito válido que os estudantes busquem novas formas de aprender, entretanto com todo esse acesso à informação nos deparamos também com um grande campo de disputa ideológica. Inclusive no Brasil no qual está ganhando espaço uma grande onda de revisionismo, e relativismo da História, não relacionado ao aspecto teórico ou metodológico, mais sim para favorecer a determinados interesses de grupos conservadores, que atualmente vem ganhando um lugar significativo no meio social e no cotidiano dos nossos estudantes.

Afirmações baseadas apenas em filiações ideológicas são, no mínimo, desprezíveis, podendo tornar-se perigosas quando, além de não verdadeiras, acabam se tornando veículos de preconceito e da segregação. É o caso de, por exemplo, "verdades" como "os índios não são bons trabalhadores", "as mulheres são inferiores", "os jovens são sempre revolucionários", "o holocausto não ocorreu", ou "o Brasil é país pacífico" e assim por diante. (KARNAL & PINSKY, 2010, p. 24).

Isso faz com que alguns conceitos, teorias e métodos utilizados para entender o conhecimento histórico não sejam usados, prejudicando o entendimento de certas aprendizagens. Sendo assim, sabemos o quão é importante nos posicionarmos sobre algumas destas ideias, e também buscarmos novas formas e métodos para dialogar com os estudantes, durante nossas aulas, para que eles se sintam mais atraídos pela disciplina e pela escola, para que com isto os alunos busquem complementar seus estudos com outros meios, mas de uma forma crítica e consciente. Desta forma eles também podem se perceberem como participantes ativos e sujeitos de sua própria aprendizagem.

É importante destacarmos que, para fazermos com que o conteúdo tenha mais sentido para o nosso estudante, devemos buscar meios para que eles percebam que o importante não é conhecer todos os detalhes da disciplina, após o fim da aula, e sim através do ensino e aprendizagem possamos problematizar e ver as estruturas, e as relações ao nosso redor de uma forma mais abrangente, pois somente assim o ensino pode gerar significados para o estudante.

Este é um dos principais aspectos do ensino de história, gerar significados, proporcionar a possibilidade de saber se posicionar diante as incoerências da sociedade, despertar a autonomia de um sujeito crítico e problematizar o presente.

A formação moral e a transmissão de valores sempre estiveram presentes na educação, mas variavam conforme o contexto sociopolítico. Especificamente no que respeita a história, essa teria papel central na formação da consciência histórica nos homens, viabilizando, dessa forma, a construção de identidades. Logo ensinar história se processaria no interior de lutas políticas e culturais. (BITTENCOURT, 2005, p. 17).

Sabemos da importância do ensino de História hoje em dia, porém percebemos que boa parte dos estudantes não tem muito interesse pelo conteúdo trabalhado em sala de aula ou as vezes a metodologia adotada pelo professor para trabalhar o tema ou a disciplina não lhes atrai. Sabemos que quando os estudantes adotam um maior protagonismo e participam do processo de ensino e aprendizagem consequentemente despertam mais o interesse em buscar novas informações e construir novos conhecimentos. Cabe ao professor no papel de mediador encontrar a melhor forma e linguagem para que conquiste mais a atenção dos alunos e consiga os tornar mais participativos nas aulas.

É por isso que devemos nos dedicar para que eles percebam a importância desse conhecimento, para isso devemos nos comprometer a proporcionar novos diálogos sejam eles relacionados a conteúdos referentes a atualidade, com outras disciplinas através da interdisciplinaridade ou até mesmo com recursos didáticos que possam gerar uma maior interação entre o ensino e a aprendizagem.

A utilização de novos recursos no ensino vem a somar no aprendizado e na significação do conteúdo ensinado, seja através de imagens, filmes, músicas, quadrinhos, obras literárias, dentre outras. Pois sabemos que na educação básica os estudantes não estão muito interessados na quantidade de assuntos ou informações abordadas, mais sim a forma que é desenvolvida a aula. Fica nítido o interesse e a participação deles quando relacionamos o conteúdo com algum recurso que não seja apenas o livro didático e o quadro branco. Portanto, utilizando esses

diversos tipos de linguagens conseguimos despertar a atenção do estudante, fazendo com que o ensino se torne mais significativo, não tendo o conteúdo apenas como o fim, mais também como um meio utilizado para construir ou compor essas linguagens.

Entretanto, não podemos deixar de afirmar que além disto o ensino de História tem que ser instrutivo e educacional, o professor que se propuser a utilizar alguns destes recursos deve estar preparado, tem que dominar essas novas formas de linguagem, e fazer com que o conhecimento da História tenha sentido. Comumente vemos diversos professores utilizarem de filmes, imagens, jornais, dentre outros recursos didáticos, mais não conseguem desenvolver um bom diálogo com esses documentos, o que não produz e não gera nenhum conhecimento significativo, e as aulas continuam sem despertar o interesse do aluno.

Temos que proporcionar uma discussão na qual o jovem se envolva e tenha motivação de aprender cada vez mais, e nem sempre a utilização de recursos visuais ou outros meios didáticos conseguem atrair a atenção e o comprometimento deles. Muitas vezes se veem distante do assunto estudado, seja no período da antiguidade ou até mesmo na redemocratização do Brasil no final do Século XX, muitos fazem aquela famosa pergunta, por que estudar isso? ou, por que estudar História? Pois para alguns não faz sentido, por isso precisamos assumir o nosso papel e propor um meio de pensar o presente dialogando com o passado, para que eles possam entender qual a função da História e qual o seu papel como estudante e cidadão.

O passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de histórias serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente. (KARNAL & PINSKY, 2010, p. 23).

Muitos dos nossos estudantes acreditam que o objeto de estudo da História é apenas o passado, não é apenas eles que pensam assim, muitos dos nossos colegas de outras disciplinas ou então os pais também corroboram da mesma ideia. No entanto sabemos que esta ideia é equivocada, o aprender da História está tão ligado com o presente quanto com o passado, pois a nossa análise parte da estrutura social da qual pertencemos, onde tentamos entender como ela funciona e como ela se deu, então é um intenso diálogo entre presente e passado. É por isso que devemos ter como referência nas nossas aulas as questões econômicas, sociais, culturais e assim como as problemáticas que derivam delas na atualidade, como por exemplo a desigualdade social, o preconceito racial, sexual, religioso, dentre outros. Temas estes que fazem parte do dia a dia dos jovens, e podem despertar neles a vontade de saber cada vez mais.

Esta é a ideia, sabemos que é difícil ter a atenção deles, mais é necessário tentar alcançá-la, para isso devemos pensar como melhorar o ensino em sala de aula e o que pode ser feito. Falamos dois aspectos que acreditamos fazer muita diferença, a utilização de novos recursos e relacionar a atualidade, ou o meio do qual os alunos fazem parte com o conteúdo estudado, neste trabalho vamos propor esta relação com a Literatura, desenvolvendo assim uma ideia também de interdisciplinaridade. “Para existir interdisciplinaridade, parece óbvio que deve haver, além de disciplinas que estabeleçam vínculos epistemológicos entre si, a criação de uma abordagem comum em torno de um mesmo objeto de conhecimento.”. (BITTENCOURT, 2004, p. 256).

A multidisciplinaridade, e a compartimentalização das disciplinas, ainda é algo bem comum nas escolas e bastante questionado, por mais que se fale da importância da interdisciplinaridade ainda se vê uma grande dificuldade de ser colocada em prática. Cada professor trabalha o seu conteúdo em suas aulas, sem proporcionar nenhum diálogo com as outras disciplinas, como se fossem “ilhas”. Portanto, para conseguir romper com este aspecto, deve haver um maior diálogo entre as disciplinas aonde se pode proporcionar reflexões sobre um mesmo tema, onde cada área utilizaria as suas especificidades.

Como proposta de um conhecimento interdisciplinar os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNS, nos apresentam a proposta de desenvolvermos estudos com os alunos sobre os temas transversais que seriam: Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual e Meio Ambiente. Esses temas são apresentados de forma bem amplas para que os professores de acordo com as suas áreas trabalhem as suas especificidades, proporcionando mais conhecimento. Porém, esses temas não são os únicos, são apenas uma proposta para que possamos colocar em prática no dia a dia mais ações como essas.

Portanto, a interdisciplinaridade é importante, para o desenvolvimento da aprendizagem e também para a abranger a relação entre as disciplinas. Hoje em dia temos mais de uma dezena de disciplinas escolares no currículo do ensino básico, onde os estudantes tem que desenvolver as habilidades e competências em cada uma, como vimos anteriormente sendo que na maior parte das vezes essas disciplinas não dialogam entre si, se perdendo uma grande oportunidade de desenvolver ótimos trabalhos e projetos juntas.

É por isso que resolvemos através desta pesquisa proporcionar um maior diálogo interdisciplinar para trabalhar temáticas do conteúdo de História através da literatura. Pois são ações que podem ajudar a gerar umas aprendizagens mais significativas para os alunos. Pois a

relação, à troca, integração do conhecimento propõe uma ideia mais completa de um determinado tema, facilitando o seu entendimento.

Romances, poemas, contos são textos que contribuem, pela sua própria natureza, para trabalhos interdisciplinares. O uso de textos literários por outras disciplinas faz parte de uma longa 'tradição escolar' que remonta ao período em que dominava o currículo humanístico. Atualmente a literatura integra os conteúdos das aulas de Língua Portuguesa, mas tem sido utilizada por outras disciplinas, a ponto de existirem muitos exemplos de atividades integradas entre duas ou mais tendo por base textos literários. (BITTENCOURT, 2004, p. 338-339).

1.5 - Aprendizagens através do Ensino de História e a Literatura

A aproximação entre as duas áreas do conhecimento que é a História e a Literatura, como já vimos, pode tornar a aprendizagem mais diversa, no ensino de História propusemos trabalhar um gênero literário, um romance para que através dele pudessemos estudar sobre um determinado momento, fato e época por meio da produção da escritora. Com isso temos uma proposta que tende a estimular a leitura, a imaginação, a interação com gêneros literários, com isso nos aproximamos de uma forma interdisciplinar com os professores de língua portuguesa e de literatura, para aprofundar/facilitar ainda mais a produção do conhecimento. Como podemos ver, através de um objeto de estudo, podemos explorar diversos assuntos propondo uma discussão de maior magnitude e relevância.

A utilização destas áreas de conhecimento é uma parceria muito interessante para ser utilizada em sala de aula, pois a forma e a escrita de uma obra literária é diferente de uma obra historiográfica ou de um livro didático. Normalmente um romance literário consegue prender à leitura, fazendo com que se coloque no lugar dos personagens, com isso cria um sentimento seja de simpatia, antipatia ou empatia. Desta forma as informações que conseguimos retirar daquela leitura são mais marcantes do que uma obra que não lhes ocasiona nenhum desses sentimentos.

Por mostrar um mundo mais dinâmico, e fazer uma aproximação do leitor com a história e os personagens a literatura se torna muitas vezes mais atraente para o público, e principalmente para os jovens. Como a obra literária permite que o escritor possa desenvolver mais a sua imaginação, podendo utilizar de ficção ou não, devemos ter um certo cuidado quando formos propor reflexões sobre elas no ensino de História.

Para isso devemos ter as condições necessárias para entender a obra, portanto nós podemos utilizar dos campos teóricos, métodos e outras fontes para compor um novo conhecimento. Através disso percebemos a grande diferença entre esses campos de conhecimento, a História propõe trabalhar com o que é mais visível, real, vai apenas até onde as fontes e os fatos nos permitem, já a literatura, perpassa esses limites, pois o que dá vida a uma obra literária é a imaginação do escritor.

Ao aceitar o desafio de recorrer ao uso dessas linguagens para ensinar História, algo importante não pode ser desconsiderado pelo professor e, portanto, deve ser indissociável de sua ação pedagógica: é que essas modalidades de linguagem, assim como ocorre com outras manifestações artísticas – cinema, pintura, desenho, histórias em quadrinhos e teatro – devem ser entendidas naquilo que lhes é essencial: como produções artísticas, isto é, que não podem ser reduzidas à racionalização apertada e funcional de quem as utiliza como recurso de ensino. Essa dimensão não pode ser aprisionada, nem suprimida por nenhuma outra, pois isso implicaria a negação de sua existência no que há de mais idiossincrático no campo criativo. (FONTINELIS, 2016, p. 133).

Podemos e devemos utilizar essas linguagens, mas sem esquecer da sua proposta inicial, que é ser uma obra de arte. Então podemos problematiza-las, localiza-las em um determinado momento histórico, destacar a referência sobre algum assunto ou temática ligada à História, mas não podemos deixar de usa-las como manifestação artística, pois muitas vezes poderá ser o que sensibilize os estudantes, fazendo com que eles reflitam sobre todos os aspectos relacionados ao objeto de análise.

A forma destas obras é o que faz delas únicas, as suas características, os aspectos que mostram a presença do seu criador, é que as tornam especial. Ao se propor estudá-las devemos entendê-las bem, aprofundando uma análise no campo artístico, literário, dentre outras. Assim como também devemos fazer relacionado ao campo da História, mais não podemos confundí-las já que são áreas distintas.

Por exemplo, se tratando de uma obra literária, o autor pode se expressar através de algumas palavras grafadas de forma errada propositadamente, alguns dados históricos não precisos, conceitos ou terminologias inexistentes fora daquela obra, dentre outras características que podemos encontrar. Portanto se alguém propusesse “concertar” possivelmente a obra já não seria a mesma, se propusesse corrigir as datas, as localidades, os conceitos através dos conhecimentos científicos ela já perderia as suas especificidades, pois as características que mostram a sua identidade foi retirada ou modificada. O que poderíamos fazer, seria analisa-la e tentar entender o porquê do escritor se expressar desta forma, mais não a modificar.

São essas características que fazem com que a experiência em trabalhar com as manifestações artísticas sejam tão interessante e empolgante, elas fazem com que possamos construir um diálogo entre a imaginação e os métodos e teorias do campo historiográfico de forma que eles poderão se complementar e construir um conhecimento heterogêneo, cada um respeitando os seus campos de estudo.

Como uma forma de fazer esse diálogo empregando outra linguagem no ensino de História, utilizaremos a literatura como uma proposta a fim de que os estudantes tenham acesso a uma outra narrativa além da descrição científica, utilizando da ficção ou imaginação dos literatos que poderiam gerar uma maior empatia aos jovens, proporcionando ao sujeito uma maior sensibilização, na qual poderia ajudá-lo a pensar e problematizar determinado objeto que o professor poderia destacar para ser analisado em sala, de uma forma mais aprofundada ou com mais interesse.

Portanto, gostaria de destacar neste momento dois trabalhos de dissertação que nos ajudaram a entender essa relação entre História, ensino de História e Literatura e nos serviram como referência para o desenvolvimento deste texto. As suas reflexões estão relacionadas ao mesmo campo de estudo, porém o objeto de análise e a metodologia são diferentes da nossa proposta. Entretanto as reflexões teóricas e metodológicas nos ajudaram a pensar essa pesquisa.

A primeira é uma dissertação de 2007, *Literatura e História: Diálogos na sala de aula* de Odilse Grasselli Engel pela UCS- Universidade de Caxias do Sul. Esta dissertação propõe fazer um diálogo entre a Literatura e a História, onde a autora propõe uma discussão de como introduzir textos literários nas aulas no Ensino Médio e sua assimilação pelos alunos. Também analisa a presença ou não da literatura nos livros didáticos de História relacionado aos fatos históricos do Rio Grande do Sul. Como seu objeto de pesquisa ela também utiliza romances literários sobre a História do estado, e a sua possível contribuição nas aulas.

A obra literária estudada por Odilse Engel é a *Cocanha* de José Clemente Pozenato. O romance refere-se à imigração italiana, para o Rio Grande do Sul. Segundo a autora este livro proporciona a aproximação do texto literário ao fato histórico. Ela apresenta a obra como espaço do entrecruzamento dos vários campos do conhecimento que possibilita diversas leituras.

Na sua pesquisa ela discute a articulação entre os textos literários e historiográficos, tendo que estes apresentam condições para uma melhor construção do conhecimento histórico nas aulas da disciplina no Ensino Médio.

A pesquisa discute que, além de fenômeno estético, a literatura deve ser entendida como uma expressão cultural representativa de memórias sociais, que propicia ao leitor reflexões acerca das realidades regional e universal e de seu papel em relação ao contexto social em que se encontrar inserido. Atuando sobre os indivíduos, o texto literário escolhido para estudo pode, por exemplo, promover tanto uma percepção crítica quanto uma identificação com a comunidade representada, produzindo um sentimento de pertencimento ou não à região. (ENGEL, 2007, p. 07).

Para complementar também utilizaremos a dissertação apresentada em 2016, *Ensino de História, Cotidiano e Literatura: Escravidão e Paternalismo em contos de Machado de Assis*, desenvolvida por Raul Costa de Carvalho no programa do PROFHISTÓRIA da UFRS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo do trabalho é propor aos professores de História algumas discussões sobre o cotidiano, ele apresenta uma perspectiva possível para ser utilizada na abordagem de diferentes conteúdos em sala de aula. A partir de reflexões sobre a relação entre História e Literatura, através de contos de Machado de Assis como recursos para o ensino utilizando a discussão sobre a escravidão, e o paternalismo no segundo reinado do império.

Ao pensar no uso da Literatura para ensinar história, é preciso levar em consideração uma série de pontos em comum que esta possui com a narrativa histórica: ambas são formas de construir narrativamente os tempos, os espaços, os eventos, os sujeitos, os personagens; só existem como produto de tramas, de enredos, da imaginação humana. Assim, segundo alguns pesquisadores, não poderia ser tratada apenas como mais uma fonte inocente, que não sabe o que diz, que só revela suas informações ao ter suas entrelinhas minuciosamente decifradas pelo trabalho do historiador. (CARVALHO 2016, p. 40).

Estes textos que nos referimos até agora estão nos ajudando a pensar o nosso trabalho através desta perspectiva, por mais que os objetos de pesquisa destes trabalhos sejam divergentes da nossa proposta, a metodologia utilizada e as reflexões teóricas irão nos ajudar a problematizar e melhor entender a nossa temática de estudo.

Portanto, trabalharemos o romance de Rachel de Queiroz *O Quinze*, esta obra é uma escolha ideal para darmos início a um estudo sobre os movimentos migratórios e os campos de concentração no Ceará para os estudantes do ensino básico, pois além de ser uma temática que não é muito discutida e presente nos livros didáticos, muitas vezes os nossos estudantes não conseguem perceber a gravidade desses eventos históricos para o Estado do Ceará, e com a utilização de um romance como este para iniciar uma discussão que poderá conceber uma conexão maior com a temática proporcionando até uma sensibilização, fazendo com que eles

entendam de uma forma mais abrangente as condições dos campos de concentração e todas as circunstâncias que cercavam os movimentos migratórios daquele período.

Trabalhar com sensibilidades significa trabalhar com emoções, sentimentos, paixões, amor, ódio, raiva, desencantos, significa trabalhar com a experiência humana que nos permite saber sobre o comportamento, a mentalidade, a representação, enfim as formas pelas quais os homens experienciam e sobre a identidade dos atores sociais que qualificaram a realidade em que viveram. (ASSIS, 2008, p. 04).

São esses sentimentos que as obras literárias conseguem expressar de uma maneira mais íntima, tanto através dos personagens como do próprio enredo da história, proporcionando ao leitor emoções parecidas e fazendo com que sua atenção se prenda cada vez mais. Característica essa que são muito raras nos livros didáticos utilizados na escola, onde tem como intuito proporcionar uma leitura mais informativa.

Assim como também foi durante um longo período, o conhecimento histórico tinha uma ideia mais descritiva, sobre os acontecimentos do passado. Porém, esta abordagem na forma de escrever e pensar sobre o conhecimento da História mudou. A nova história cultural no decorrer dos últimos anos fez com que a subjetividade ganhasse mais espaço nas pesquisas, onde se discutiria o imaginário social e conseqüentemente a sensibilidade. A proposta agora não é apenas saber, conhecer, mas também tentar entender o que proporcionou as pessoas a agir ou viver de um determinado modo. “Pensar nas sensibilidades é voltar-se para estudo do indivíduo e da subjetividade, para o estudo das trajetórias de vida, é lidar com a vida privada e com todas as suas características e formas de exteriorizar ou esconder os sentimentos”. (PESAVENTO, 2007, p. 21).

Não tem como medir ou controlar a forma como as pessoas sentem, pois a sensibilidade é própria de cada ser, isso faz com que nós não tenhamos controle sobre determinadas pesquisas sobre essa temática. Porém, ela é uma forma de compreensão de conhecimento do mundo, através do que sentimos, aprendemos e como nos comportamos sobre determinadas coisas, resumindo pode se dizer que pensamos, interpretamos e exteriorizamos. Diferentemente do conhecimento científico que proporciona algo mais racional, direto e tenta unificar o que se conhece sobre determinada questão.

Portanto, essas emoções geram significados tanto positivos quanto negativos e com isso um maior aprendizado, é por isso que a soma da subjetividade da literatura e os conhecimentos propostos através do ensino de História possibilitam um resultado muito positivo. Por causa

dessa interdisciplinaridade se terá a possibilidade de gerar um conhecimento mais próximo do estudante, fazendo com que perceba determinadas circunstâncias as quais não entenderia se estudassem essas áreas separadamente, sem o direcionamento do professor.

É evidente que nem todos os alunos vão despertar ou ficar motivados com essa proposta de ensino, como falamos anteriormente, se tratando de emoção e sensibilidade não é algo que possamos controlar, pois depende da subjetividade de cada um. Em uma sala com diversos jovens com realidades de vida diferentes entre si, com pensamentos diversos, com desenvolvimento cognitivo diferente, não se deve cogitar alcançar resultados homogêneos.

Com toda essa discussão percebe-se que o campo para abranger o conhecimento histórico vem crescendo cada vez mais, principalmente contando com a contribuição da nova história cultural que se propõe a trabalhar com características da humanidade a qual podemos chamar de subjetivas, que é o caso dos sentimentos e emoções. Esses aspectos tanto podem ser detectados nas fontes históricas, como também das próprias pessoas que estão tendo acesso a esse conhecimento no presente. Utilizando estas duas possibilidades percebemos que eles geram diversos aprendizados facilitando a compreensão, este é nosso objetivo com a análise da obra *O Quinze*.

Desta maneira, a estreita relação entre o discurso da Literatura e o discurso da História possibilita o trabalho do historiador preocupado em resgatar o sistema de representações que compõem o imaginário social de determinada temporalidade. Para este historiador, a Literatura seria a marca de historicidade necessária para refletir sobre a sensibilidade dos homens de outro tempo. (ASSIS, 2008, p. 03).

Falamos até aqui sobre o ensino e a pesquisa histórica, discutimos como ela pode ser melhor debatida e estudada na escola, principalmente relacionada com as outras linguagens, no caso específico deste trabalho com a Literatura, como uma possibilidade que pode ajudar no aprendizado e gerar uma maior significação de determinado conteúdo para os alunos.

Porém não podemos esquecer que os jovens não aprendem apenas na escola, sabemos que no decorrer do seu dia a dia, na sua comunidade, família, instituição religiosa e gostos ele vai se formando como um ser social, com ideias próprias ou seja, ele vai desenvolver uma forma própria de ver o mundo. Com isso também irá construir a sua consciência histórica, contribuindo com a forma como ele lida com a temporalidade, como entende a sociedade, suas transformações e permanências.

Essa consciência histórica não depende das aulas ou do professor, ela vai se formando com a vivência dos jovens. Entretanto podemos contribuir através do ensino do conhecimento histórico, através dos conteúdos que desenvolvemos em sala de aula, assim ele poderá problematizar e ver as coisas de uma forma diferente se assim ele quiser.

Aproximação da disciplina de História com outras linguagens facilita a compreensão dos alunos, em decorrência do seu contato com elas, em momentos extra escolar, como por exemplo, músicas, filmes, quadrinhos, jogos eletrônicos, notícias de jornais, internet e também a literatura. Todos eles carregam consigo alguma característica que pode ser utilizada no ensino de história contribuindo para a aprendizagem histórica.

Quando falamos sobre aprendizagem histórica estamos nos referindo ao que se aprende e não necessariamente ao que se deveria aprender, ela pode ser involuntária ou intencional. Todos nós desenvolvemos essa aprendizagem em contato com diversas fontes e linguagens como os exemplos citados acima, portanto a aprendizagem histórica contribui para consciência histórica.

Consciência Histórica pode ser sintetizada como o conjunto das “operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (RÜSEN, 2010a, p. 57). Utilizando essa ideia seria errôneo afirmar que o conhecimento histórico se desenvolveria apenas na escola, percebemos que é a sua vida prática que vai proporcionar uma maior aprendizagem histórica, assim como o cognitivo do estudante.

Na perspectiva rüseniana, a relação intrínseca entre consciência histórica e vida prática remete, necessariamente, à compreensão de como a ação humana no presente está matizada pelas determinações das diferentes dimensões da cultura histórica: a dimensão cognitiva, estética, política, ética e moral, dependendo da abrangência dessas dimensões na formação da consciência histórica dos agentes. Assim, uma análise da relação entre a formação da consciência histórica e a vida prática de jovens pode levar em consideração o significado que têm determinados acontecimentos, como as manifestações de rua, nesse processo, particularmente quando estas manifestações têm como horizonte reivindicações de direitos básicos relacionados à vida prática dos sujeitos (SCHMIDT., 2016, p. 33).

Através dessa discussão pretendemos fazer com que os nossos alunos possam desenvolver uma aprendizagem histórica, ou seja não apenas aprender mais, mas que aquele conhecimento gere algum significado para a sua vida. Portanto nas aulas de História deveremos então direcioná-los a este pensamento, e fazer com que possam compreender a discussão em sala de aula de uma forma que lhes atraia, para isso é interessante utilizar alguns recursos, que

possam aproximar o tema do jovem, e da sua realidade, para que isso possa fazer algum sentido. Entendemos que as obras literárias, assim como outros recursos, possam proporcionar uma consciência histórica:

A manifestação da consciência histórica na sociedade em diversas formas e procedimentos. Inclui o trabalho cognitivo dos estudos históricos, bem como as atitudes da vida cotidiana voltadas para a compreensão do passado e a conceitualização histórica de nossa própria identidade; e não podemos nos esquecer dos museus, nem as apresentações do passado nas diversas mídias ou na literatura (RÜSEN, 2015, p. 24).

2º Capítulo

Rachel de Queiroz e o Quinze: O seu percurso no Romance literário brasileiro

Para produzir um conhecimento histórico você precisa de uma teoria e um método, em uma pesquisa histórica não se pode ter como objetivo estudar apenas o objeto em análise, como já vimos anteriormente. Portanto, quando nos predispomos a realizar este estudo, sobre o livro *O Quinze* e suas contribuições para o conhecimento histórico, em sala de aula não podíamos apenas nos preocupar em analisar o romance do ponto de vista interno. Também devíamos conhecer a estrutura que proporcionou o seu surgimento. A sociedade, a conjuntura, o momento histórico onde a obra foi produzida.

E esta análise, que versa sobre os métodos, quer dizer, sobre a produção do sentido, é indissociável, em história, do seu lugar e de um objeto: o lugar é, através dos procedimentos, o ato presente desta produção e a *situação* que hoje o torna possível, determinando-o; o objeto, são as condições nas quais tal ou qual *sociedade* deu a si mesma um sentido através de um trabalho que é também ele, determinado. (CERTEAU, 1982, p. 53).

De acordo com os pressupostos da história cultural, para desenvolver um diálogo entre a História e a Literatura devemos analisar o lugar social dos sujeitos, a temporalidade e a obra propriamente dita. José d' Assunção Barros¹³ complementa essa discussão ao afirmar que para contextualizar o texto com o qual se trabalha é indispensável elucidar o lugar em que foi produzido, seu estilo, sua linguagem, a história do autor e a sociedade pela qual é envolvida.

Portanto, nesse caso precisamos entre outras questões mais gerais, conhecer as características românticas no Brasil, o que seria o regionalismo, a mudança proposta pelo modernismo na literatura no início do século XX, os romancistas da geração de 30, assim também como o lugar social de Rachel de Queiroz, já que todas essas questões envolvem a produção da sua obra.

¹³ BARROS, José D' Assunção. História cultural e história das ideias diálogos historiográficos. Cultura Revista de História e Teoria das Ideias vol. 21 | 2005

2.1- O que é Romance Histórico

Quando nos referimos à Literatura estamos falando sobre um amplo campo da linguagem, o qual é composto por diversas expressões heterogêneas do conhecimento em que estão presentes os vários gêneros literários, os quais apresentam formas de expressão e conteúdos diferentes nas obras, em decorrência das suas especificidades. Estes gêneros podem ser divididos em três grandes grupos: o épico ou narrativo em que há a presença do narrador, onde ele descreve a história de determinados personagens no espaço e tempo; o lírico que representa a forma de expressar sentimentos e emoções através de poemas e poesias; e o dramático que está relacionado a representação em verso ou prosa através de uma encenação teatral. Como podemos observar, a forma que cada gênero tem suas características próprias, porém nesse momento vamos nos aprofundar sobre o gênero narrativo que nos traz a modalidade do romance, ao qual pertence a obra de Rachel de Queiroz *O Quinze*.

O romance como uma forma literária é caracterizada através de uma narrativa ou história ambientada em um determinado espaço e tempo, focando no enredo que direciona o personagem no decorrer da narrativa, na qual é a imaginação do autor que proporcionará um encontro entre características ficcionais e também reais. Esse gênero literário é um dos mais populares da Literatura, é uma forma que prende a atenção dos leitores e os proporciona a uma experiência prazerosa, através da trama que faz com que eles mergulhem no ambiente criado ou descrito pelo autor.

Porém, nem todo romance apresenta ou se desenvolve através das mesmas características, pois depende da forma, do meio, das condições na qual ele é elaborado. Por exemplo vamos ter um romance romântico, no qual é caracterizado pelo heroísmo ou sentimento que normalmente é o amor que vai direcionar o enredo da trama. Também há o romance realista, no qual sua principal característica é a crítica social relacionada as instituições ligadas ao meio social, e que tenta mostrar o real, sem o idealismo ou maquiagem dos sentimentos e atos. Outro ainda seria o romance naturalista que é mais incisivo que o realista, mostra as características dos personagens extraídas do cotidiano, privilegiando o meio ambiente em que vivem e suas características irracionais. Temos também o romance modernista onde existe uma crítica, um questionamento, e uma inquietação social em relação a organização e as formas da sociedade moderna.

Estas formas de romances literários não são as únicas que podemos pontuar, porém vamos destacar uma de fundamental importância para esse trabalho, que é o romance histórico,

sendo ele baseado nos costumes e culturas de uma determinada época, onde se observa e se narram os personagens vivendo de acordo com aquele tempo. Dentre todos esses tipos de romances que pontuamos, este é o que mais consegue fazer um diálogo entre a ficção e a História de forma explícita.

Portanto, esta característica faz com que possamos nos prender a esse estilo de romance literário, para que possamos fazer uma melhor ligação entre estes dois campos de estudo. Como já falamos anteriormente a História e a ficção podem se completar proporcionando um conhecimento mais pleno sobre um determinado assunto ou tema. Assim escolhemos esse estilo de romance por que ele pode nos trazer uma maior contribuição nas aulas, ajudando os estudantes a compreenderem melhor um determinado conteúdo em sala de aula, pois a Literatura se apresenta de forma mais íntima para uma boa quantidade de leitores, que não se sentem tão atraídos por textos científicos.

O romance histórico propõe um diálogo maior entre as narrativas ficcionais, a relação com os fatos históricos, sua estrutura, o seu enredo e a sua trama está composta por cenários, modos de viver e organização social que estão de acordo com os documentos e dados históricos, o que proporciona ao leitor informações importantes sobre um determinado tempo histórico, possibilitando um conhecimento mais abrangente através da obra. É exatamente esse aspecto que encontramos e queremos aprofundar através da análise do livro *O Quinze*, a verossimilhança, o contexto e os aspectos históricos presentes nesta obra que faz com que possamos entender mais sobre os movimentos migratórios em decorrência da seca no Ceará, e os campos de concentração, através da história de uma humilde família que tenta escapar da seca, da fome indo em busca de uma vida melhor na capital. “O romance não comporta heróis, no sentido clássico, mas seres humanos, igualmente capazes de atos heroicos determinados por motivos vis e de ações condenáveis movidos por sentimentos nobres.”. (WEINHARDT, 1994, p. 50).

Para sabermos se um romance é histórico ou não, devemos destacar algumas características: a descrição de fatos ou personagens que existiram em algum momento da história; o fato histórico que deve ser o ponto de partida para a construção da obra; estar relacionada com valores éticos e morais relacionado ao contexto histórico; a história deve ser construída no tempo passado em relação ao do escritor; precisa estar em concordância com documentos ou referências históricas; e por fim deve procurar estruturar a forma de vida daquele momento. Utilizando estes aspectos conseguimos avaliar se é um romance histórico ou não.

Um dos primeiros teóricos a pesquisar e desenvolver o conceito de romance histórico foi György Lukács¹⁴, essas características que citamos acima partem das reflexões e questionamentos feitas por ele para defender a ideia do romance histórico, hoje em dia é um autor bastante estudado e também criticado por suas análises, na qual alguns estudiosos acham muito engessada por conta da sua ideologia marxista, por outro lado é um dos autores mais estudados e referenciados em uma perspectiva marxista e social. Entretanto não podemos deixar de destacar que sua análise relacionada as obras de Walter Scott¹⁵ foi de suma importância para o início de uma reflexão sobre o romance histórico.

Em suas análises Lukács aponta que o surgimento do romance histórico parte do século XIX, após a queda de Napoleão, pois ele afirma que as obras criadas antes deste fato não conseguiam abarcar as relações sociais, os fatos do cotidiano dos personagens comuns. Para ele esses romances seriam as epopeias, quando narravam as histórias dos grandes homens, dos heróis, cavaleiros e princesas.

Porém, as mudanças que ocorreram na Europa do final do século XVIII para o XIX, mudaram a perspectiva da população, iniciando com a Revolução Francesa, que proporcionou uma grande queda de paradigma, quando o povo e a burguesia se apoderaram do poder na França. As mudanças que ocorreram na Europa, a partir deste fato findaram contribuindo para uma nova forma de pensar e viver, desta maneira moldando uma nova consciência histórica. Lógico que quando Lukács demonstra esta mudança de paradigma, ele está analisando de acordo com os métodos marxistas os quais ele defende.

A guerra, não mais restrita aos militares, atingindo os cidadãos, produz um alargamento de horizonte e a difusão do sentimento de nacionalidade entre a massa. Os heróis de Walter Scott não são as grandes figuras históricas. Ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência. Ele deve fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram. Trata-se de uma norma da figuração literária, aparentemente paradoxal, que se alcance

¹⁴ György Lukács (1885- 1971), Nascido em Budapeste, Hungria, György Lukács é um dos mais influentes filósofos marxistas do século XX. Doutorou-se em ciências jurídicas e depois em filosofia pela Universidade de Budapeste. <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/-539>. Acesso em: 15 de Maio de 2020.

¹⁵ Walter Scott , romancista e poeta escocês (1771-1832). Considerado o criador do romance histórico, cujo enredo se baseia na pesquisa e na reconstrução de dados e fatos reais do passado. Inspira-se na história da Inglaterra para escrever romances medievais, como po exemplo clássicos como *Ivanhoe* (1819), e *The Abbot (O Abade)*, 1820). <https://www.algosobre.com.br/biografias/walter-scott.html>. Acesso em: 15 de Maio de 2020.

esta apreensão focalizando os detalhes do cotidiano que aparecem insignificantes. (WEINHARDT, 1994, p.51).

Porém, não é apenas Lukács que apontará esta mudança desenvolvendo um novo conceito de romance histórico, essa mudança após a revolução francesa vai também servir como início do período da história que chamamos de história contemporânea, divisão essa desenvolvida por muitos historiadores que entenderam que esse movimento dá início a uma nova forma de organização da sociedade, sendo que não podemos deixar de pontuar que esta divisão do tempo histórico está ligada a uma perspectiva eurocêntrica.

Também surgiram novas formas de pensar essa sociedade e questionar a sua organização, se destacando assim o marxismo aqui já referido e o anarquismo. Na ciência da História, entre o final do século XIX e meados do XX, surgiram as análises marxistas e posteriormente da escola dos annales, que se propuseram a desenvolver estudos observando as grandes massas populacionais, e suas formas de viver e de se relacionar, populações essas que anteriormente foram excluídas, das narrativas históricas.

Esta forma de pensar proporcionaram uma maior visibilidade para as obras que tratam sobre essas temáticas mais sociais e culturais. Propiciando uma abertura maior também na literatura, principalmente através dos romances históricos que se popularizaram ainda mais como por exemplo as obras de alguns escritores como Walter Scott, Victor Hugo, Alexandre Dumas e Liev Tolstói. Muitas dessas obras se tornaram verdadeiros clássicos, conhecidos no mundo inteiro. No Brasil também tivemos diversos escritores que desenvolveram obras muito interessantes utilizando a perspectiva do romance histórico, como por exemplo José de Alencar, Érico Veríssimo, Bernardo Guimarães, Fernando Morais e Rachel de Queiroz, para citarmos alguns.

Para melhor exemplificar a presença do romance histórico no Brasil, vamos dialogar com a professora de literatura Mirhiane de Abreu Mendes (2000) que no seu artigo *Verossimilhança e Indianismo em José de Alencar*, faz uma análise das obras indianistas de José de Alencar¹⁶ e as define como romance histórico. Sabemos que este escritor do século XIX é um dos mais conhecidos da nossa literatura, e suas obras ainda hoje são estudadas e

¹⁶ José de Alencar (1829- 1877), foi um romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Foi um dos maiores representantes da corrente literária indianista. O principal romancista brasileiro da fase romântica. https://www.ebiografia.com/jose_alencar/ . Acesso em: 18 de Maio de 2020.

referenciadas, destacando assim a sua importância e contribuição para a literatura e também para a história brasileira.

As obras indianistas de Alencar seriam *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), essas obras tratam do contato do povo indígena com os portugueses, falando assim da gestação do povo brasileiro, da sua gênese, da sua origem. Nestas obras o indígena é retratado como herói, existindo assim uma grande valorização desses personagens na História, dando grande ênfase na sua participação para a colonização.

Estas obras são textos literários em que Alencar constrói toda uma narrativa entre as histórias dos personagens centrais, baseada no contexto histórico, que seria o período da colonização. Nestas ele faz uma relação entre a sua imaginação e os fatos históricos. No decorrer das obras fala sobre os costumes, cultura, organização social e também alguns fatos históricos como por exemplo, a história de Iracema “a virgem dos lábios de mel”, esta obra é relacionada com fatos e personagens que fizeram parte da colonização do Ceará.

Algo muito importante a ser destacado, é que nestes romances existe um diálogo constante com o leitor proporcionando notas e explicações de alguns fatos, de fontes que ele se apropriou e utilizou para desenvolver as suas narrativas, percebe-se que ele desenvolveu uma grande pesquisa para criar suas histórias, onde se aprofundou dos conhecimentos históricos daquele momento para proporcionar uma obra verossímil, características essas que faz com que esses escritos possam ser chamados de romance histórico.

Pensando dessa forma, qual seria o significado das notas e comentários de rodapé nos romances indianistas? Em primeiro lugar, é importante dizer que a forte cumplicidade nas duas formas de narrar: ambas se encarregam de descrever todo o universo das personagens, mas é a partir das notas que se comprovam os acontecimentos. Elas contribuem fundamentalmente na solidificação da imagem heroica da origem do país, por fazer circular, lentamente, a documentação da virtude moral dos nossos antecessores. É uma referência das qualidades do herói que atua nos comentários de rodapé como outra espécie de narrativa, agora de cunho científico. (ABREU, 2000, p.124).

Não podemos deixar de afirmar que essas obras de José de Alencar estavam em consonância com as ideias presentes naquele momento, que tinha como objetivo criar uma identidade nacional, já que o Brasil era independente. Portanto, construiu um indígena romantizado, um herói que contribuiu para o surgimento da nação brasileira, esse indígena que destoava da figura do indígena real, mas era o índio que deveria ser representado de acordo com

os preceitos e ideais daquele período. Então percebemos que o contexto, o tempo e as formas contribuem para conhecermos mais, não apenas sobre a história contada no romance, mais também sobre a mentalidade do período que ela foi escrita e na qual o romancista está inserido não de forma passiva, mas também como produtor da mesma.

No entanto, muito se crítica a idealização do índio pela poética romântica. Ora, seria pouco provável que o indianismo tivesse alcançado a mesma dimensão histórica no interior da literatura brasileira se se apoiasse meramente na realidade. Ele tinha assumido a categoria de mito, de representante genuíno da realidade brasileira, o ancestral reivindicado para fortalecer o instinto de nacionalidade. Na busca do ideal para o país, reviveram-se os elementos mais marcantes da história. O autor deu voz ao narrador onisciente, o qual, como descendente natural do herói, tem a função mesmo de "contemplar" os fatos narrados, o que faz de modo flexível e plástico, permitindo substituir o espírito épico na sua narrativa romântica. Às vezes, ele freia o enredo e entra em cena o "narrador histórico", a fim de comentar sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, numa ânsia documental ímpar. Nesse momento, o tom, antes sensorial e familiar, agora é mais didático, o discurso fica em primeira pessoa e onde vigora mais abertamente o ponto de vista do autor, mascarado, no plano ficcional, através de um discurso distanciado em terceira pessoa. Para escrever seus livros, especialmente os de fundo histórico e indianistas, valeu de leituras científicas e, desse material compôs seus cenários, suas figuras, as cenas e acontecimentos e transformou monótonas informações no estilo de riqueza vocabular harmônico, colorido e pitoresco. (ABREU, 2000, p.125).

Quando Abreu afirma que o escritor se baseou em documentos e fontes para desenvolver o seu romance, ela afirma que mesmo assim o indígena romantizado é bastante criticado, é exatamente por que tanto as fontes como também a forma que os literatos, os historiadores e demais cientistas daquela época se referiam e pensavam os nativos era de uma forma mitificada. Eles criaram a imagem de um indígena que era bom, se apenas servisse para realizar os desejos do colono. É assim que é criada a figura do herói nacional baseada nesses ideais de bom selvagem. E os livros de Alencar contribuíram bastante para difundir esse ideal, pois ele dialogava com a história, e suas narrativas cativavam e preenchia o imaginário dos seus leitores.

Importante também destacarmos que a verossimilhança desenvolvida no campo literário entre outras coisas não pretende se apropriar do real, do que de fato aconteceu, mais o objetivo é se aproximar e complementar aquele vazio que não está presente nos livros de História, personificando, dando nomes e sentimentos. É o que José de Alencar e outros tantos escritores fizeram e fazem. Apresentar de forma idealizada a parte da experiência humana que as fontes documentais, principalmente oficiais, não propiciam aos historiadores.

Essa é uma das características que fazem com que os textos literários, que se apropriam da realidade de forma explícita, sejam um dos mais procurados pelos leitores, tenham uma boa receptividade. Inclusive muitos leitores interessados no passado humano preferem essa forma de texto do que propriamente os livros de História, baseados nos dados, e fontes de pesquisas formais. Ou seja, os romances históricos em vez dos textos mais acadêmicos. É provável que a escolha entre essas narrativas se dê em consequência de vazios na narrativa científica, no fazer historiográfico, o fato é descrito de uma forma impessoal, observado de uma forma externa, sem proporcionar uma intimidade maior com o fato ou narrativa em si. Inclusive nas obras acadêmicas muitas vezes as pessoas são tratadas como dados, números e estatísticas.

Já o romance proporciona que o leitor mergulhe na narrativa, participe e veja a história acontecendo de dentro, proporcionando impressões e sentimentos, lhe aproximando do contexto, do fato e dos personagens tornando um conhecimento mais significativo, no romance os dados e as estatísticas muitas vezes têm nome, e o leitor acompanha a sua trajetória.

Essa suplementação dos vazios não representam um filho único, pois está diretamente relacionada com a expectativa do leitor em relação ao texto. Apoiando-se nessa relação, faz-se necessária a existência do conhecimento prévio, que motiva a formulação de tais expectativas e contribua para a construção do todo do texto. Assim o leitor será capaz de se identificar com as personagens e com a história. (ZUFFO, s.d., p.7).

Despertando assim querer o saber histórico, porém, em nenhum momento podemos pensar que o romance histórico poderia substituir o conhecimento histórico, devem sempre lembrar que eles se complementam, pois são duas formas de conhecimentos distintos, não podemos dizer que determinada história ou personagem existiram porque estão em uma obra fictícia, porém podemos estudar e entender o seu contexto, e saber o que pode ter ocorrido, que dentre todos aqueles documentos e registros das fontes históricas, há diversas outras histórias semelhantes com aquela da obra de ficção, mas não necessariamente ou especificamente a que surge da imaginação do escritor.

O romancista histórico, em especial, se apoia no pacto de confiança com o leitor. Este pacto possibilita o romancista conduzir o leitor a âmbitos privados da personagem histórica. Assim, a interpretação da psicologia da personagem que se faz um romance histórico, pode ir muito além dos limites da velocidade e austeridade daquela feita, por exemplo por um biógrafo. (ZUFFO, s.d., p. 9).

Aqui não pretendemos generalizar e nem afirmar que uma obra literária é melhor ou pior do que um livro didático ou uma obra historiográfica. Estamos afirmando que a junção dos dois conhecimentos, a História e a Literatura podem proporcionar um conhecimento mais abrangente, pois vamos ter estudantes que tem uma facilidade para entender um texto mais acadêmico e científico, já vamos ter outros que não terão essa mesma facilidade e preferirão a literatura. Utilizando obras como *O Quinze*, que apontamos nesse trabalho como também o próprio conhecimento da História vamos possibilitar uma experiência mais completa para esses estudantes, como também para aqueles que não demonstram muito interesse pelo conteúdo.

Conhecemos como surge a ideia do romance histórico, suas características e como ele pode contribuir para um conhecimento mais significativo. Conseguimos encontrar presente no livro *O Quinze* todos os aspectos que poderiam lhe definir como esta forma de romance literário. É um romance que tem por referência um fato histórico, um acontecimento ambiental e social, como o seu próprio nome nos direciona a isso, que é a seca no Nordeste do ano de 1915. As informações sobre esse contexto são baseadas em diversas fontes entre elas narrativas orais, daquele período as quais a escritora teve acesso.

A localização geográfica e as formas das pessoas agirem, e viverem, estão de acordo com os fatos identificados, e os personagens criados e suas experiências são semelhantes as narrativas de outros que passaram por dificuldades parecidas. Sobre essas características apontadas vamos aprofundar as nossas reflexões no decorrer do texto, mais pontuamos essas para que pudéssemos perceber que esta obra pode sim, ser classificada como um romance histórico, as suas características nos apontam isso, pois a possibilidade da verossimilhança entre o real e o ficcional é um dos aspectos mais presente neste livro.

2.2 - O trajeto do Romance Regionalista

Quando o romance literário começa a ser desenvolvido no Brasil¹⁷, é logo após a independência, mais precisamente no ano de 1836, com a publicação da obra *Suspiros poéticos e saudades* de Gonçalves Magalhães¹⁸. Este era o momento em que o Brasil estava se

¹⁷ Ver em: BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2012. p.102 e 103.

¹⁸ Gonçalves de Magalhães (1811-1887) foi um escritor, professor e político brasileiro. Destaca-se como um dos principais poetas da Primeira Geração Romântica. É considerado o introdutor do Romantismo no Brasil. https://www.ebiografia.com/goncalves_de_magalhaes/. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

transformando em Estado independente, e as suas elites mantinham-se em busca de construir uma nacionalidade própria, a sua História estava sendo escrita, assim como obras literárias atribuindo as características culturais e históricas da nação. Com isso os romances produzidos nesse período vão estar direcionado as características culturais regionais e também ligados à História do Brasil.

O crítico literário Afrânio Coutinho (1986) afirma que o gênero romance no Brasil sempre esteve ligado ao *genius loci* (espírito local), o que proporcionou uma maior consideração pelas características regionais do país, contribuindo assim para uma valorização da nacionalidade. Estas obras estariam marcadas com as influências geográficas, folclóricas, econômicas, características essas da vida e costume do povo brasileiro. Ou seja, a literatura romântica produzida no Brasil desde os primeiros anos, sempre esteve ligada ao regional, por mais que essa relação se torne um tipo específico, percebemos que essa aproximação sempre esteve presente na nossa Literatura. As experiências retratadas pelos escritores se baseavam na sociedade da qual eles faziam parte, da qual eles conheciam e de um nacionalismo com uma característica ainda colonial.

As atitudes ideológicas e críticas que se rastreiam durante as quatro décadas do romantismo têm como fator comum a ênfase dada à autonomia do país. Há em todo o período um nacionalismo crônico e às vezes agudo, que ao observador menos avisado pode parecer traço bastante para unificar e definir a cultura romântica. De Magalhães e Varnhagen a Castro Alves e Sousândrade, dos indianistas e sertanistas aos condoreiros, transmite-se o mito da terra-mãe, orgulhosa do passado e dos filhos, esperançosa do futuro. (BOSI, 2012, p. 163).

Sabemos que existem várias formas de romances, e é muito complexo encaixar algumas obras em apenas uma forma ou gênero, pois algumas delas tem diversas características que fazem com que sejam direcionadas para mais de uma dessas classificações. Porém, para conseguirmos organizar a nossa reflexão sobre o que seria o romance regionalista, ou sertanista como era chamado no século XIX, vamos conhecer uma divisão básica da literatura brasileira relacionada as formas de romance que seriam: o romance urbano, aquele onde a narrativa se desenvolve nas cidades, onde se apresenta todas as características do meio urbano; romance indianista são aqueles onde a narrativa está mergulhada nas características, cultura e forma de viver dos nativos brasileiros; e o romance regionalista, no qual a região deve estar interligada a terra, aos hábitos e costume daquele local, a região tem que direcionar a estrutura narrativa literária.

Sobre o romance regionalista, Afrânio Coutinho afirma:

Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc, - como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo autêntico. (COUTINHO, 1968, p. 286).

Nesta afirmação conseguimos ver de uma forma bem clara o que seria um romance regionalista, e com isso vamos perceber que, o que nós caracterizamos como romance histórico também pode ser classificado como romance regionalista, desde que ele se encaixe nas características destas duas formas de pensar um romance. O livro *O Quinze* por exemplo, seria um romance regionalista, pois o seu enredo é desenvolvido em consequência das mudanças da região no qual ele está situado, a natureza, a paisagem, não é apenas para ilustrar, ela dá sentido à narrativa, as características da região são bem nítidas e marcantes na obra e também como já falamos é um livro que nos traz informações sobre um aspecto ou fato histórico da nossa região.

O romance sertanista ou regionalista, foi um dos tipos de romance mais produzidos no Brasil, sendo que teve o seu início no século XIX, mais precisamente com a obra de Bernardo Guimarães¹⁹, *O Ermitão de Muquém*, publicado em 1865. Essa obra, assim como as demais desse gênero, não sofreu influências europeias, ela representava valores nacionalista, que estavam ligadas as particularidades de determinados grupos sociais em diferentes regiões brasileiras, trazendo no seu texto uma forte discussão social.

As várias formas de sertanismo (romântico, naturalista, acadêmico e, até o modernista) que têm sulcado as nossas letras desde os meados do século passado, nasceram do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico. Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo. (BOSI, 2012, p. 148).

¹⁹ Bernardo Guimarães (1825-1884) foi um romancista e poeta brasileiro. "A Escrava Isaura" foi o seu romance mais popular. Foi considerado o criador do romance sertanejo e regional, ambientado em Minas Gerais e Goiás. É patrono da cadeira nº. 5 da Academia Brasileira de Letras. https://www.ebiografia.com/bernardo_guimaraes/. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

Para exemplificar, poderemos destacar algumas obras produzidas no século XIX que marcaram esse gênero literário, são elas: *A Escrava Isaura* escrito também por Bernardo Guimarães publicado em 1875, é o seu livro mais conhecido, onde ele narra a história de uma escrava branca que foi educada como se fosse filha da matriarca da família a qual ela pertencia. A narrativa se desenrola entre as regiões do Rio de Janeiro e Pernambuco, onde o autor desenvolve um enredo em que a Isaura persegue a sua liberdade. Esse romance vai ser muito popular principalmente pelo seu caráter abolicionista, pois estava em harmonia com o movimento abolicionista que ganhava força no Brasil neste período.

Um outro romance que podemos citar é *Inocência* de Visconde de Taunay²⁰, publicado em 1872. É um romance que é construído a partir de impressões, experiências e lembranças da realidade sociocultural do sertão de Mato-grosso. Onde ele analisa e expõe os valores comportamentais do sertanejo neste período, o romance será baseado em uma história na qual Inocência, filha de um sertanejo bruto, viverá a experiência de um amor impossível, pois ela está prometida a um homem que ela não ama. Neste romance Taunay irá demonstrar os aspectos de uma sociedade patriarcal onde se valorizava a palavra do homem e se tratava a mulher como objeto e propriedade do mesmo.

Outro romance importante deste período é *O Cabeleira* escrito por Franklin Távora²¹, publicado em 1876, nesta obra ele se referirá a violência do sertão nordestino, o banditismo do cangaço e a vida difícil dos sertanejos no decorrer do século XVIII, principalmente do sertão de Pernambuco. A narrativa se inicia a partir da figura de José Gomes, conhecido como “O Cabeleira”, cujas atrocidades aterrorizaram o estado e foram popularizadas em inúmeras histórias. No romance Távora estrutura o enredo nas escolhas difíceis que o personagem tem que fazer, que o levará a adentrar na vida de crimes, e sua relação amorosa que o proporcionara grande sofrimento, o que fará com que ele se torne um homem cada vez mais amargurado.

Essas obras marcaram, por suas características regionais e também suas questões sociais, vimos que essas três se passam em regiões e com temas diferentes, nos mostrando a

²⁰ Visconde de Taunay (1843-1899) foi um escritor, militar e político do império brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Música, onde ocupou a cadeira n.º 13. https://www.ebiografia.com/alfredo_taunay/. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

²¹ Franklin Távora (1842-1888) foi um jornalista, advogado e escritor brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. É Patrono da Cadeira n.º 14. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. https://www.ebiografia.com/franklin_tavora/. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

diversidade presente neste gênero literário. Essas obras não foram as únicas, nem as mais ou menos importantes deste período, porém servem para pontuarmos os aspectos e importância desse tipo de literatura. Outros escritores também vão se popularizar e ganhar espaço com obras utilizando esta característica do romance regional, como José de Alencar, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz dentre muitos outros.

2.3 - O pensamento Modernista no Brasil

Alguns autores referidos no tópico anterior como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, não fazem parte da literatura brasileira do século XIX, exceto as valorosas contribuições de José de Alencar que é um dos grandes nomes do romantismo. Esses demais autores fizeram parte do movimento modernista literário brasileiro que surgiu no início do século XX, se apropriando de novas ideias e formas de pensar o Brasil e sua literatura.

No início do século passado estavam ocorrendo grandes mudanças no mundo e no Brasil. Transformações essas ligadas a todos os aspectos, como por exemplo, econômico, político, social, científico e também cultural. Mudanças ocorridas pelo surgimento de movimentos que em sua maior parte aconteciam a princípio na Europa. Relacionado as artes e a literatura surge neste momento as vanguardas europeias que tinham como proposta romper com o pensamento e a forma tradicional, conservadora, o pensamento uniforme e passadista. Eles tinham como objetivo propor ideias novas, pensando no futuro, ou seja, na modernidade. Daí surge vários movimentos artísticos como por exemplo: o expressionismo, futurismo, surrealismo e cubismo.

O Brasil também teve as suas impressões desse movimento, mudanças essas que foram propostas por artistas que tinham uma forte ligação com a Europa, principalmente com a França. Eles iniciaram um forte movimento de transformação na arte e literatura brasileira, tendo como marco inicial a semana de arte moderna de 1922, ocorrida em São Paulo. Momento que tiveram a oportunidade de expor suas produções artísticas, escritos e ideias, de mostrar para o público brasileiro quais as mudanças que eles estavam propondo, qual o objetivo de fato daquele movimento. A partir desta ação se estruturou no Brasil a primeira fase do modernismo, onde se destacam entre os vários outros artistas e escritores nomes como, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Anita Malfatti, Graça Aranha e Manuel Bandeira.

Nesse clima, só um grupo fixado na ponta de lança da burguesia culta, paulista e carioca, isto é, só um grupo cuja curiosidade intelectual pudesse gozar de condições especiais como viagens à Europa, leitura dos *derniers cris*, concertos e exposições de arte, poderia renovar efetivamente o quadro literário do país. (BOSI, 2012, p. 148).

A ideia inicial destes intelectuais era transformar por completo a forma de pensar a arte e a literatura brasileira, obras estas que segundo esta visão estariam muito ligadas ao pensamento do academicismo do século XIX, ao pensamento conservador e as tradições. Portanto, eles propuseram revolucionar e criar uma literatura moderna. Porém, entre eles não existia uma uniformidade de pensamento, os artistas envolvidos neste movimento inicialmente nem sempre compartilhavam as mesmas ideias ou ideais. Causando alguns desentendimentos e mostrando uma grande diversidade criativa.

Algumas das características que podemos pontuar nesse movimento seria a libertação estética, a ruptura com o tradicional, liberdade da forma, a valorização do cotidiano, o amor e a experimentação artística. Características essas que nem sempre eram bem vistas ou compreendidas, como por exemplo, o sociólogo e crítico literário Antônio Cândido afirma que o movimento modernista foi “complexo e contraditório”, inicialmente foi “excêntrico e afronta ao bom-gosto tanto na literatura como nas artes”. (CÂNDIDO, 2010, p. 87).

Um outro aspecto muito relevante que não podemos deixar de citar é que essas mudanças também têm como objetivo romper de vez com o pensamento colonial que ainda estava presente nas obras artísticas e literárias brasileira, portanto eles queriam a reconstrução da cultura através da valorização nacional partindo de uma visão crítica da sociedade e da sua história.

Afrânio Coutinho irá destrinchar de forma mais clara e pontual a contribuição do modernismo para a Literatura:

Para Afrânio Coutinho, o movimento modernista produziu uma completa mudança de mentalidade. Grandes foram suas conquistas: a atualização do Brasil; a libertação do colonialismo mental; o nacionalismo; a revitalização do regionalismo, do tradicionalismo e do folclore; a descentralização intelectual; a consciência da brasilidade, o sentido autônomo da literatura brasileira; o profissionalismo e o diletantismo; a primazia da vida literária sobre a literatura propriamente dita; a questão da língua; a reespiritualização das elites e das massas; a alteração da forma da poesia; a definição da fisionomia da ficção; o aspecto original da crônica; o encontro da literatura dramática com o público mais entusiasta; a crítica não como gênero literário, mas acompanhando o desenvolvimento da literatura. (BRESSAN, 2007, p.126).

A experimentação estética foi uma das características que mais marcou esse movimento, causando estranhamento para a maior parte das pessoas. Como exemplo podemos indicar a principal obra deste momento, *Macunaíma* publicado em 1928, escrita por Mário de Andrade²². Esta obra fala sobre um “índio” que traz consigo características do povo brasileiro, porém ele é considerado um anti-herói, pois entre os seus atributos os que mais são lembrados e destacados no enredo é a preguiça e a malandragem. É uma história cheia de misticismo e características do folclore brasileiro, Mário de Andrade desenvolve uma história cômica e crítica ao mesmo tempo, diferente dos romances produzidos no decorrer do século XIX.

Esse movimento iniciado na década de vinte irá influenciar e perdurar por muitos anos, iremos destacar neste trabalho as duas primeiras fases, pois mesmo fazendo parte do modernismo elas apresentam características diferentes. A primeira é entre o período de 1922 a 1930 que expôs a mudança e a ruptura com o passado conservador e tradicional, características essas que explicamos até agora. Através desta breve reflexão se percebe que o modernismo modificou a forma de pensarmos a literatura brasileira.

2.4 - A marca do Romance de 30

Dentro da classificação feita do movimento modernista, a segunda fase é tida como acontecida entre os anos de 1930 a 1945, neste momento a literatura apresentará características diferentes da proposta inicial do movimento. O seu caráter inovador, experimental e fragmentado anterior não ganhará muito espaço. Sabemos que durante essa transição, o objetivo do modernismo que fazia parte da semana de arte moderna não será mais o foco principal, o período iniciado na década de trinta irá apresentar outras propriedades, que fará com que esta fase seja uma das mais criativas e conhecidas da literatura nacional.

Já numa segunda fase, que compreende para Lafetá a década de 1930, as conquistas estéticas já estavam consolidadas e amadurecidas, “superando os modismos e os cacoetes dos anos vinte, abandonando o que era pura contingência ou necessidade do período de combate estético”. Diante dessa nova realidade, o caráter *ideológico*

²² Mário de Andrade (1893-1945) foi um escritor brasileiro. Publicou "Pauliceia Desvairada" o primeiro livro de poemas da primeira fase do Modernismo. Foi crítico de arte em jornais e revistas. Teve papel importante na implantação do Modernismo no Brasil. Seu romance "Macunaíma" foi seu principal livro. https://www.ebiografia.com/mario_andrade/. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

passou a assumir uma posição de destaque nas obras. O engajamento nos problemas do seu tempo não era apenas tema na poesia moderna. Deveria ser muito mais que isso: a irreverência e a inconformidade perante os problemas era uma característica interna da literatura moderna, uma exigência que se impunha aos artistas: “(...) inserindo-se dentro de um processo de conhecimento e interpretação da realidade nacional [o movimento] não ficou apenas no desmascaramento da estética passadista, mas procurou abalar toda uma visão do país que subjazia à produção anterior à sua atividade.” (CERQUEIRA, s.d., p. 7).

Os romances produzidos neste momento também foram chamados de romances regionalistas, pois suas narrativas estavam ligadas diretamente com as características das diversas regiões do Brasil das quais seus escritores faziam parte. A princípio na primeira fase o polo das mudanças literárias foram as grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, neste momento já se observa que vai haver uma dispersão para as demais regiões principalmente o Sul e o Nordeste, os que mais vão se destacar neste período.

O romance regionalista, ou romance de 30, irá apresentar alguns aspectos que caracterizará as obras deste momento. A princípio se percebe que o termo regionalista vai estar bem presente, propriedade essa que vimos surgindo como um tipo de romance literário lá no século XIX, agora retornará com mais força e com novas características. Quase todos os livros irão focar sobre as experiências reais vividas por um povo, que é e foi muito marginalizado. Discutirá as dificuldades, sofrimentos e superação de vida, deste povo pobre sertanejo que ainda estava dependendo das oligarquias dos coronéis, nas regiões mais periféricas e rurais do país.

Estas obras serão classificadas como sendo neorrealista, ou seja, irão ressignificar o realismo característica que estava presente na literatura do século XIX, bem marcante nas histórias literárias de José de Alencar e Machado de Assis. Através desta característica eles irão utilizar dos seus escritos para realizarem grandes denúncias da opressão que a população mais pobre sofria, e a miséria do seu dia a dia.

Essas problemáticas sociais que faziam, e fazem parte do Brasil, proporcionou o enredo destas obras se tornando uma das suas principais características. Podemos afirmar que eles trabalhavam com a ideia da verossimilhança, pois se utilizavam das experiências reais para compor a sua narrativa, na maioria das vezes sendo vivenciadas por um personagem fictício.

Singularizados pela dedicação dominante ao gênero romance e, em especial, por uma narrativa de cunho marcadamente social, essa geração foi reconhecida pelo caráter empenhado de sua escrita, pela condição de retratistas privilegiados das injustas realidades locais e regionais, pela incorporação na narrativa dos pobres, dos

trabalhadores comuns, dos marginalizados sociais, das mulheres, das crianças. (ARRUDA, 2011, p. 193).

Sabemos que as experiências humanas, e suas criações, refletem o meio do qual fazem parte, assim não seria diferente com a Literatura. O período histórico em que surgiu o modernismo, é um dos períodos mais conturbados relacionado à política e economia no Brasil. Em 1930 estava havendo um grande movimento que ficou historicamente conhecido como a Revolução de 30, onde o candidato a presidência da República, Getúlio Vargas, mais uma grande parte do exército brasileiro deflagraram um golpe de Estado, não aceitando a vitória de Júlio Prestes nas eleições presidenciais.

Eles alegavam que as eleições foram fraudadas, com isso Vargas assume provisoriamente o governo do Brasil. As oligarquias e a elite agrária a partir deste momento vão ter a sua influência no governo diminuída. Com a promulgação da constituição de 1934, toda aquela organização do voto de cabresto, e das fraudes eleitorais serão desfeitas, porém com isso inicia um outro processo de dominação política, agora com Getúlio Vargas no poder, no qual irá governar durante quinze anos, desenvolvendo um caráter autoritário e ditatorial no Brasil.

Como podemos ver a política do Brasil mudou, porém não necessariamente para melhor, os grandes latifundiários, cafeicultores e agora industriais ainda continuaram tendo grande influência na política brasileira e a população menos abastada ainda continuaria com dificuldades para conseguir sobreviver. Muitos dos escritores da geração de 30 eram idealistas e gostariam de ver um mundo diferente, com isso conheceram e se filiaram ao partido comunista do Brasil, aonde as suas ideias revolucionárias e modernas se encaixavam.

É por isso que muitas destas obras são classificadas como de literatura engajada, pois denunciavam a realidade brasileira e, em muitas delas, fica claro o seu caráter ideológico, ou a influência socialista nos seus escritos. Como consequência destas suas ações, muitos deles foram presos e perseguidos por Vargas, no período do Estado Novo, como por exemplo Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, dentre outros intelectuais.

Nesse novo contexto da literatura moderna no Brasil, ocorreu uma mudança de inclinação no modernismo, capaz de delimitar duas fases: “enquanto na primeira a ênfase das discussões cai predominantemente no projeto estético (isto é, o que se discute principalmente é a linguagem), na segunda a ênfase é sobre o projeto ideológico (isto é, discute-se a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte)”. (LAFETÁ apud ARRUDA, 2011, p. 195).

Mesmo com toda esta conturbação, a segunda geração do modernismo marcou a literatura brasileira e é considerado um dos períodos mais férteis do romance nacional. Foi um momento que surgiram diversos escritores talentosos, com histórias empolgantes e impactantes. Foi um período de concretização e formação dos novos valores na Literatura, onde dialogavam com aspectos históricos, sociais, econômicos e políticos. Essa relação também contribuiu para marcar esse período.

Antes dos modernos, Lima Barreto e Graça Aranha tinham sido os últimos narradores de valor a dinamizar a herança realista do século XIX. Com o advento da prosa revolucionária do grupo de 22 (Macunaíma, Memórias Sentimentais de João Miramar, Brás, Bexiga e Barra Funda), abriu-se caminhos para formas mais complexas de ler e de narrar o cotidiano. Houve, sobretudo, uma ruptura com certa psicologia convencional que mascarava a relação do ficcionista com o mundo e com seu próprio eu. O Modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela capacitação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração documento que então prevaleceria. (BOSI, 2012, p. 415).

A obra introdutória desta fase foi *A Bagaceira* publicado em 1928, escrita por José Américo de Almeida²³. Essa obra fala sobre o fenômeno do êxodo rural ocasionado pela seca e também por uma relação de subjugação que os trabalhadores sofriam do senhor de engenho, que representava o poder das oligarquias no campo. Neste romance José Américo denuncia as agruras sofridas por esses sertanejos no sertão paraibano.

Após a publicação deste livro, será aberto espaço para uma nova forma de romance, chamado de romance de trinta, tendo como principal característica o regionalismo. Foram diversos os escritores que fizeram parte deste momento, as suas obras foram reconhecidas, e se mostraram ser tão importantes para a sociedade que muitas foram adaptadas para filmes, séries e novelas. Os romancistas que mais se destacaram foram os nordestinos, mas também teremos uma grande contribuição da região Sul representado pelo escritor Érico Veríssimo.

O romance regionalista de trinta levou para todo Brasil características do Nordeste, principalmente os problemas que a sua população sofria relacionada a seca, ao trabalho e a

²³ José Américo de Almeida (1887-1980) foi um escritor e político brasileiro. Sua obra "A Bagaceira" deu início à "Geração Regionalista do Nordeste". Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 27 de outubro de 1966, ocupando a cadeira n.º. 38. https://www.ebiografia.com/jose_americo_de_almeida/. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

miséria. Vamos ter como representantes da segunda fase do modernismo os escritores nordestinos, como por exemplo, José Lins do Rego²⁴, as suas principais obras estão ligadas com o ciclo da cana-de-açúcar e o seu declínio, as mudanças que vão ocorrer no decorrer do tempo relacionada a sua organização e estrutura. As suas narrativas também apresentam um caráter memorialista. Um dos seus livros mais aclamados foi *Fogo Morto* publicado em 1943.

Graciliano Ramos²⁵ é outro escritor desse período que denuncia os horrores da seca, da miséria no Nordeste, e de suas injustiças sociais. As suas obras trazem também uma análise psicológica de seus personagens, uma das suas principais obras é *Vidas Secas* publicado em 1938. Também destacamos Jorge Amado²⁶, quando este fala sobre o ciclo do cacau na Bahia, a influência do coronelismo na região nesse período, as suas obras sempre trazem uma característica sensual e humorada. Um dos seus vários livros, e um dos mais conhecidos é *Capitães da Areia* publicado em 1937.

E por fim destacamos também Rachel de Queiroz, onde a maior parte das suas narrativas são estruturadas no meio sertanejo, relacionadas aos efeitos da seca. Algo muito característico desta escritora é o confronto com o mundo patriarcal, através de uma perspectiva feminina, aonde a mulher em quase todos os seus livros está como personagem central. A sua obra que melhor retrata o romance de trinta é *O Quinze* publicado em 1930.

Podemos perceber que são características de cada um desses escritores, nas suas narrativas atribuírem experiências muitas vezes ligadas a sua infância, por mais que eles não tenham sofrido as limitações proporcionada pela miséria já que a maioria deles pertenciam a

²⁴ José Lins do Rego (1901-1957) foi um escritor brasileiro. "Menino de Engenho", romance do Ciclo da Cana-de-Açúcar, lhe deu o prêmio Graça Aranha. Seu romance "Riacho Doce", foi transformado em minissérie para a televisão. Integrou o "Movimento Regionalista do Nordeste". É patrono da Academia Paraibana de Letras. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, para a cadeira 25. https://www.ebiografia.com/jose_lins_do_rego/. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

²⁵ Graciliano Ramos (1892-1953) foi um escritor brasileiro. O romance "Vidas Secas" foi sua obra de maior destaque. É considerado um dos melhores ficcionistas do Modernismo e o prosador da Segunda Fase do Modernismo. [https://www.ebiografia.com/graciliano_ramos/#:~:text=Graciliano%20Ramos%20\(1892%2D1953\),da%20Segunda%20Fase%20do%20Modernismo.](https://www.ebiografia.com/graciliano_ramos/#:~:text=Graciliano%20Ramos%20(1892%2D1953),da%20Segunda%20Fase%20do%20Modernismo.) Acesso em: 18 de Maio de 2020.

²⁶ Jorge Amado (1912-2001) foi um escritor brasileiro, um dos maiores representantes da ficção regionalista que marcou o Segundo Tempo Modernista. Sua obra é baseada na exposição e análise realista dos cenários rurais e urbanos da Bahia https://www.ebiografia.com/jorge_amado/#:~:text=Escritor%20brasileiro-Biografia%20de%20Jorge%20Amado,rurais%20e%20urbanos%20da%20Bahia.. Acesso em: 18 de Maio de 2020.

famílias tradicionais das localidades da onde vieram, porém conheciam as experiências do povo sertanejo, das diversas regiões onde viveram não só a partir do testemunho pessoal quanto da convivência social.

2.5 - Rachel de Queiroz e o seu Lugar de Sujeito

Um dos principais aspectos que devemos estudar para entender uma obra literária é o seu criador, portanto é de fundamental importância conhecermos o seu lugar de sujeito, pois analisando a sua biografia, através das suas experiências vamos obter um conhecimento que as vezes não está aparente na obra e que é representada por sua subjetividade e ideologia. Por isso como parte do método de análise vamos conhecer melhor a escritora do *Quinze*.

Rachel de Queiroz foi uma das escritoras mais renomadas do Brasil de todos os tempos. Estudando a sua biografia observamos que a sua obra marca a sua vida, assim como as suas experiências vividas também marcam as suas obras. Ela foi uma mulher que viveu noventa e dois anos e nos proporcionou uma vastíssima literatura, que vai de romances, peças teatrais, livros infanto-juvenis, assim como também diversas crônicas. Pois além de escritora, também era romancista e jornalista.

Era uma mulher muito carismática e firme com seus ideais, as vezes aparenta ser contraditória, seja adentrando ao partido comunista quando ainda jovem, defendendo os ideais trotskistas²⁷, participando do movimento antigetulista ou quando mais madura apoiando o golpe civil-militar de 1964, quando seu amigo e primo General Humberto Castelo Branco assumiu a presidência do Brasil. Período no qual ela criticava as ideias socialistas e comunistas.

Este fato marcou muito a sua história lhe proporcionando diversas críticas, mesmo ela afirmando que não apoiava a continuação do golpe e do estado antidemocrático, apenas o momento em que Castelo Branco estava no poder. “A Ditadura Militar tomou outros caminhos, endureceu, e a escritora afastou-se, amargando críticas e ressentimentos ao longo de sua trajetória. Todavia, em nenhum momento procurou desculpar-se ou lamentar pelo ocorrido.”. (CUNHA, 2011, p.72).

²⁷ O trotskismo é um termo comumente empregado para designar as teses e reflexões teóricas sobre a práxis e a teoria revolucionária comunista elaborada por Leon Trotsky. Intelectual marxista e líder revolucionário bolchevique.

Caio Fernando Abreu: Algo a ver com a revolução de 64?

Rachel de Queiroz: 64, sim, até a ascensão do Costa e Silva. Só fui solidária com a revolução até aquele ponto esperando uma eleição com um presidente civil.

Caio Fernando Abreu: Mas você apoiou os militares?

Rachel de Queiroz: Sim, em 64 sim.

Caio Fernando Abreu: Por quê, Rachel?

Rachel de Queiroz: Porque eu abominava o janguismo ainda hoje abomino o Brizola, que representa o janguismo, o Getúlio. Era uma expressão disso tudo...

Caio Fernando Abreu: Mas você não tinha noção das torturas, de todo o horror que aconteceu depois?

Rachel de Queiroz: espera aí. A revolução que eu apoiei foi enquanto Castelo Branco era presidente e ele não fez tortura nenhuma, a intenção dele era fazer eleições para um presidente civil.

(RODA VIVA, 1991).

Outro ponto que podemos destacar sobre ela, são as principais características de suas obras, as representações dos personagens femininos, as protagonistas são representadas de uma forma mais independente, autônoma, forte, onde elas fazem suas escolhas, definem o seu futuro, perspectiva essa que não era muito comum nos romances da década de trinta quando ela começou a escrever. Característica presente em toda a sua vida, mesmo defendendo essas ideias de uma autonomia feminina nas suas histórias, ela não se identificava e nem tinha simpatia pelo movimento feminista.

O importante, para mim, não é que eu goste ou não goste; o ponto, comigo, é outro: o importante é que não acredito em feminismo. Não creio numa rede de interesses comuns que ligue as mulheres do mundo, separando-as dos homens e dos interesses masculinos. Acho que vai distância muito maior entre uma comunista e uma católica, ambas mulheres, do que aquela que separa um homem de uma mulher das mesmas convicções. (O Cruzeiro, 26/07/1952).

Um outro aspecto que marcou seus livros foi a representação do sertão nordestino. Em quase todos os seus romances com exceção de um, o Galo de ouro, todos os outros se passam no sertão. Onde ela representava a vida difícil do povo nordestino em luta com os aspectos da natureza e as questões sociais como a seca, a pobreza, o banditismo, o preconceito e a fome. Essas temáticas eram comuns em seus romances, ela sempre assumiu o seu amor e carinho pelo Ceará, principalmente pela sua fazenda, *Não me deixes* no Quixadá, onde ela fazia questão de todo ano passar uma temporada, mesmo morando no Rio de Janeiro.

Como podemos perceber a Rachel foi uma figura muito intrigante, seus posicionamentos, suas obras, suas experiências são experiências que refletem a sua personalidade. Foi uma mulher que sempre gostou de trabalhar, percebe-se que ela escreveu profissionalmente desde os dezesseis até os noventa e dois anos, idade da sua morte, o que demonstra o quanto ela estava lúcida e gostava do que fazia. Em consequência dessa paixão pela escrita e as suas obras que marcaram a literatura brasileira, ela se tornou a primeira mulher a adentrar a Academia Brasileira de Letras como uma imortal em 1977. Para chegar aonde ela chegou foi necessário que existisse uma estrutura que a possibilitasse galgar e alcançar os seus objetivos, para isso é importante discutirmos sobre seu lugar de sujeito, a estrutura que a cercava e algumas experiências que vivenciou.

No início do século XX o Ceará assim como o restante do Brasil ainda estava marcado pelo poder das oligarquias. Entre as famílias influentes do Ceará nasce em 1910, na capital Fortaleza Rachel de Queiroz, o seu pai era descendente dos Queiroz, família tradicional e influente do Quixadá e sua mãe fazia parte dos Alencar, essa família por sinal bastante conhecida na literatura através das obras de José de Alencar, e dos fatos históricos do Brasil, marcado pelos feitos revolucionários de Bárbara de Alencar e seus filhos nas revoltas²⁸ contra o império, da qual Ceará e outros estados nordestinos fizeram parte.

Portanto, a menina Rachel nasceu em um berço familiar que lhe proporcionou diversas oportunidades, mesmo ainda vivendo em um espaço marcado pela presença do patriarcalismo e do pensamento conservador. Porém, os seus pais já tinham uma consciência mais liberal eram adeptos da leitura, tinham um pensamento crítico em relação à política e a educação tradicional daquele período.

Então partindo destas características, percebe-se que ela a primogênita e seus irmãos foram criados e educados sobre essas influências. Cresceram ouvindo as narrativas das histórias heroicas dos seus antepassados, o aprendizado da escrita e da leitura era ensinado pelos seus

²⁸ A Revolução Pernambucana de 1817, aconteceu no Brasil colônia, foi um movimento separatista de caráter republicano que aconteceu na Capitania de Pernambuco. E teve adesão de outras províncias do Nordeste, entre elas estava o Ceará, onde uma das principais lideranças era D. Barbara de Alencar e seus filhos.

A Confederação do Equador de 1824 foi uma das muitas revoltas ocorridas no Brasil Imperial. Ocorreu na província de Pernambuco como um movimento de resistência ao governo e às medidas do Imperador D. Pedro I. Também tinha, entre seus objetivos, a intenção de separar-se do território brasileiro, constituindo uma nova república. Teve adesão de outras províncias do Nordeste, entre elas estava o Ceará, onde um dos principais líderes era Tristão Gonçalves de Alencar, filho de D. Barbara de Alencar.

pais, e era bem comum a convivência e participação de rodas de conversa, de saraus literários e discussão política organizadas em seu lar.

Neste sentido, a família foi um pólo norteador do desenvolvimento pessoal e intelectual de Rachel de Queiroz desde a mais tenra idade, sendo educada em ambientes de grande erudição, no qual se destacavam as mulheres: mamãe, tia Beatriz e Elsa (que depois foi ser freira) eram as intelectuais do grupo. A família também foi fator importante nas participações políticas, uma vez que garantiu a liberdade de escolha da autora - mesmo quando esta optou pelos movimentos de esquerda - chegando a servir de intermediária em acusações na justiça e prisões como a de 1932, na qual o tio Euzébio de Queiroz Lima, conseguiu sua transferência e liberação. (GUERELLUS, 2011, p. 30).

Os seus pais, Daniel de Queiroz e Clotilde de Queiroz logo após o casamento em 1910, com a Rachel ainda pequena viajaram muitas vezes em decorrência da profissão do seu pai, que era formado em direito, por causa disto eles que eram naturais de Quixadá tiveram que ir morar em Fortaleza, posteriormente saíram do Estado e foram para o Rio de Janeiro e para Belém. Entre idas e vindas o pai de Rachel não se sentia muito bem exercendo a carreira na área de direito, mesmo assumindo diversos cargos como juiz, promotor e até mesmo advogando. Ele se sentia mais satisfeito exercendo a atividade de magistratura, chegou a ensinar a disciplina de Geografia em diversas escolas ao longo da sua vida, além disso, ele gostava de lidar com a terra e de administrar a sua fazenda.

Mesmo sendo bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Dr. Daniel era um intelectual apaixonado pelo sertão onde nascera e herdou uma fazenda (Junco). Leitor assíduo, sabedor da importância da cultura popular, convivia com sertanejos (trabalhadores e amigos vizinhos) sem fazer distinção social. (CUNHA, 2011, p. 31).

O fato é que assim como Rachel, a sua família também era muito apegada ao Ceará, porém o que motivou os mesmos a fazerem a primeira viagem no ano de 1917 para o Rio de Janeiro, foi ocasionado pelo prejuízo que a sua família os Queiroz sofreram com a seca de 1915, fazendo com que seus recursos diminuíssem, que as opções de trabalho na capital cearense fossem menor nos anos seguintes, com receio da sua família sofrer maiores transtornos com este fato, migraram para a capital do país. Este momento da seca de quinze foi exatamente o retratado pela Rachel, se tornando a obra que lhe abriu espaço no cenário da literatura brasileira, e se tornando um dos seus principais romances.

O ambiente familiar pelas narrativas biográficas da escritora, mostra ser um lar bastante tolerante aonde seus pais se dispuseram a auxiliar os seus filhos proporcionando educação e respeito. Principalmente através do auxílio da sua mãe D. Clotilde, que sempre estava presente e defendia um ideal de educação com preceitos liberais. Rachel cresceu tendo um contato muito próximo com as letras pois na sua casa havia uma grande biblioteca com aproximadamente cinco mil livros com autores nacionais e internacionais, dentre eles vários clássicos, como os livros de Eça de Queiroz, Júlio Diniz, Zola, Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas, entre os escritores nacionais, onde não poderia faltar José de Alencar e Machado de Assis, dentre outros. Através destas influências e com o incentivo constante da sua mãe, a leitura se tornou algo cotidiano e natural para ela e seus irmãos.

A nossa casa era um lugar onde todos liam muito. Liam todo o tempo. As minhas tias velhas censuravam minha mãe porque “vivia de romance na mão” (...) Criei-me ouvindo discussões sobre literatura, os partidários do Eça e os remanescentes românticos que às vezes se apoderavam de meu pai, grande admirador de Gonçalves Dias e de Castro Alves. Meu avô materno era mais sofisticado e lia muito os críticos franceses. (QUEIROZ, 2008, p. 92-93 apud CUNHA, 2011, p. 32- 33).

Por mais que seus pais tivessem esse ideal moderno liberal de educação, quisessem proporcionar a educação de seus filhos em casa, a sua avó paterna a qual ela herdou o nome, que era bastante religiosa não conseguia entender o porquê dos seus netos não terem uma educação tradicional, religiosa, pois eles mal sabiam rezar. Mesmo também sendo uma assídua leitora, porém não pensava igual aos pais de Rachel, e com isso ela os convenceu de a matricular em no colégio Imaculada Conceição, instituição essa dirigida por freiras, com isso, a partir dos dez anos de idade Rachel de Queiroz vai para a escola pela primeira vez. Ela afirma que ficou feliz com a possibilidade de ter novas experiências: “vovó então fez um conselho de família e obrigou meus pais a me colocarem no colégio de freiras. No fundo, eu adorei, porque queria ir para um colégio, ver como eram as coisas lá fora”. (QUEIROZ in: CUNHA, 2011, p.45).

No colégio viu a oportunidade de aprender mais sobre o mundo e se relacionar com outras pessoas. As aulas eram mais direcionadas a uma moral cristã, e também uma educação artística utilizando músicas, pinturas e desenhos. Estudavam o francês e também as disciplinas mais comuns. As aulas eram ministradas por professores de ambos os sexos, porém o ensino para as mulheres ainda estava direcionado para o trabalho e a administração do lar.

O importante mesmo foi o estudo. As minhas tias, por exemplo, no começo do século, completavam cursos nos colégios de freira, mas sabendo a gramática; uns longes do que se chamava “história natural” – noções sobre os três reinos da natureza: animal vegetal e mineral; e, na “decoreba”, um pouco de história do Brasil, de história universal e geografia. Uns toques de francês. E bordar, cerzir, fazer bainha aberta, essas coisas ditas femininas, de que se orgulhavam os educadores era preparar “futuras esposas e mães” – com tudo de servidão doméstica que esse conceito implica. (QUEIROZ apud CUNHA, 2011, p. 35).

Entretanto, Rachel vislumbrava mais, pois neste período muitas mulheres começaram a trabalhar fora do lar, principalmente em escritórios, escolas, hospitais e comércio. Ela não pretendia ter apenas um matrimônio e ser responsável pela casa e seus filhos, ela queria mais. É justamente na década de vinte que vai haver a implantação da reforma educacional de Lourenço Filho²⁹ no Ceará, se iniciando o curso normal, que daria a oportunidade e a formação para os estudantes do segundo grau lecionarem no ensino básico, após o término do curso.

No decorrer dos anos da sua formação ela aprofundou cada vez mais as suas leituras, os cinco anos que passou no colégio, de acordo com a escritora foram muito proveitosos para sua vida, lhe proporcionou diversos conhecimentos dando uma maior autonomia. Algumas dessas experiências ela retratou no seu romance ficcional *as Três Marias*.

Em 1925, ela encerrou seu curso normal, tendo a possibilidade de trabalhar como professora, não se aventurou por este caminho neste momento, resolveu voltar para a casa dos seus pais. Alguns dos motivos que favoreceram a sua decisão foi que ela nunca se sentiu muito à vontade em exercer a profissão de magistério, e também por causa da sua idade pois ainda era muito jovem, quando terminou o seu curso tinha apenas quinze anos. Neste período que retorna para casa intensificou ainda mais as leituras e começou a praticar também a escrita de uma forma ainda tímida. Rachel nunca buscou o estudo superior sempre se declarou uma autodidata em relação a sua profissão, porém ela sempre destacou a importância que seus pais tiveram no seu letramento e as influências literárias que eles lhe apresentaram.

²⁹ Reforma Lourenço Filho. Convidado em 1922, a pedido do governo do Ceará empreendeu a Reforma do sistema de ensino cearense. Sua estratégia de reforma promoveu uma mudança da mentalidade do professor. Nela a escola não mais devia limitar-se a ensinar a ler, escrever e contar. Mudou o currículo da Escola Normal, no qual a Pedagogia se articulava aos avanços da Psicologia Experimental. Lourenço Filho apregoava que a campanha de regeneração nacional esbarrava na mentalidade das elites brasileiras e que, por isso, o problema da educação nacional era, antes de tudo, um problema de educação de elites. http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis05/res1_5.html. Acesso em: 25 de Maio de 2020.

Por todo esse tempo em que deixei o colégio e fiquei em casa, eu começava a ler de verdade. Li tudo que me caía às mãos, embora sob a censura de mamãe e papai, que antecipadamente me escolhiam os livros [...] Já lia também uns livros de Barbusse, como *Le Feu*, mas lia principalmente os russos, Dostoievski, Gorki, Tolstoi, e todos aqueles, dos quais mamãe me passou sua paixão. E por isso, socialismo, revolução russa, comunismo, e até mesmo marxismo propriamente dito, já me eram então assuntos familiares. (QUEIROZ apud OLIVEIRA, 2013, p.17).

Mesmo na fazenda a Rachel se mantinha informada das notícias da cidade através dos jornais e em 1927 acontece um fato que marcou o início do seu futuro profissional. Após ler uma notícia no jornal *O Ceará*, anunciando o coroamento da rainha representante dos estudantes da capital, ela se sentiu instigada em fazer uma crítica aquela homenagem, da qual não concordava. Então escreveu uma carta para redação do jornal utilizando o pseudônimo de Rita de Queluz, fazendo uma dura crítica aquele concurso.

Essa sua carta chamou muita atenção dos editores do jornal, por sua escrita muito bem elaborada e também a ironia presente no texto, ainda aguçando a curiosidade de todos que ficaram se perguntando quem era aquela Rita de Queluz que ninguém nunca ouvira falar antes. Esta carta chamou tanta a atenção deles que a publicaram no jornal, tendo boas respostas do público leitor. Em busca de saber quem era aquela escritora, alguns dos amigos da família Queiroz chegaram à conclusão que teria sido a Rachel, pois a carta tinha o selo da estação do Junco-Quixadá, local onde ela e sua família moravam.

Após este fato ela é convidada a trabalhar no jornal *O Ceará*, com isso apenas com dezesseis anos inicia a sua vida literária. As suas contribuições para o jornal eram feitas de casa, não era uma repórter oficial, porém em seus textos falava sobre arte, política, literatura e o cotidiano através de crônicas. É importante destacarmos que ela e os outros funcionários do jornal tinha uma certa abertura para falar sobre variados temas e exporem a sua opinião, pois se tratava de um jornal anticlerical e progressista diferente dos jornais mais tradicionais da década de vinte.

Na sua adolescência Rachel começou a abrir mais os seus horizontes, não apenas através dos livros, agora frequentava os passeios públicos, as confeitarias e os cafés, locais esses onde encontrava os seus amigos que também eram jornalistas, escritores e poetas. Começou a participar de encontros com intelectuais onde na maior parte das vezes era a única mulher, porém momentos que eram de muito aprendizado, onde a troca de conhecimento e de experiências era de grande valia.

Após um bom tempo trabalhando no jornal O Ceará, foi convidada pelo seu amigo e ex-diretor chefe do jornal, Demócrito Rocha para fazer parte de um novo jornal que ele juntamente com Paulo Sarasarte estava fundando chamado de *O Povo*. É neste jornal que ela mostrou a sua vocação para o romance através de um folhetim que publicou intitulado *A História de um nome* (1927). Neste texto a escritora narra diversos momentos da história da humanidade, falando sobre as experiências das várias Raqueis que já existiram. Inicia esse percurso a partir dos textos bíblicos até a sua contemporaneidade, o seu texto foi bem recebido pelos leitores e nesse momento ela já mostrava uma grande capacidade criativa para o romance. “A história de um nome é um pretexto literário para afirmar-se como a romancista que ela seria posteriormente, mestra em desenvolver representações femininas. Rachel de Queiroz antecipou o assunto que será a marca de sua produção literária: a mulher.”. (OLIVEIRA, 2013, p.19).

Sabemos que nos primeiros decênios do século passado estava havendo várias mudanças no Brasil e no mundo, a primeira guerra mundial, a revolução Russa, as greves no Brasil, o movimento tenentista, assim como também estava se tornando cada vez maior a luta das mulheres em busca de mais direitos, e principalmente a luta pelo sufrágio feminino, onde uma das suas principais expoentes no país era a Bertha Lutz³⁰.

Rachel de Queiroz já estava trabalhando no jornal neste período e estava a par do movimento feminista, e pelos seus ideais até poderia fazer parte deste grupo, entretanto não foi isso que ocorreu, ela tinha uma opinião política formada contra Getúlio Vargas e acusava o movimento feminista de colaborar com a política varguista, e isto ela não considerava aceitável. Esse é um dos motivos que fazem com que ela se mantenha de fora dos movimentos feministas no início do século XX. Porém, em seu periódico reproduz diversas matérias de Maria Lacerda³¹ uma das primeiras feministas do Brasil, nos textos defendiam o seu pensamento em relação ao

³⁰ Bertha Maria Júlia Lutz (1894- 1976), foi um nome chave na luta pelos direitos das mulheres tendo lutado pelo voto feminino e pela emancipação da mulher no Brasil. Atuou como deputada na Câmara Federal em 1936 onde lutou pela igualdade salarial, pela redução da jornada de trabalho e pela licença maternidade. https://www.ebiografia.com/bertha_lutz/#:~:text=Estudos%20da%20Cultura,Biografia%20de%20Bertha%20Lutz,2%20de%20agosto%20de%201894. Acesso em:09 de Junho de 2020.

³¹ Maria Lacerda de Moura (1887- 1945), Foi uma pensadora anarquista brasileira e pacifista. Precursora do que se denomina, hoje em dia, como anarcofeminismo. Foi extremamente ativa em sua época e lida por intelectuais, militantes e escritores tanto do Brasil quanto da Espanha, Argentina e Chile. Foi editora/criadora da revista Renascença (seis edições, 1923), uma revista de arte e pensamento que contava com colaboração de anarquistas, feministas e comunistas brasileiros e estrangeiros. <https://tendadelivros.org/marialacerdemoura/marialacerda-de-moura/> Acesso em:09 de Junho de 2020.

corpo, a família, ao amor e a religião. E através desta posição ela se manteve pelo restante da sua vida.

Não sou feminista. Acho que a sociedade tem que crescer em conjunto. A associação entre a mulher e homem é muito boa e acho um grande erro combater o homem. Aquela brincadeira que a gente diz, “que o homem foi feito para servir a mulher”... foi mesmo [risos], de forma que nunca fui feminista, sempre discordei das feministas. E como acho que a condição humana é uma condição de sofrimento e de decepção e que a idade só traz amarguras e renúncias e conformismo, então as minhas mulheres, como os meus homens também... Só que me dedico mais a histórias femininas, na verdade, os meus personagens principais são sempre mulheres. (RODA VIVA, 1991).

Rachel de Queiroz também teve experiências em sala de aula, foi professora interina de História na escola normal, ironicamente neste período concorreu e foi eleita a rainha dos estudantes da capital no ano de 1930, pois era mais jovem do que muitas das alunas da escola, o mesmo evento que criticou anos atrás. Ela também continua escrevendo para o Povo e começa a se arriscar mais na escrita produzindo textos e poemas para uma revista chamada *Maracajá* (1927), criada também por Demócrito Rocha e outros escritores cearenses, que defendiam a ideia modernista na literatura.

O primeiro número de *Maracajá* foi lançado em 07 de abril de 1927, editada por Demócrito, Sarasate e Mário de Andrade (do Norte), destinava-se a reverberar o modernismo por terras nordestinas. Era marcado pelo regionalismo e indianismo. Rachel já figurava neste número, com seu "Se eu fosse escrever meu Manifesto Artístico". Mesmo antes disso, a autora já tinha se pronunciado publicamente em relação ao movimento sulista. Ainda para O Ceará arriscou alguns palpites e escreveu artigo interessante, posicionando-se acerca das correntes modernistas que estreamam no Centro-Sul do país. (GUERELLUS, 2011, p.62).

Uma das principais características do modernismo era a proposta de defender um ideal nacionalista sem os resquícios do colonialismo ou influência exterior. Depois do impacto da semana de arte moderna, no final dos anos vinte a maior parte dos romances estavam relacionados com essa temática, assim como muitos outros escritores Rachel de Queiroz também explorou esse aspecto, porém eles tinham um entendimento que o nacionalismo surge do regionalismo, para falar sobre o todo você deveria conhecer as suas partes, as regiões, principalmente as zonas periféricas do país, é por isso que o seu primeiro romance é caracterizado como modernista regionalista.

Eu canto a alma de minha terra e alma de minha gente.

Canto o meu sol ardente, amoroso e ruivo, que é o mais pessoal e característico de todos os sóis do mundo.

(...) só compreendo e admiro uma manifestação artística quando é espontânea e sincera.

E, sinceramente, espontaneamente, meu coração só pode sentir e cantar o que sente e canta minha raça.

Eis porque sou nacionalista, eis porque dentro de meu nacionalismo inda me estreito mais ao círculo de meu regionalismo. É que sinto que quanto mais próxima e familiar a paisagem, quanto mais íntimo o motivo de inspiração, quanto mais integrado o artista com o modelo, mais fiel, mais espontânea e sincera será sua interpretação.

Eis porque eu canto o sertão, o sol, o Orós, as carnaúbas, o algodão, os seringueiros, os jagunços cantadores e os vaqueiros, a caatinga, a Amazônia, a praça do Ferreira e o Cariry; eis porque canto o presente tumultuoso de minha terra e o seu passado tão curto, tão claro, tão cheio de expansão e vitalidade que é quasi um outro presente.

(Maracajá apud CUNHA, 2011, p. 49).

Aos dezoito anos ela ficou muito doente com suspeita de tuberculose com isso o médico lhe recomendou repouso. Foi o momento no qual se recolheu no sítio dos seus pais para se tratar, foi um dos períodos essenciais para sua carreira literária. Foi neste momento que escreveu seu primeiro romance *O Quinze* (1930). Para ela não foi tão difícil e nem repentino, pois já se encontrava familiarizada com o hábito de escrever no jornal, porém não tinha escrito nenhum romance até então.

A temática central do romance não foi novidade, o enredo sobre uma família que foge da seca em busca da sua sobrevivência e as consequências que sofrem neste percurso, pois outros autores já tinham falado sobre a seca no Nordeste. Porém, é importante destacar que Rachel queria apresentar este fato com uma outra roupagem, de uma outra perspectiva, a literatura sobre a seca até então era muito densa e descritiva. O seu romance é diferenciado destas outras obras, por mais que relate e descreva as situações de penúria, existe uma simplicidade e um direcionamento da história que o torna um romance mais sensível. As várias perspectivas dos personagens que ela mostra, e as consequências relacionada a seca para cada um deles, também é uma característica que nos intriga e torna a narrativa mais interessante.

O sertão era o meu ambiente natural. E a seca é quase sinônimo do sertão. A tradição oral, os problemas do dia a dia na fazenda, as lembranças de todos e aquele desesperado amor, que eu já tinha e ainda conservo, pela terra de lá, como que me impunham o assunto. O curioso é que ainda não tinha visto propriamente uma seca quando escrevi o livro. Na de 1915, eu estava com apenas quatro anos; na seguinte, a de 1919, morávamos em Belém do Pará. Assim, a seca para mim era mais uma ambiência do que uma lembrança, mas tão viva como se fosse testemunha de fato. É verdade que os verões sertanejos já são tão áspers e tão secos que só duração e

intensidade. Eram como miniaturas de seca me ensinando a realidade dela. Escrevi *O quinze* com dezoito anos. (QUEIROZ apud CUNHA, 2011, p. 51).

Após terminar o romance ela apresentou aos seus pais, eles gostaram, ficaram entusiasmados e resolveram apoiá-la emprestando o dinheiro para que publicasse aquela história. A primeira edição do livro foi de mil exemplares, foi impresso com um papel e uma capa simplória, em uma pequena editora do Estado do Ceará. Quando ela apresentou o livro para os seus colegas eles sugeriram que enviasse exemplares para grandes nomes da literatura, da crítica e do jornalismo, para que com isso a sua obra tivesse um maior alcance em âmbito nacional, pois normalmente esses intelectuais se encontravam no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foram enviados cerca de cem exemplares da obra, e entre os nomes que receberam estava o escritor Graça Aranha, o editor e poeta Frederico Schmidt, o romancista Graciliano Ramos, dentre outros.

A receptividade da obra foi positiva, porém não conseguiu se livrar de algumas críticas negativas, alguns críticos e escritores de Fortaleza afirmaram que aquela forma de escrever não poderia ter sido de uma mulher e provavelmente quem teria escrito aquele romance foi o pai de Rachel. Pois existia um preconceito com a escrita feminina, era comum direcionar a escrita feminina para temáticas abordando a sensibilidade, o romantismo e futilidades do dia a dia. Portanto, alguns acreditavam que as temáticas relacionadas a desigualdade social, política e crítica a sociedade não interessava e nem poderia ter sido escrito por mulheres até aquele momento. Este é mais um dos fatos que mostra que *O Quinze* foi um divisor de águas tanto na vida de Rachel, como também na escrita da literatura produzida por mulheres.

A recepção no Ceará não foi das melhores. Apareceram algumas críticas dizendo que o livro era impresso em papel inferior e que não havia sido escrito por Rachel e sim por seu pai ou pelo escritor Beni de Carvalho. Esse boato foi espalhado em notas, por outro escritor que frequentava a mesma roda de literatos de Rachel, em Fortaleza. (...). Se no Ceará a crítica se resumiu a esta mesquinhez, foi tudo muito diferente no sudeste do país. (GUERELLUS, 2011, p. 54).

A resposta vinda da capital do Brasil e de São Paulo sobre o seu livro foi muito positiva. Na maioria das críticas eles apontavam o caráter inovador na forma de escrever, de tratar os personagens e também a surpresa com a idade da escritora que no período da publicação tinha dezenove anos, porém ela escreveu o livro com dezoito. A primeira obra de Rachel de Queiroz ganhou o prêmio Graça Aranha de melhor romance daquele ano, foi este o momento que ela

retorna ao Rio de Janeiro para receber o prêmio, nesta viagem conheceu escritores de renomes nacionais e iniciou amizades muito influentes no campo literário.

As ideias comunistas e anarquistas estavam em muita evidência na primeira metade do século XX, a maior parte dos intelectuais se identificavam com estes ideais, não seria diferente com a Rachel, já conhecia algumas obras de foro socialista que tinha lido nos livros da biblioteca da sua casa. Quando iniciou o trabalho no jornal muitos dos seus colegas faziam parte do movimento socialista do Ceará, produziam revistas de cunho comunista, organizavam grupos de debate e políticos. Quando estava no Rio de Janeiro para o prêmio em que o seu livro seria homenageado, também se encontrou com intelectuais comunistas a qual ela rapidamente se identificou entre esses estava o poeta e funcionário público José Auto da Cruz que se tornará o seu primeiro marido.

Em 1932, publicou o seu segundo livro chamado *João Miguel*, nesta obra ela deixa transparecer o seu caráter socialista, produzindo uma literatura social e engajada. O enredo do romance narra a situação de um homem simples na prisão, após ter sido condenado por matar uma pessoa, uma das condições que o levou a este ato foi em decorrência de estar sob o efeito do álcool. Nesta obra Rachel descreve a situação da cadeia pública naquele período, ela mesma foi várias vezes fazer pesquisas para construção do livro na cadeia pública de Baturité, no Ceará, para construir a sua história. Também será por causa desta obra que se afastará do partido comunista, se desvinculará, pois, eles queriam censurar o seu livro, modificar a história, porém ela não aceitou, pois não reconhecia entre eles as condições necessárias para alterar o conteúdo do seu livro.

Como é característico do intelectual desta época, a literatura não se separava da análise social, estava intrinsecamente envolvida com ela, com seu contexto e em diálogo com as mudanças de seu tempo, com o avanço da própria modernidade. Daí a integração da quase totalidade da intelectualidade brasileira desta época nas mais diversas correntes políticas: fascistas, comunistas, liberais. (GUERELLUS, 2011, p. 63).

Também no mesmo período, poucos anos depois de Rachel de Queiroz conhecer José Auto, eles se casaram em 1932. Em decorrência do emprego do seu marido eles tiveram que viajar para Bahia, onde ela estreita a sua amizade com Jorge Amado. Em consequência da gravidez que era considerada de risco eles tiveram que voltar para Fortaleza onde ela estaria próxima da sua família. Nasce a sua primeira e única filha Clotilde, o nome é em homenagem a sua mãe, alguns meses depois eles voltam a viajar, desta vez foram morar no Rio de Janeiro,

depois São Paulo e também em Maceió. É neste momento que ela conhece e constrói uma grande amizade com alguns escritores modernistas, são eles Aurélio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos, Jorge de Lima e José Lins do Rego, surgindo assim um círculo de amizade, os quais fizeram parte da geração do romance de 30.

Como já falamos antes é dado esse nome a este grupo de escritores por produzirem um romance regionalista, aonde constroem uma história engajada, crítica e com tons de denúncia social. Após alguns anos Rachel e sua família retornam para o Rio de Janeiro, o seu esposo mais do que nunca envolvido com a política, assim como ela também que se manifestavam contra a política varguista defendendo os ideais socialistas, mesmo sem estar mais filiada ao partido comunista. Durante estes anos ela não escreveu nenhum romance, estava trabalhando traduzindo livros e cuidando da sua filha. Em 1935 sofre uma grande perda, a sua pequena filha morre em decorrência de meningite, algo que marca profundamente a história de Rachel, pouco tempo depois o seu casamento termina. Com estas mudanças ela retorna para Fortaleza, em consequência do seu histórico político, das suas amigas e seus ideais comunistas e por defender ideias antigetulistas ela foi presa no ano de 1937 na capital cearense.

Foi acusada de estar associada ao partido comunista, só que já havia vários anos que ela não estava mais vinculada, tinha saído do partido porque eles queriam censurar, modificar uma de suas obras, o seu livro João Miguel, ela não aceitou a imposição do partido e cortou relações. Porém, ainda continuou defendendo os ideais comunistas trotskistas por muito tempo. Com o assassinato de Trotsky em 1940, ela se desiludi do movimento e abandonou os ideais socialistas, porém nunca deixou de ser contra a política de Getúlio Vargas.

No mesmo ano em que foi presa ela publica o seu terceiro livro *Caminho de Pedras*, que narra a história de uma mulher casada que se apaixona por outro homem e comete adultério. No decorrer da narrativa a personagem sofrerá por causa do julgamento e exclusão da sociedade. Dentro dessa trama central se destaca outros assuntos como a autonomia feminina e também as questões sociais. Percebe-se que neste romance ela demonstra as suas frustrações e decepções com o partido de esquerda e com o movimento comunista. Podemos dizer que as percepções de Rachel em relação como ver o mundo, começa a mudar neste período, ela retorna mais uma vez a capital do Brasil, Rio de Janeiro e oficializa a sua separação com José Auto.

Em 1939, publica o seu quarto romance *As três Marias*, uma história de três adolescentes que se chamam Maria e moram em um internato de Fortaleza. O enredo parte das vivências e experiências que as jovens compartilharam na juventude. Esta obra traz experiências que

Rachel de Queiroz vivenciou junto com as suas amigas Alba Frota e Aldina quando elas estudavam no colégio de freiras, ou seja, é autobiográfico.

Esse seu romance se diferencia dos seus primeiros livros pois não aprofunda aspectos da questão social ou realiza diretamente uma crítica à sociedade. Rachel já tinha alcançado a fama de uma grande escritora de obras literárias, já era conhecida em todo o Brasil, se tornando cada vez mais popular nesse período. Neste momento ela conhece o médico Oyama de Macedo que se tornou o seu segundo marido, eles ficaram juntos por mais de 40 anos, porém não tiveram filhos.

Rachel trabalhou na revista O Cruzeiro a partir do ano de 1945, onde passou a publicar suas crônicas. Neste período ela irá focar no seu trabalho jornalístico e também produzirá algumas peças de teatro, as mais conhecidas foram *Lampião* em 1953 e *A beata Maria do Egito* exibida no teatro municipal do Rio de Janeiro em 1958.

Essa fase da vida da escritora já é menos atribulada, por mais que continue trabalhando intensamente, ela consegue se dividir entre o Rio de Janeiro e o Ceará, mais precisamente a fazenda que seu pai lhe deixou, no qual vai chamar de Não Me Deixes. Era muito apegada ao sertão cearense, sempre fez questão de ir pelo menos uma vez ao ano a sua terra natal, principalmente a sua propriedade, da qual ela tinha muito orgulho, e onde se sentia muito à vontade.

No ano de 1964, Rachel de Queiroz junto com outros intelectuais e artistas defenderam o golpe militar no Brasil, ela afirma que apoiou este movimento por que João Goulart ainda era o que restava de Vargas e ela não o tolerava. O seu esposo era muito próximo do general Humberto Castelo Branco, por intermédio dele ela descobriu que era prima distante de Castelo Branco, gerando aí uma amizade.

Após a implantação do regime militar a escritora foi convidada pelo governo para representar o Brasil em 1966, em uma sessão da ONU defendendo a comissão de Direitos Humanos. Porém, Rachel afirma que o seu apoio ao regime foi apenas nos anos que Castelo Branco estava no poder, pois defendia a ideia de um governo temporário. Quando o regime deu continuidade com suas características antidemocráticas ela se afastou da política, renunciando propostas de cargos públicos. Mas vale lembrar que também ela nunca fez nenhuma crítica mais contundente a ditadura militar.

Dorâ, Doraline foi o seu quinto livro, publicado em 1975, após muito tempo sem escrever romances, mais de trinta anos, ela apresentará uma história que se passa entre o Ceará e o Rio de Janeiro. A narrativa tem como tema central uma moça subjugada pela autoridade de sua mãe, em um relacionamento conflituoso e suas peripécias entre as duas cidades, em que ela se defronta entre o tempo pacato do sertão e a agitação da urbanidade. Esta obra será dividida em três partes, “O Livro de Senhora”, “O Livro da Companhia” e o “Livro do Comandante”. Muitos dos personagens que aparecem nesse livro são baseados em amigos próximos da escritora.

Em 1977, ela foi cogitada para disputar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, ela não foi a primeira mulher a disputar uma vaga para a academia, entretanto se tornou a primeira a ocupar um lugar se tornando uma imortal. Herdou a cadeira cinco que tem como seu patrono Bernardo Guimarães, coincidentemente um outro grande nome do regionalismo do século XIX. Com isso Rachel de Queiroz abriu espaço para posteriormente outras mulheres também terem a oportunidade de participar desse seleto grupo.

No início dos anos oitenta, ela ganhou ainda mais visibilidade pois as suas obras chegaram as telas de cinema e televisões. Em 1980, o seu livro *As Três Marias* foi adaptado pela TV Globo para ser uma novela. Em 1981 o cineasta Perry Sales procurou Rachel para ajudá-lo adaptar o seu romance *Dorâ, Doralina* para o cinema. Porém, neste mesmo período o seu esposo Oyama que há muito tempo já estava doente, faleceu no ano de 1982, gerando uma grande tristeza para ela, pois foram mais de quarenta anos de companheirismo.

Em 1985, ela publicou o seu sexto romance *O Galo de ouro*, neste livro ela se apropria de narrativas dos seus vizinhos da Ilha do governador no Rio de Janeiro, no qual eles falavam sobre histórias dos subúrbios do Rio de Janeiro. Nesta obra ela discorre sobre os bicheiros, as prostitutas, os pais de Santo, a polícia e os comerciantes. Resumindo esse seu romance reflete sobre as experiências humanas e suas condições na sociedade.

Muitos anos depois ela voltará a escrever um romance publicado em 1992, o seu último romance chamado *Memorial de Maria Moura*. Nesta obra ela apresenta a narrativa de uma mulher que se encontra sem nenhum parente próximo após a morte de sua mãe em que ela possa confiar, então para tentar sobreviver vai adentrar ao banditismo, organizando um grupo de homens armados da sua confiança. Esta narrativa é baseada na pesquisa que a escritora fez sobre o movimento do banditismo no Nordeste no século XVIII, utilizando um exemplo de

algumas figuras que viveram no período para construir os seus personagens. Esta obra também vai ter uma grande visibilidade após ser adaptada para minissérie pela TV Globo em 1994.

Além desses romances consagrados, durante a sua vida Rachel também escreveu livros Infanto-Juvenis como por exemplo, *O menino mágico* (1969), *Cafute & Pena-de-Prata* (1986), *Andira* (1992). Ela não teve mais filhos, após a morte de sua única filha, mais tinha um grande carinho por seus sobrinhos e pelos filhos dos mesmos, seus sobrinhos netos. Colaborou ainda com sua irmã Maria Luiza de Queiroz, na elaboração de um livro de memórias chamado de *Tantos anos* em 1998.

Entre suas grandes paixões estava a sua fazenda *Não me Deixes*, e a culinária, chegando também a escrever sobre a mesma, nos anos 2000. Mesmo com mais de 90 anos de idade ela ainda escrevia crônicas, atividade que ela exerceu por quase toda a sua vida. Rachel de Queiroz faleceu no ano de 2003 em seu apartamento no Rio de Janeiro.

Através desse percurso biográfico da escritora, podemos perceber que ela escreveu sobre aquilo que tinha afinidade, sobre o que lhe completava. Das suas temáticas centrais em todos os seus romances destacamos duas: a mulher, os seus personagens centrais femininos são marcados por uma grande garra e independência, contrastando da sociedade da qual elas faziam parte, seja uma jovem professora que escolhe por ficar sozinha e não se casar, ou uma mãe solteira que luta juntamente com os operários por melhores condições de vida, uma mulher que tenta se desvincular da opressão da sociedade e da sua própria mãe, ou uma jovem mulher que escolhe a vida do cangaço para ser independente. Mulheres essas que passaram por grandes dificuldades, mas escolheram o seu próprio caminho.

Refletem também a vida da própria Rachel de Queiroz que desde jovem teve a oportunidade de escolher o seu próprio caminho, se tornando independente financeiramente muito cedo, escolhendo defender os seus ideais políticos, ganhando espaço onde nem sempre a mulher era bem vista, lutando pelo direito de poder se divorciar, se dando a oportunidade de ser feliz em outro relacionamento. E sofrendo, tentando seguir curando as feridas após a perda da sua única filha, percebe-se que as personagens dela estão interligadas com as fases de sua vida e seus ideais, todas elas se complementam.

A outra temática que não podemos deixar de comentar é o Sertão, seja o Nordeste em si ou o Ceará. Rachel é declaradamente apaixonada por sua terra natal, em todos os seus livros, menos em *O Galo de ouro*, ela retratou a vida do sertão cearense. Seja falando sobre as dificuldades que o povo sertanejo passa, através da seca, da fome, da desigualdade social, ou

através da sua cultura e resistência contra as dificuldades da vida. É por causa desses aspectos que algumas das suas obras se encaixam como regionalista, como um romance crítico, pois ela desnuda as dificuldades que essa população sofria ao longo dos tempos.

Nos resumos biográficos, documentários e entrevistas que estudamos sobre ela é comum percebermos que Rachel de Queiroz observou e relatou muito do que os seus familiares, amigos e funcionários falavam sobre o que tinham vivido, ou que tinham escutado sobre determinado período. Por exemplo no livro *O Quinze*, ela tinha apenas quatro anos quando ocorreu a seca, porém afirmava que cresceu ouvindo histórias sobre esse período. Ela também estudava e pesquisava certos temas para compor as suas narrativas, é o que vemos principalmente nos romances João Miguel, quando para produzi-lo ela foi visitar, estudou e observou como era a cadeia pública e também no Memorial de Maria Moura, que ela faz uma pesquisa histórica sobre o banditismo no sec. XVIII, e baseia os seus personagens “fictícios” em personagens reais daquele período.

Ela foi uma grande escritora, que nos deixou belíssimas obras que acrescentaram muito a literatura brasileira, mais principalmente para a literatura cearense. Obras essas que servirão tanto para nos distrair através de uma boa leitura, como também para nos ensinar, nos situar em experiências ficcionais que nos remetem o tempo todo para a experiência histórica. Por isso Rachel de Queiroz e sua obra foi escolhida como fonte para que abracemos através do ensino de história na educação básica, utilizando a literatura, uma experiência didática a partir do diálogo entre a linguagem literária e a produção do conhecimento histórico.

2.6 - Refletindo sobre O Quinze e sua Origem

Neste trabalho temos como objetivo principal utilizar a obra *O Quinze*, para discutirmos um conteúdo que é muito importante para a História do Ceará, porém não é tão debatido nas escolas, que são os movimentos migratórios e os campos de concentração. Para isso iremos utilizar o livro de Rachel de Queiroz como já indicado, que é um dos mais renomados romances literários do Brasil e foi o seu primeiro livro, publicado em 1930.

Na maior parte dos seus romances e crônicas vamos perceber que ela normalmente ambientava os mesmos na região Nordeste, apresentando suas características e problemáticas. Outro aspecto que podemos pontuar é sobre a temporalidade, as suas obras normalmente se apresentam próximo do período que ela vivenciou, desta forma conseguimos perceber algumas

ligações entre a ficção e o real nos seus escritos. Como por exemplo, a temporalidade e os aspectos sociais do seu primeiro romance.

O fenômeno natural e social, a seca, é algo que no decorrer do final do século XIX e início do XX, ocasionou uma grande transformação no aspecto demográfico do Ceará, ocasionado pela grande movimentação dos retirantes e um grande número de mortos em consequência da longa estiagem. Rachel de Queiroz era uma criança entre quatro e cinco anos no momento da seca de 1915, portanto as suas impressões e lembranças seriam poucas ou nenhuma daquele momento já que era muito pequena. Porém, ela cresceu com histórias em que seus familiares, e os trabalhadores da fazenda que ela tinha contato, quando estava no sertão do Quixadá, contavam sobre o fato, as narrativas dramáticas da seca e todo o sofrimento provocado para as pessoas naquele momento.

Com isso percebemos que a tradição oral vai fazer parte do seu imaginário, e da sua produção literária. Além destes relatos, ela também leu e pesquisou, pois romances utilizando a temática da seca já eram comuns, como por exemplo *A Fome* (1890) de Rodolfo Teófilo e *Luzia homem* (1903) de Domingo Olímpio aos quais muito provavelmente teve acesso. Algo que também devemos destacar é que desde muito cedo ela foi influenciada pela literatura, assim também como a sua experiência e leituras durante o período que trabalhava no jornal, portanto toda essa estrutura influenciou o seu processo de criação.

O que vai levá-la a não escrever apenas mais um romance sobre a seca, e toda a sua desgraça, o seu objetivo era falar sobre os efeitos da seca na vida do homem sertanejo.

Após as incursões literárias, pensava em escrever um romance. No entanto não pretendia escrever uma simples história de amor que seus dezoito anos solicitavam. Sem percorrer o caminho já trilhado por tantos autores regionalistas – Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo –, ela desejava outra seca, a sua seca: “sem formalmente trágica – sem muitos cadáveres, muitos esqueletos, muitos urubus, como era o tom realista até então”. (CUNHA, 2011, p. 53).

Outro aspecto interessante do livro *O Quinze*, é algumas características dos personagens e do ambiente que Rachel desenvolve. Como exemplo podemos citar as características da personagem Conceição, já que quando analisamos a construção da personagem, e se estuda a biografia da escritora no período da elaboração do livro, elas se assemelham muito, são professoras, independentes e tem o gosto pela leitura.

A própria autora também afirma que o Vicente amor platônico da Conceição é baseado em um primo seu, do qual ela gostava. Além do local em que ela utiliza para adaptar a história,

era no Quixadá terra natal dos seus pais onde eles iam tirar férias, uma localidade que ela conhecia e sempre estava entre lá e a capital do Ceará Fortaleza.

Portanto, no dia 07 de junho de 1930 é publicado a primeira edição do livro *O Quinze*, foi impresso pela Graphica Urânio, com uma tiragem de mil exemplares. Ela tinha apenas dezenove anos no lançamento do livro, algo que impressiona pela qualidade da história do mesmo e sua maturidade, principalmente naquele período em que a mulher era subestimada.

Desde os seus dezesseis anos ela já escrevia crônicas publicadas em jornal, já desenvolvia poemas modernistas, até um livro com esses poemas ela tinha organizado, porém ela nunca publicou durante a vida, chamado de Mandacaru³². Aonde ela já dialogava com a temática da seca, do Nordeste e do regionalismo. Um dos principais exemplos é o poema *Êxodo* que ela utiliza no prefácio das primeiras publicações do *O Quinze*, no qual ela trabalha exatamente a problemática da migração, temas estes que vão ser bastante explorados no seu primeiro livro.

Temos que *O Quinze*, portanto, não foi um milagre, foi talvez um risco, uma ousadia não tão ingênua quanto parecia à primeira vista. Em diálogo com o movimento modernista do Centro-Sul há mais de dois anos, Rachel de Queiroz sabia exatamente o que estava plantando. Só não tinha como prever que aquele era terreno fértil e que a árvore plantada cresceu tanto. (GUERELLUS, 2011, p. 77).

Após o lançamento da obra as primeiras críticas não foram muito positivas em Fortaleza, como a própria Rachel afirmou: “A recepção foi fria e, da parte de alguns, até hostil”. (QUEIROZ, 2014, p. 412). Alguns dos críticos ou literatos da capital cearense atribuíram a obra ao pai dela, ao senhor Daniel de Queiroz. Afirmavam que ele tinha escrito o livro, por causa de um grande preconceito que a escrita feminina sofria naquele momento, eles atribuíram a linguagem e a forma como o romance foi construído, como um romance de “macho”. Os primeiros artigos publicados sobre o livro mostravam pouco apreço pelo romance em si, porém problematizaram em demasia a sua autoria.

Motivada pelos seus amigos ela enviou alguns exemplares para o sul do país, para alguns críticos e literatos influentes de então. A recepção da obra já foi mais positiva, dentre vários

³² Mandacaru apresenta ainda a incipiência de vários traços que seriam tematizados por Rachel e embrião de personagens que ela desenvolveria a partir do romance de 1930. Organizados por Elvia Bezerra, os textos reunidos na coletânea datam de 1928, o que demonstra, pela curta distância de publicação de *O Quinze* que durante esse tempo a escritora não terá se descuidado um só instante do exercício com a escrita. Ver em: <http://www.blogletras.com/2010/11/mandacaru-o-inedito-de-rachel-de.html>

artigos e notas publicadas sobre o livro, um dos mais simbólicos que sintetiza como foi a recepção da obra no Sul foi o do poeta e editor Frederico Schmidt. Publicado no jornal as novidades literárias, artísticas e científicas, e este mesmo artigo posteriormente também foi reproduzido no jornal o Povo.

Acabo, agora mesmo, de ler um romance e não resisto à tentação de sobre ele dizer algo, de comunicar o entusiasmo de que estou possuído, de chamar a atenção para um livro que vem revelar a existência de um grande brasileiro, inteiramente desconhecido. Grande escritor que é uma mulher, e incrivelmente jovem. Refiro-me ao “O Quinze”, de Rachel de Queiroz.

(...)

Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembro, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe. É que não é apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção – e isto a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome. Tudo se passa em “O Quinze” dentro de um ambiente de absoluta realidade, tudo acontece com a mais perfeita naturalidade, naturalidade que é mantida em todo o livro sem nenhuma queda.

(...)

Não se encontra no pequeno romance que D. Rachel de Queiroz acaba de publicar o mínimo abuso. A própria paisagem de seca, cujo horror lhe podia dar motivo para maior extensão descritiva, a própria paisagem vem apenas necessariamente em rápidos e sóbrios painéis, tão rápidos e sóbrios, tão ligados com a vida dos personagens, com a vida do livro que seria impossível se destacar um trechinho qualquer para antologia. Como estamos longe dessa literatura gênero “Viagem maravilhosa”, dessa literatura exaltada e sem entusiasmo, dessa literatura moderna, em que a complicação pretende esconder a mediocridade irremediável de alma.

Não há nenhum sentimentalismo na escritora de “O Quinze”. Constata ela apenas a realidade, sem procurar concluir coisa nenhuma, de uma singela frescura que não pode deixar de comover ao leitor. Não reclama nenhuma providência contra a seca, pois seu livro nada tem de caráter panfletário. Não amaldiçoa a terra, não força o sentimento de piedade com inventivas violentas, nem com lamentações pungentes.

(O Povo, 1930, p. 03-04).

Schmidt neste artigo aponta todas as impressões que os outros críticos literários também tiveram da obra. A surpresa pela idade da escritora, a surpresa por ser uma mulher, e a própria forma de escrita que era diferente do período, principalmente se tratando de uma mulher. Outras críticas positivas como essa surgiram de jornais e revistas e de nomes influentes da literatura como por exemplo Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Graça Aranha. Com esta obra ela ganhou o prêmio chamado de Graça Aranha de Literatura, apontado por vários literatos, principalmente o próprio Graça Aranha, como melhor romance do ano. A partir dessas críticas

e reconhecimento o romance toma conta da cidade de Fortaleza, e também repercutirá em várias outras regiões do Brasil.

Para melhor entender esta obra da qual estamos nos referindo, vamos destacar os principais pontos do enredo através de um breve resumo da história apresentada no romance, que ocorre no ano de 1915, do sertão do Ceará, mais precisamente entre a cidade do Quixadá e a capital cearense, Fortaleza. A obra se inicia destacando uma das principais características do povo sertanejo, a sua religiosidade. D. Inácia orava fervorosamente para que seus santos ajudassem a cair chuva no Sertão, que há muito tempo vinha sofrendo com a escassez de água. Em outro cômodo se encontrava Conceição, sua neta, uma mulher de vinte e dois anos, professora na capital, que se encontrava de férias visitando-a na fazenda chamada de Logradouro em Quixadá.

Conceição é apresentada como uma mulher independente, inteligente, adepta à leitura socialistas e estava escrevendo livros de pedagogia, características bem incomuns para as mulheres naquela época. Tinha também uma outra característica que lhe era incomum, não pensava em casar, algo que gerou várias críticas da sua avó. Sua avó por outro lado era uma senhora viúva, responsável pela Fazenda do Logradouro, e que estava passando por grandes dificuldades para gerir a propriedade, em consequência da seca segundo a narrativa apresentada.

Através de uma descrição bastante aproximada da paisagem, da vegetação e dos animais que estavam sofrendo com a falta d'água, é apresentado um outro personagem. Vicente que era um vaqueiro responsável pela fazenda dos seus pais, que se encontrava tendo de resolver os problemas da criação do gado nesse momento de estiagem, pois algo que lhe dava muita dor de cabeça era conseguir manter os seus animais vivos e preservar o emprego dos seus funcionários. Pois o que ele tinha certeza era que não abandonaria a sua criação, e nem os seus trabalhadores, neste momento difícil.

Alguns vizinhos fazendeiros estavam abandonando as fazendas e os animais, partiam para as grandes cidades fugindo dos prejuízos que a seca poderia ocasionar, deixando os seus funcionários pela própria sorte. Foi o que ocorreu com o Chico Bento, a sua patroa a dona da Fazenda das Aroeiras onde trabalhava, lhe ordenou soltar os animais e buscar outro emprego caso não chovesse. Entretanto emprego naquelas condições era impossível de encontrar na região, então ele já planejava junto com a sua família migrar para o Norte, trabalhar com a borracha na Amazônia.

Vicente quando soube do acontecido com Chico Bento ficou muito indignado, ele que tinha um grande senso de justiça afirmava que não iria abandonar um vaqueiro seu, e juntos iriam passar pelas dificuldades da seca. Ele foi em direção da fazenda da sua tia D. Inácia em busca de um remédio para seus animais, se reencontrando assim com Conceição. Entre eles existia um clima de romance platônico, se gostavam, mas nenhum se aventurou em tornar em algo mais sério. Conversando enquanto esperava o remédio, ele descobre que uma das motivações dela ainda estar na fazenda era conseguir convencer a sua avó a ir para a capital, onde ela morava e trabalhava.

Enquanto isso o fatídico dia chegava no qual Chico Bento abre as porteiras da fazenda e solta o gado, os animais magros, com fome e sem força até para andar, buscavam algum mato, porém só encontravam as marcas da seca em todos os lugares. Na casa a sua esposa Cordulina, juntamente com a sua irmã Mocinha choravam vendo a cena da janela, com o coração apertado de ver os animais naquelas condições e prevendo também o seu destino, de ir embora em busca de sua própria sobrevivência, abandonando o seu lar.

Posteriormente Chico Bento se encaminhou até à fazenda de Vicente para lhe propor um negócio, gostaria de lhe vender o seu gibão e uma rês de raça que lhe pertencia, porém eram coisas que Vicente não precisava e seria um gasto desnecessário, mas mesmo assim eles fecharam o negócio. Não foi muito dinheiro, porém agora ele teria algum valor para lhe ajudar na viagem até o Norte, e um animal de carga para negociar na cidade, para conseguir mais algum dinheiro. Ele não tinha como continuar na fazenda sem trabalho, recursos e sem comida, por isso tinham que migrar para outro lugar.

As histórias sobre os trabalhos na Amazônia com a borracha lhe davam esperança, assim como também tentava incentivar a sua esposa com as histórias de retirantes que enriqueceram no Norte. Por mais triste que fosse sair do seu lugar, eles não viram outro modo, então Chico Bento fez seus planos, iria ao Quixadá conseguir as passagens que o governo estava dando, pegar o dinheiro do negócio que fez com Vicente e ainda vender o animal de carga, e matar as criações que ainda lhe restava para comerem na viagem. Já tinha tudo planejado, a sua família não iria passar nenhuma dificuldade durante o percurso.

Na manhã seguinte em Quixadá foi em busca das passagens para ele, sua esposa, sua cunhada e seus cinco filhos. Porém foi comunicado que não havia mais passagens disponíveis, pois as últimas cinquenta passagens, foram cedidas a um fazendeiro que convocava os jovens homens para irem trabalhar no Norte. Posteriormente Chico Bento ficou sabendo que aquelas

passagens que eram para ser distribuídas gratuitamente para as famílias de sertanejos que queriam fugir da seca, eram vendidas ilegalmente, era por isso que não tinha disponível para sua família. Furioso chega em casa e comunica a mulher que seus planos não deram certo e terão que ir a pé pelo sertão até Fortaleza.

Na estação de trem lá estava Conceição e D. Inácia se despedindo do Vicente, a senhora chorava de tristeza por deixar a sua fazenda. Conceição tinha conseguido convencê-la que era o melhor a ser feito, para evitar outros problemas, já que ela tinha uma certa idade. A fazenda e o gado iriam ficar bem, ela já tinha cuidado de tudo, até ordenou aos seus vaqueiros para levarem as reses para a serra, pois lá poderia ser melhor para o gado sobreviver. Além disso teria a ajuda de Vicente e sua família, para lhe manter informada e ajudar se fosse preciso, ela poderia ir em paz com Conceição para Fortaleza.

Chico Bento e sua família pegaram a estrada, um de seus filhos pequeno ainda de colo, foi no meio da carga em cima da burra, a sua mãe Cordulina foi próxima para ele não cair, o vaqueiro levava uma trouxa presa em um pedaço de pau. Mocinha muito bem vestida ia com uma trouxa debaixo do braço e os outros quatro meninos foram na frente fazendo estripulia. Na primeira noite deram sorte e encontraram uma tapera onde se acomodaram, organizaram a sua comida, ele apareceu com a carne de bode salgada, farinha e uns pedaços de rapadura. As mulheres fizeram o fogo para assar a carne. Como já estavam sem água comeram a carne muito salgada, os meninos não ligaram, pois a fome era maior. Após comer, Chico Bento foi em busca de água, voltando depois de ter percorrido quilômetros de distância com uma água salobra e suja, que mesmo assim serviu para matar a sede e retirar o gosto do sal da boca.

Após três dias de caminhada em um sol ardente, se depararam com um grupo de retirantes, de longe viram que os homens esfolavam uma rês, enquanto isso as mulheres do grupo esquentavam a água. Eles estavam cansados da caminhada, os meninos pediam comida, então se aproximaram do grupo para dividir a sombra do juazeiro para descansarem e comerem. Porém Chico Bento percebe que aquele animal estava fedendo, pois já tinha um tempo que tinha morrido e aquelas pessoas tentavam aproveitar a sua carne. Mesmo assim estavam animados em comer aquele animal, pois fazia alguns dias que não se alimentavam com nada. O vaqueiro interveio e ofereceu a sua, pois ele afirmava que não deixaria aquelas pessoas comerem carne podre tendo comida, e a sua daria para dividir um pouco para todos. Porém, o seu alimento acabou e não mais teria para os outros dias.

No dia seguinte com fome, sem dinheiro Chico Bento e sua família chegaram a um vilarejo e este teve que trocar um dos seus últimos bens, uma rede por uma rapadura e um litro de farinha para alimentar os seus filhos. Porém, ainda continuaram com fome, no seio de Cordulina não havia mais leite para o seu pequeno. Quando amanheceu ele e Mocinha foram ao vilarejo em busca de serviço para ganhar algum dinheiro ou comida. Ela voltou com uma boa notícia, D. Eugênia uma senhora que vendia comida na estação de trem lhe ofereceu um emprego, porém ela tinha que deixar sua família e ficar no vilarejo. Os outros tiveram que seguir viagem e ela ficou, porém não tardou Mocinha começou a sofrer agressões verbais da patroa, era reclamada por tudo que fazia. Entretanto a moça gostava muito de socializar com os viajantes, das conversas, brincadeiras e cantadas dos fregueses.

Enquanto isso, no meio da estrada em uma casa velha de engenho uma das crianças, o Josias, estava incomodado com muitas dores no estômago, a barriga inchada, pálido e com os lábios arroxeados. A sua mãe tentava acomodá-lo da melhor forma que podia, porém, as condições eram horríveis e ela já estava desesperada com a situação do seu filho, já tinha pedido para o Chico Bento ir em busca de alguém que pudesse ajudar, uma rezadeira ou alguém que pudesse indicar um chá. A criança no dia anterior quando a fome bateu comeu uma raiz de manipeba que é venenosa, a qual encontrou em uma roça abandonada. Durante todo o dia não contou para ninguém, no dia seguinte se encontrava daquela forma. O seu pai chegou com uma rezadeira, entretanto não tinha mais nada o que fazer, infelizmente Josias já estava morrendo. A sua mãe se desesperou ao ver morrer naquelas condições, e não poder fazer nada para o salvar.

Em Fortaleza, Conceição ajudava os flagelados no campo de concentração, observava toda aquela miséria ocasionada pela seca, pessoas pedindo esmola, um grande mal cheiro, promiscuidade por todo lado e pessoas muito sujas com trapos velhos. Quando menos esperava, foi surpreendida por uma antiga conhecida que trabalhava na fazenda de Vicente, ela questionou a mulher por que estava naquele lugar, ela respondeu que tinha deixado a fazenda e explicou que saiu de lá por que ouviu falar que no campo de concentração o governo dava comida e ajudava os mais pobres. Porém, não foi bem o que ela encontrou, além de falar da sua miséria também deu notícias do pessoal da fazenda, disse que Vicente tinha ficado sozinho para cuidar da propriedade e seus familiares foram para a cidade. Ela também disse que ele estava se engraçando com uma moça da fazenda, informação essa que balançou Conceição deixando-a com muita raiva.

Enquanto isso ela observava aquelas pessoas passando as mais diversas privações com pouca ou nenhuma comida, sem um lugar confortável para ficar e roupas sujas. Ela presenciava as mais diversas situações, de um lado pessoas cantando para tentar espantar a tristeza e o sofrimento, e do outro lado pessoas velavam seus mortos, em decorrência da miséria que se encontravam, aquele campo representava um retrato muito triste das consequências da seca no Ceará.

No sertão, Josias ficou em sua cova na beira da estrada, ficou em paz, não tinha mais que chorar com fome e sofrer com aquela miséria. Porém, seus familiares principalmente sua mãe sofria muito, ela não conseguiu superar a morte do seu filho, e ainda sofria com todas as dificuldades do percurso. Os dias passavam e a fome, a sede, o cansaço, o calor tomava conta do seu ser. Comiam quando Chico Bento conseguia serviços nos vilarejos em troca de comida, ou quando encontravam uma raiz ou uma batata brava em roças velhas abandonadas no meio do caminho.

Cordolina pedia na porta das casas um pouco de leite e farinha para fazer um mingau para o seu pequeno Duquinha, pois ela não tinha mais leite para dar a ele. A burra que carregava as suas coisas foi vendida para evitar que ela ficasse morta no meio do caminho, de tão magra e fraca que ela já estava. Sendo também uma forma de comprar alguma comida.

Cordolina já se encontrava muito fraca fisicamente e mentalmente, dizia a seu esposo que não aguentava mais. Ele também não estava bem, alucinava quando adentrou a caatinga em busca de comida. Pedro seu filho mais velho o acompanhou, avistaram uma casa ao longe quando ouviram um barulho de uma cabra, Chico Bento que não raciocinava direito, só pensava na condição de sua mulher e de seus filhos, principalmente o mais novo que se encontrava só pele e o osso, não pensou duas vezes avançou na criação e a matou com um porrete, enquanto esfolava o animal, tirando o couro e os fatos, chegou inesperadamente um homem cheio de fúria escarnando com eles por terem feito aquilo com o seu animal. Tomou bruscamente toda a carne de Chico Bento, neste momento ele implorou de joelho por um pedaço do animal, falava da condição penosa em que se encontrava ele, a sua esposa e seus filhos. O homem jogou os fatos do animal para eles como se tivesse fazendo uma boa ação, quando voltaram, Cordolina preparou as tripas, sem água, suja de sangue e insossa.

Mais um dia se passava na capital, D. Inácia durante o dia na sua cadeira de balanço fazendo tricô, e Conceição trabalhava quase todo o dia na escola e ainda ajudava no campo de concentração, chegando em casa apenas à tardinha. Quando menos esperava elas receberam a

visita de Vicente, que foi a capital resolver problemas da fazenda e passou lá para visitá-las, ele falou para sua tia sobre a luta do dia a dia para conseguir salvar o seu gado, falou sobre sua família, porém ele sentia falta de Conceição, que não se encontrava em casa naquele momento, no mesmo instante ela chegou, demonstrando muita felicidade em vê-lo.

Conversaram sobre a seca, o campo de concentração, ele também estranhou a independência da mesma já que andava sozinha pela cidade. Mas além de toda a conversa o que ela de fato queria saber era sobre a moça que ele estava se engraçando na fazenda. Quando ela questionou sobre ele respondeu normalmente como se nada demais tivesse acontecido, ela ficou furiosa e começou a tratá-lo com frieza pois achava que ele estava mentindo. Vicente estranhou pois nunca havia visto Conceição lhe tratando daquela forma. Ele começou a se questionar se ela seria de fato uma boa companhia para ele, assim como ela também se fez as mesmas indagações, pois eram dois mundos bem diferentes.

Pedro o filho mais velho de Chico Bento sumiu durante a noite, quando acordaram não lhe encontraram, saíram procurando no vilarejo mais próximo e ninguém tinha visto, as pessoas aconselharam o vaqueiro a procurar o delegado, pois este poderia ajudar. Chegando na casa do delegado ele o reconheceu, mas não falou nada sobre, apenas o que tinha acontecido com o seu filho, as condições que ocorreu o seu desaparecimento e suas características físicas. Porém, o delegado afirmou que naquelas condições seria impossível encontrar uma criança, Cordolina começou a chorar e seu esposo aproximou-se dela cabisbaixo, neste momento o senhor os reconheceu.

Eles se conheciam das Aroeiras, eram compadres, ele era padrinho do Josias a criança que tinha morrido. Foram convidados para entrar na casa e conversaram como Chico Bento chegou naquela condição de miséria, o que tinha acontecido para ele deixar a fazenda e o que ocorreu no percurso da viagem. Doninha a dona da casa os chamou para comer algo, enquanto isso o delegado chamou dois cabras para procurar Pedro, porém foi em vão, tiveram notícias que ele tinha ido embora com outro grupo de retirantes. Uma outra perda que ocasionou um grande sofrimento para o casal. No mesmo dia eles embarcaram em um trem para a capital, graças a ajuda do compadre que conseguiu as passagens, roupas limpas e um pouco de comida, com isso eles conseguiram chegar ao seu destino.

Chegaram à estação do matadouro em Fortaleza e foram levados para um curral de arame ou como era chamado, campo de concentração, onde tinha muitas pessoas gritando e conversando, tudo amontoado em um espaço pequeno para aquela quantidade de gente. Aos

poucos foram orientando-se, se acomodaram como puderam em um canto ao lado de um cajueiro. Cordolina pegou a trouxa tirou o resto de comida e dividi-o entre eles, enquanto isso Chico Bento ficava observando aquele tumulto de gente e miséria ao seu redor.

Conceição encontrou o casal e os seus filhos no campo, ela já sabia que eles tinham migrado pois Vicente tinha lhe contado, todos os dias que ela passava por lá procurava pelos rostos conhecidos deles, porém nesse momento já estavam quase irreconhecíveis por causa do sol, da fome e da sujeira da viagem. Ela os conhecia da fazenda das Aroeiras, Conceição juntamente com o Vicente eram os padrinhos do filho mais novo do casal, o Duquinha. Eles conversaram sobre a viagem e a situação miserável na qual se encontravam. Conceição ainda conseguiu um rancho com um pouco mais de espaço para eles, um lugar onde poderiam ficar mais confortável do que no aperto onde eles estavam, como ela já conhecia o lugar, ficou mais fácil de encontrar.

Outro dia na casa de Conceição e D. Inácia estava Chico Bento falando sobre as dificuldades da vida por causa da seca, sobre a situação miserável que se encontravam e o que tinham passado. Enquanto ouviam também choravam de tristeza em imaginar todo o sofrimento e horrores que aquela família presenciou. Agora o vaqueiro desejava arranjar um trabalho, pois a ajuda do campo de concentração mal dava para alimentar as crianças. Mesmo com as condições físicas muito frágeis, não tinha outra forma de trabalho se não fosse o pesado. Então Conceição se comprometeu de pedir ajuda ao bispo para arranjar um emprego para ele no açude de Taubaté.

Juntamente com a carta do bispo e uma outra de Conceição, Chico Bento consegue o trabalho no açude. Duramente ele trabalhou todos os dias na barragem, poucos eram os momentos de descanso, meio-dia na hora do almoço enquanto comia só pensava na situação dos seus filhos e de sua esposa. No final do dia quando recebia seu ordenado só pensava em levar o que comer para os seus meninos com o pouco que tinha ganho. Cordulina lhe esperava inquieta, desde a morte e o desaparecimento de dois dos seus filhos ela se encontrava aflita, ansiosa, tremendo por qualquer coisa. Quando menos esperava Chico Bento chegou, com um pouco de comida para felicidade dos pequenos.

Ela falou para o Chico Bento que Conceição pediu para criar o seu afilhado, o seu filho mais novo para que a criança tivesse uma melhor oportunidade de vida, depois de uma longa conversa eles concordaram com a ideia. Em uma das vezes que ela foi buscar a ajuda que Conceição e sua avó lhes davam, levou o pequeno que estava tão triste, tão magro, que parecia

doente. Quando Conceição o viu ficou feliz em imaginar que iria ficar com a criança, porém o menino não aceitou o seu colo, se segurava no corpo da mãe que quase não soltava mais, com muita dificuldade foi para o chão se agarrando ao pé da mesa que não saía mais. A sua mãe teve que ir embora escondida para ele não ver, depois de muitos esforços conseguiram que ele se alimentasse um pouco, depois ele pegou no sono e ela o levou para uma rede.

Duquinha ficou muito doente não sabe ao certo a causa, se foi a falta da mãe, o excesso de alimentação ou as consequências da miséria sofrida na viagem. Conceição a todo instante estava com ele, não o deixava só, ele apresentava febre, não comia, estava imóvel sem reação alguma. Ela chamou o médico para consulta- ló, porém ele não conseguiu descobrir qual era o problema da criança, após quinze dias Duquinha começou a melhorar. Ele já não mais lhe estranhava, agora olhava para ela com um olhar meigo e sensível, em agradecimento aqueles cuidados e carinhos.

Chico Bento procurou Conceição para pedir ajuda, queria que ela falasse com a sua esposa e a convencesse de viajar novamente e também tentasse arranjar passagens para eles irem para o Norte, pois esse era o plano quando saíram de casa. Porém, ela não achou uma escolha muito prudente ir para a Amazônia pois os meninos poderiam não aguentar a viagem e ainda existia um surto de doenças na região. Chico Bento também pensou no Maranhão, porém nesse período estava tendo surto de cólera por lá. Ele começou a ficar desanimado, quando ela deu uma outra ideia, sugeriu deles irem para São Paulo, o clima e as ofertas de trabalho lá eram melhores, com isso ela se encarregou de conseguir as passagens para eles.

Após uma longa insistência de Conceição no palácio do Governador ela conseguiu as passagens, Chico Bento e Cordolina ficaram extasiados de felicidade quando ela chegou com os bilhetes em mãos. No dia do embarque Conceição foi se despedir da família, Cordulina não chorava mais, uma centelha de esperança brilhava no seu olhar, após às despedidas de agradecimento por tudo que Conceição fez por eles, partiram para uma nova jornada desconhecida.

Vicente continuava com sua labuta na fazenda tentando deixar as reses em pé, vivas, com o pouco que ele poderia fazer. Estava gastando muito dinheiro e tempo, não queria desistir dos seus bichos e trabalhadores, porém já tinha perdido muitos animais que não resistiram. Já se apresentava cansado daquela vida de sofrimento, daquele trabalho, já não sabia se valia mesmo a pena aquela luta. E para completar se encontrava ressentido com o distanciamento de Conceição, logo ela que ele sempre prezou e queria construir uma vida junto dela, chegando a

pensar algumas vezes em até sequestra- lá, porém não tinha como negar que os dois eram muito diferentes.

Conceição levava a sua vida de mulher independente, intelectual e agora mãe solteira. Durante a semana ela passava quase todos os dias no campo de concentração ajudando aqueles flagelados, que buscavam fugir da seca. D. Inácia as vezes que podia acompanhar ia com a neta. A primeira chuva caiu em dezembro comovendo a todos, depois de tantas rezas volta a chover no sertão.

Na fazenda Vicente acorda assustado com o barulho da chuva, seus trabalhadores olhavam para o céu encantados, abriam as bocas para beber um pouco da água que caia, os animais estranhavam, ficavam olhando para o céu também assustados, a muito tempo aquele fenômeno não ocorria na região.

Com o início das chuvas D. Inácia começou a se organizar para voltar para o logradouro, Conceição juntamente com o Duquinha voltaria a morar com as Rodrigues, senhoras amigas que ela morava antes da sua avó ir para a capital. D. Inácia embarcou no trem voltando para o seu lar, observava o caminho e reparava as paisagens da seca e do sofrimento que aqueles tempos deixavam. Passando pela estação de Baturité uma moça magra, suja e esfarrapada com uma pequena criança nos braços a cumprimentou, ela de início não a reconheceu, era a Mocinha, irmã de Cordulina, cunhada de Chico Bento das Aroeiras.

A senhora lembrou- se dela, era a sua afilhada, durante um curto tempo elas conversaram um pouco sobre a sua situação, como chegou aquele estado, os sofrimentos e humilhações que passou desde que se separou dos seus familiares na viagem. A senhora a chamou para voltar para o Quixadá, para a sua fazenda no sertão, porém ela preferiu continuar aonde estava. Mesmo assim, ela lhe deu o dinheiro suficiente para voltar para o logradouro, se assim ela quisesse.

Chegando à cidade a senhora foi recepcionada pelos pais de Vicente e os trabalhadores da sua fazenda, ela muito feliz por estar de volta perguntava como todos estavam. Entre os seus trabalhadores muitas das respostas sobre seus familiares eram respondidas de forma tristonha, eles diziam morreram ou então embarcaram. No caminho para sua fazenda ainda estava presente a visão da seca, da paisagem cinza, que contrastava com as gramíneas verdes que estavam nascendo levando mais cor para aquele local. Porém, as marcas da seca ainda estavam presentes, nas carcaças dos animais no meio do caminho, as crianças com corpos esqueléticos e ainda a face de sofrimento marcada no rosto daquelas pessoas que lá ficaram.

Anos se passaram a chuva beneficiou aquelas famílias, porém Conceição continuou uma mulher independente e agora mãe. Vicente continuou responsável pela fazenda dos seus pais, o romance entre eles não ocorreu, por mais que tivessem sentimentos mútuos. Fosse pela diferença de pensamento ou a distância geográfica, porém continuaram a sua vida, cada um indo em busca dos seus objetivos e felicidade ao seu modo.

Ao analisar a obra percebemos que este romance apresenta principalmente dois núcleos dramáticos, um é Conceição uma mulher independente, na qual tem uma boa condição financeira, seus familiares e sua relação amorosa. A sua história vai ser modificada pela seca, porém a sua experiência vai ser diferente da família de Chico Bento. O outro núcleo central da obra será a família de retirantes, representado principalmente por Chico Bento o vaqueiro que fica desempregado em decorrência da seca e não vê outra opção a não ser migrar em busca de novas oportunidades, a experiências da seca para esse núcleo do romance vai ser mais cruel e perversa.

Durante os vinte e seis capítulos, e cento e quarenta e nove páginas do livro, são apresentadas experiências diferentes nesses dois núcleos do romance, porém em certo momento eles irão se encontrar e proporcionarão mudanças que impactarão a vida dos envolvidos.

A força da verdade com que a narrativa e o universo ficcional ali presente são construídos fazem daquela história uma desventura que não poupa ninguém: o patrão, prejudicado com a morte do gado e com a ruína da plantação; o vaqueiro, sem trabalho, na retirada, em busca de outro sustento, em outro lugar. Ninguém passa incólume pela seca, e é ela que une os personagens ao cabo da trama. (GUEDES, 2017, p. 21).

Portanto, este romance não é apenas sobre um par romântico que seria Conceição e Vicente, não é apenas sobre o sofrimento da seca, ou sobre Chico Bento e sua família. Esta obra sintetiza as experiências humanas com a seca, e com meio, e suas circunstâncias e dificuldades. Todos os grupos centrais do romance são expostos a mesma condição, a seca. Porém, se percebe que suas experiências serão diferentes de acordo com as suas condições sociais.

A simplicidade da linguagem de Rachel a afasta definitivamente do regionalismo naturalista: Na verdade, o que Rachel de Queiroz faz é deslocar a temática do romance, colocando no centro não a desgraça da seca, mas a problemática da ligação do homem com a terra. Ao mesmo tempo, Rachel traz outra novidade, pois através da simplicidade, o romance aponta para uma série de questões relevantes à época, como o drama da seca, a condição feminina e os processos de urbanização. (GUERELLUS, 2011, p. 85- 86).

Rachel de Queiroz em sua obra propicia ao professor de História várias possibilidades de objetos de estudo e análises, como por exemplo, a seca, a migração, a desigualdade social, os campos de concentração, dentre outros. É uma obra literária ficcional, mas discorre sobre uma problemática que gerou diversos casos parecidos na região nordestina que estiveram sujeitos a um longo período de estiagem. A seca é um fenômeno natural e social que interfere drasticamente na vida das pessoas como vimos no romance, como também podemos constatar em documentos históricos.

São temáticas como essas que podemos utilizar e estudar em sala de aula, para que os estudantes percebam o que ocorreu em determinados momentos da nossa história, tendo como possibilidade trabalhar interdisciplinarmente, através da relação entre o ensino de história e a Literatura, podendo proporcionar um entendimento sobre um certo contexto social e histórico e também as características literárias através do romance.

3º Capítulo

Ensino de História e Literatura: Pensando os movimentos migratórios e o surgimento dos campos de concentração no Ceará a partir do romance o Quinze

Quando nos referimos ao aprendizado escolar existem vários documentos que norteiam os conhecimentos e temáticas que devem fazer parte das disciplinas escolares e consequentemente serem trabalhadas com os estudantes. Temos como exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, as diretrizes curriculares de cada estado, no Ceará temos o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), e para colaborar com mais sugestões para o ensino ainda podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Portanto, percebemos que existe um esforço do poder público de proporcionar um conhecimento unificado para os estudantes de todo o país.

Porém, aqui nessa dissertação de mestrado, vamos nos apropriar das características da BNCC, pois este documento tem como objetivo proporcionar um conhecimento comum para todo o território nacional, com um ideal de equalizar o conhecimento entre a população escolar. Entretanto, o próprio texto reconhece que além dos conteúdos que devem ser trabalhados de uma forma geral, ainda deveria ter espaço na carga horária escolar para desenvolver atividades, temáticas e assuntos de âmbito regional. Então este documento aponta que o currículo deve ser dividido em duas partes, uma parte comum e outra parte diversificada, deste modo resguardando a aprendizagem das especificidades de cada região, na qual cada estado e município irão complementar com os conhecimentos específicos de cada localidade.

Observando a realidade local, alguns municípios cearenses se esforçaram em elaborar seus currículos ou expectativas de aprendizagem, no entanto, uma grande quantidade de professoras e professores apoiam-se essencialmente nos livros didáticos disponíveis para escolha nas escolas. Essa prática comum afasta a possibilidade de pensar as questões específicas dos estados, municípios e comunidades onde alunas e alunos vivem, além de colocar em destaque alguns valores como únicos e estáticos. (CEARÁ, 2019, p. 538).

No entanto os recursos didáticos oferecidos pelas instituições públicas de educação, principalmente de âmbito nacional em sua maior parte não proporcionam material adequado

para se trabalhar essa parte diversificada, sobretudo no ensino fundamental. Por exemplo, se tratando da disciplina de História, o livro didático um dos principais recursos do professor em sala de aula, traz assuntos generalizados, muitas vezes fazendo reflexão, contextualizando e relacionando certos temas às regiões economicamente centrais do Brasil, não promovendo a oportunidade do estudante do Nordeste de compreender as consequências daquele fato na sua região. Excetuando-se parte do período colonial onde o atual Nordeste, com parte do atual Sudeste foram o centro econômico do país.

Com isso cabe ao professor, ou professora, buscar outros materiais, formas ou meios de levar os conteúdos específicos, regionais para a sala de aula o que não deixa de ser bastante interessante pois se pode romper a ditadura do livro didático. É neste momento que também podemos nos apropriar de outros recursos como a literatura, o cinema, a música, os objetos, os espaços físicos, dentre outros meios para complementar este conhecimento.

O saber histórico escolar compreende três conceitos fundamentais, o fato histórico, o sujeito histórico e o tempo histórico. Para que os estudantes do ensino básico consigam compreender o que é História, e compreender a importância do conhecimento histórico, devemos proporcionar o entendimento destes aspectos, principalmente se tratando de história regional pois essas aprendizagens devem gerar significados, principalmente para que eles se identifiquem com a sua região ou estado.

Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador indaga com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambas expressão do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico. (BRASIL, 2017, p. 395).

Quando se trata do conhecimento em História a BNCC destaca em seu texto a citação acima, reafirmando a importância de se estudar a disciplina e algumas de suas características, onde afirma que o conhecimento está ligado entre o passado e o presente, destacando a necessidade de analisar e identificar os objetos, lugares, as circunstâncias, o tempo, os movimentos das pessoas e coisas. Destacamos estes aspectos por que pensamos que eles são necessários para entender a função da disciplina e percebe-se que estão ligeiramente interligando o conhecimento histórico, e as nossas experiências do dia a dia, com isso o ensino pode contribuir para uma consciência crítica dos estudantes.

Para efetivar esse saber e torná-lo mais dinâmico, o professor pode se apropriar de formas, fontes e documentos que gerem um maior significado, ou uma explicação mais próxima das experiências dos estudantes, para que eles percebam a importância e sua relação entre o tempo e o espaço. As relações sociais entre “os registros e vestígios das mais diversas naturezas “mobiliário, instrumentos de trabalho, música, etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos as experiências humanas e as formas específicas de produção consumo e circulação tanto de objetos quanto de saberes.” (BNCC, 2017, p. 396).

Portanto, através dessa breve reflexão na qual dialogamos com a BNCC percebemos que a obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz pode muito bem ser utilizada como uma forma de dialogar com ensino de história, tanto como recurso didático, como também como fonte histórica. Podendo ser utilizado para complementar os estudos específicos da região do Ceará, ou também dialogar com os temas centrais do currículo de História.

Utilizando os percursos que a BNCC nos apresenta, podemos afirmar que através da temática sobre os movimentos migratórios, e a formação dos campos de concentração no Ceará, onde utilizamos *O Quinze* para fazer um diálogo entre a literatura e o ensino de história, perspectiva essa que estamos analisando neste trabalho, poderíamos desenvolver as seguintes competências específicas do ensino fundamental em História com os estudantes:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações. (BRASIL, 2017, p. 400).

Através dessas competências os estudantes irão compreender os processos de migração no Ceará em meados do século XX, os mecanismos utilizados pelo governo e seus aspectos políticos e sociais. Compreender o porquê da grande aglomeração nos principais centros urbanos, principalmente nas capitais e a imensa desigualdade social que nela se apresenta até os dias de hoje.

4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com

base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2017, p. 400).

Dessa forma utilizando a literatura, e aqui no nosso caso especificamente a obra *O Quinze*, podemos entender o contexto da migração em decorrência da seca, a constituição dos campos de concentração no Ceará, as relações sociais e desiguais daquele contexto histórico, e ainda de forma comparativa subsidiar a reflexão do mesmo problema, em outros tempos históricos.

Essas competências articuladas com o currículo escolar podem ser desenvolvidas no 9º ano do ensino fundamental, no qual os conteúdos estipulados no currículo trabalharão a história republicana do Brasil até os tempos atuais. Este conteúdo se encaixa na unidade temática, O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX, que tem como objetivo discutir sobre a Primeira República e suas características; O período varguista e suas contradições; A emergência da vida urbana e a segregação espacial. No qual esses conteúdos buscam contribuir para desenvolver a habilidade de identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira, e avaliar as suas contradições e impactos na região em que se vive.

Portanto de acordo com o documento do currículo nacional de ensino, quando se refere a disciplina de história, percebemos que existe um espaço onde podemos introduzir a discussão sobre os movimentos migratórios e os surgimentos dos campos de concentração no Ceará, então poderíamos e deveríamos trabalhar sobre essa temática em sala de aula.

Entretanto, não é apenas este documento que valida a possibilidade de se trabalhar esse conteúdo, o documento curricular referencial do Ceará da educação, na parte específica do ensino de história nos apresenta quase as mesmas informações da BNCC, porém eles complementam entre os objetivos específicos que podem ser estudado na unidade temática, O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX, o seguinte conteúdo - as secas e os movimentos de segregação da classe pobre do Ceará.

Portanto respaldados pelos dois documentos, que regem os conteúdos curriculares de História, tanto o nacional quanto o estadual, estes proporcionam a base para trabalharmos a temática que estamos discutindo neste trabalho.

Em geral, por analisar o passado, a História pode ser apontada como uma disciplina imutável, estática ou resolvida. No entanto, há questões do presente que inquietam pesquisadora, pesquisador, professora, professor, aluna e aluno. A abordagem a ser trabalhada, as questões a serem levantadas e vários outros aspectos fazem da construção do conhecimento histórico de um artefato cultural próprio do período da sua produção. Desse modo, a História, como uma disciplina que estimula o pensamento crítico não só sobre o passado, mas também sobre o presente, contribui para a comunidade escolar com importantes reflexões. (CEARÁ, 2019, p. 537).

Com isso percebe-se a importância de um pensamento crítico e reflexivo sobre os fatos históricos, principalmente fatos que durante muito tempo foram silenciados e não há tantas oportunidades para que se fale sobre. Portanto trabalhando temáticas como essa apresentada, podemos contribuir para o desenvolvimento de uma consciência histórica dos nossos alunos proporcionando que eles percebam como a estrutura social a qual pertencemos surgiu, as causas e consequências dos seus atos, como as diversas classes sociais foram tratadas e são ainda hoje. Com isso, proporcionando reflexões como essa podemos contribuir para que tenhamos cidadãos mais conscientes de seus papéis históricos e políticos.

3.1- A seca de 1877 e os movimentos de migração

Baseado nos estudos sobre as migrações, a seca e os campos de concentração no estado do Ceará, principalmente nos artigos *O Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará 1915 e 1932* (1995), *A seca na história do Ceará* (2002) do professor Frederico Castro Neves³³ e o livro *Isolamento e Poder: Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932* (2014) da professora Kênia Sousa Rios³⁴, propusemos uma reflexão sobre o tema para contextualizar a temática que estamos desenvolvendo neste trabalho, relacionando a literatura e o ensino de história.

³³ Possui graduação em História (UFC, 1986), mestrado em Sociologia (UFC, 1992) e doutorado em História Social (UFF, 1998), tendo realizado estágios de pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (2002 e 2013). Atualmente é Professor Titular no Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, atuando nos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado. Tem experiência na área de História do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: secas, migrações, revoltas camponesas, movimentos sociais e conflitos sociais. <http://lattes.cnpq.br/8367224927568902>

³⁴ Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Ceará (1997), com bolsa PET-História, mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999), doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003) e PDSE em Estudos da Oralidade - École des Hautes Études en Sciences Sociales (2002). Desde 2004 é professora do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. <http://lattes.cnpq.br/1319642653599184>

É bem aceita a ideia de que o Ceará é um estado que tem como predominante o clima semiárido, em que a irregularidade da chuva se apresenta como a principal característica deste clima. Esta condição ocasiona uma limitação das áreas cultiváveis, ou então apresenta um período reduzido do cultivo em seu espaço. Portanto essa irregularidade da chuva prejudica as principais atividades desenvolvidas na região, principalmente no decorrer do século XX onde predominavam as atividades agrícolas e pastoris nas regiões do interior do estado, que dependiam completamente da chuva para se desenvolverem.

Esta característica climática não é particular apenas do Ceará, outros estados do Nordeste também sofreram ou sofrem com este clima, porém em algumas regiões se apresenta de uma forma mais severa do que em outras.

Até meados do século XIX, contudo, a irregularidade de chuvas que caracteriza o sertão não havia significado um problema tão grande para os setores dominantes. Pelo menos, as cidades e as instituições modernas do poder, estruturadas neste mesmo período, estavam a salvo das agruras da seca. As terras úmidas da periferia do semiárido, abundantes e pouco povoadas, podiam ser ocupadas pelos grupos de sertanejos que perdiam as suas colheitas de subsistência e também pelo gado dos grandes proprietários. O Piauí e o Cariri eram as áreas mais procuradas por estas migrações periódicas. Muitos grandes proprietários possuíam terras nestas áreas como "reserva" para os tempos de escassez, quando o gado - bem valioso - poderia estar protegido. (NEVES, 2002, p.77).

A seca sempre esteve presente na história do Ceará, desde as primeiras informações sobre essa região, os colonizadores já apontavam as dificuldades do clima, já narravam sobre as ondas migratórias, para as regiões mais úmidas dos próprios povos nativos, para escaparem da fome e sede nos períodos de estiagem. Temos registros de tentativas de colonização que acabaram fracassando em consequência também do clima da região³⁵.

Porém a forma de lidar com a seca e as suas consequências tiveram uma mudança estrutural a partir do século XIX. Percebe-se através da citação de Neves que até meados deste período a capital nem sempre foi o principal refúgio dos retirantes fugindo da seca, pois havia regiões próximas ao sertão que ainda não eram muito povoadas, com isso havia a possibilidade da ocupação deste território pelos sertanejos que migravam em períodos de estiagem para regiões mais úmidas, com isso não teriam a necessidade de saírem do interior. Muitas das terras

³⁵ Ver em: CAMPOS, José Nilson B. Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos. Estudos avançados 28 (82), 2014. p 67 e 68. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142014000300005&script=sci_abstract&tlng=pt>

normalmente pertenciam ou eram dominadas pelas famílias mais ricas da região, em períodos de seca existia uma espécie de proteção ou paternalismo dos fazendeiros para com os seus funcionários que eram os responsáveis pelos cuidados da sua criação de gado.

Nestes períodos das estiagens, muitas vezes os patrões os ajudavam com alimento e habitação, eles eram direcionados para as terras que pertenciam aos senhores próxima das serras e rios, que normalmente eram regiões mais úmidas, e com isso eles podiam ficar lá até o fim da seca, juntamente com as reses da fazenda. Esta característica se mostrava comum nesse período, ajudava os sertanejos a superarem a seca e garantia a sobrevivência do gado. Outro aspecto a se destacar é que essas atitudes dos fazendeiros ainda poderiam ser interpretadas como uma boa ação, pois teria proporcionado a caridade para aqueles menos afortunados, este era o pensamento cristão e protetor dos senhores de terra desconsiderando o fato que os sertanejos continuavam trabalhando para eles.³⁶

Os homens que ficavam tinham duas alternativas: ou migravam para as áreas mais úmidas e resistentes à irregularidade de chuvas, sendo permitida a sua presença provisória por um beneplácito do proprietário, ou eram acolhidos pelo dono das próprias terras em que trabalhavam, muitas vezes habitando os currais abandonados e esperando sobreviver às custas da caridade do "coronel" e de sua esposa. (NEVES, 2002, p.79).

Entretanto nem todos os sertanejos tinham a mesma "sorte" de continuar trabalhando, ter comida e habitação, e muitos acabavam sofrendo ainda mais com as agruras da seca, pois eram abandonados pelos seus senhores.

Para aqueles que resolviam sair, ou não tinha outra opção a não ser fugir daquela condição, a situação nesses períodos de seca gerava muitas dificuldades, com isso acabavam se deparando com diversas dificuldades no percurso. Pois a migração era muito sofrida, marcada pela fome, as doenças e os crimes, que se tornaram aspectos comuns nesse período no interior cearense. Tudo isso marcado por uma paisagem desoladora de uma vegetação seca, sem vida, de restos de animais mortos pelo caminho e um sol escaldante.

Após meados do século XIX a forma de lidar com a seca se torna cada vez mais difícil pois as regiões mais úmidas que serviam como refúgio para os vaqueiros e as criações do senhor de terra neste momento teria uma outra serventia, elas estavam sendo utilizadas para a

³⁶ Ver em: NEVES, Frederico Castro. Uma Nova História do Ceará / A seca na história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p 77 e 78.

agricultura comercial, aqui no Ceará principalmente pela plantação de algodão. Agora nem mesmo os senhores poderiam ajudar os seus funcionários, tornando a sobrevivência desses sertanejos cada vez mais impossível no sertão. Aumentando o número cada vez maior de retirantes que agora partiam do interior em busca de novas oportunidade nas maiores cidades da província, principalmente Fortaleza.

Essa situação mudou na metade do século XIX. Neste momento, uma série de fatores concorreu para o “fechamento” das terras disponíveis para a “retirada” dos homens e do gado. (...) A ocupação das terras próximas ao semiárido por uma agricultura comercial tem dois momentos de intensificação: 1) a valorização das terras como bem econômico, provocada pela Lei das Terras de 1850, que, ao mesmo tempo, retirou das tribos indígenas remanescentes o controle de algumas áreas por aldeamentos; 2) o impressionante avanço da cultura algodoeira por toda a província do Ceará, motivado pelo súbito aumento de preços no mercado internacional em função da Guerra de Secessão nos EUA. (NEVES, 2002, p. 79).

No ano de 1877 a forma de ver a seca e os problemas da migração se mostraram mais impactantes para o governo da província, do império e para a população citadina da capital. Pois antes as dificuldades ocasionadas por este momento se mantinham no interior, não eram tantas as famílias que buscavam a capital como refúgio antes deste marco. Neste ano o período da seca não poderia ser visto pelos governantes apenas como um problema climático e temporário, se torna também uma questão social em decorrência do avanço do capitalismo e das grandes plantações comerciais que avançaram pelo interior do sertão dominando as áreas mais úmidas.

Agora a problemática da seca não afetaria apenas aos sertanejos no sertão mais iria acompanhá-los até a cidade afetando a vida de todos, principalmente o ritmo da cidade que se modernizava: “De fato, inaugura-se neste instante a seca tal qual a entendemos hoje: miséria, fome, destruição da produção, dispersão da mão- de-obra, migrações, invasões às cidades, corrupção, saques...”. (NEVES, 2002, p.80).

As regiões semiáridas do interior do Ceará nestes momentos de estiagem não proporcionavam mais as devidas condições para a subsistência dos sertanejos, não conseguiam plantar e não tinham como criar os animais. O pouco que eles tinham era destruído pela seca, o que irá os forçar a deixarem suas casas e terras para se aventurarem em busca de algo melhor. Saiam muitas vezes sem nada e iam vagar pelas estradas em busca de ajuda.

A proteção que antes era oferecida pelo senhor de terras para os seus vaqueiros e ajudantes, não havia mais, ou era muito raro aqueles que tinham condições de ficar e enfrentar a seca. Neste período até mesmo muitos fazendeiros perderam tudo o que tinham e também tiveram que migrar em condições bem difíceis.

Nem todos os grandes proprietários ou membros da elite rural conseguem resistir a um somatório tão grande de dificuldades. A crise econômica, somada à seca, levou parte dessa elite rural, notadamente os médios proprietários, a falir durante a seca. Este fato fornece uma pista para entendermos o que torna a seca de 1877 a "grande seca" e a diferencie das anteriores. A "grande seca", atingindo esta elite, num momento de muitas dificuldades, de estiagem nos lucros, de tempestades na estrutura de poder, jogando alguns de seus membros na miséria, o que foi amplamente noticiado pela imprensa, que tem uma participação decisiva na reelaboração da imagem da seca, causou pânico e indignação contra a falta de proteção que lhe foi negada pelo Império, o qual cobria de benesses outras províncias, como aquelas produtoras de café. (ALBUQUERQUE JR, 1994, p.116).

Esses retirantes saíam do interior e foram em direção da capital para tentar escapar da seca, com esperança de trabalho e comida, em busca do básico para a sua sobrevivência, algo que não era mais possível naquele momento no sertão, todas essas características foi o que fizeram esse ano de 1877 fosse chamado de a "grande seca". Uma obra do ano de 1890, contemporânea do período que nos traz muitas informações e histórias ilustrando o que foi a seca no final do século XIX, e pode nos ajudar a imaginar o sofrimento e o caos que foi essa experiência, é o livro *A Fome*, do sanitarista Rodolfo Teófilo³⁷.

A migração do interior da Província em direção à capital tinha suas fileiras aumentadas dia a dia. O êxodo de famílias inteiras significava um crescimento vertiginoso da população de Fortaleza provocando vários transtornos, pois, dentre os que chegavam, havia aqueles que, não possuindo nenhum tipo de vínculo familiar ou amistoso com algum morador da cidade que lhes acolhesse em sua casa, findavam por se estabelecer sob a sombra de árvores. Nestes locais, viviam sem qualquer infraestrutura ou condições mínimas de higienização, assuntos caros à época. E os indivíduos que estavam submetidos a esta situação eram grande parte do contingente que alcançava a cidade (REIS, 2015, p. 32 e 33).

Os caminhos que levavam em direção à Fortaleza eram ocupados por um grande número de retirantes famintos, na qual a maior parte tinha se dirigido até ali a pé, passaram as mais

³⁷ Médico sanitarista, intelectual, escritor, industrial e divulgador científico nascido em Salvador. Formou-se em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia, empreendeu uma batalha pessoal contra a varíola, lutando contra o medo da vacina, sem recursos, em tempo de seca, fome, da migração em massa e em péssimas condições de higiene. Disponível em < <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-2866/biografia-de-rodolfo-teofilo>>

difíceis limitações possíveis e chegavam cheios de esperanças, em busca de ajuda e acolhida na capital. “Chegam à cidade, portanto, em estado crítico de saúde, debilitados pela caminhada e pela desnutrição, demandando dos poderes públicos, pela primeira vez, uma atuação organizada e efetiva para que o caos não se estabeleça definitivamente.”. (NEVES, 2002, p.81).

Em sua obra Neves (2002) afirma que em um ano, mais de 100 mil desses retirantes chegaram à capital, ocuparam as praças, as ruas, as calçadas e os demais espaços públicos de uma cidade que na época não contava com uma população maior do que 27 mil habitantes. Com a presença dessa imensa quantidade de pessoas, sem nenhuma estrutura ou pouca organização do poder público para suprir as necessidades desses retirantes, não demorou muito para aumentar os casos de roubo, prostituição, suicídios, assassinatos e mendicância na cidade.

Todo esse discurso sobre a seca de 1877, sobre todas suas repercussões, as páginas de jornais noticiando todos os males e sofrimentos trazidos pelos retirantes, os temores da população citadina influenciados e aumentados pelas manchetes desses jornais, o pedido de socorro e de apoio à esta população de miseráveis, cartas do parlamento ao governo central, fortalecendo o discurso de calamidade, fazem o Estado olhar para a seca, tendo uma nova percepção sobre este fenômeno. (ALBUQUERQUE FILHO, 2015, p. 71).

A caridade prestada pelas famílias ricas da capital e por projetos da igreja que doavam alimentos, roupas e remédios não era mais suficiente para proporcionar o mínimo para sobrevivência daquela população. Os jornais todo dia noticiavam a miséria que se espalhava pela cidade. Então as autoridades públicas tiveram que agir, a princípio sem planejamento buscavam meios de manter os retirantes distantes do centro, muitos foram direcionados para obras públicas distantes da cidade, como por exemplo a construção da estrada de ferro de Baturité, para fazerem calçamentos de ruas, construção de prédios públicos ou eram direcionados para outras regiões do país como a Amazônia. Porém muitos outros migrantes, flagelados e doentes continuavam chegando à capital.

Na capital, os retirantes maltrapilhos acampavam nas praças e ruas, formando "abarracamentos" que as autoridades tentaram manter sob algum controle, dividindo-os em distritos e delegando poderes para "comissões" formadas por cidadãos respeitáveis da cidade, com o objetivo de racionalizar a distribuição de comida, o atendimento médico e o alistamento para o trabalho. (NEVES, 2002, p.82).

Mesmo com estas ações, de uma tentativa de organização através dos trabalhos em obras públicas e dos abarracamentos, se percebia que as condições daquelas pessoas não

necessariamente tinham melhorado. O trabalho que tinha não era suficiente para todos, e a sua condição era desumana, o trabalho que os retirantes exerciam era muito pesado e difícil. Homens, mulheres e crianças desenvolviam essas atividades braçais muitas vezes sem ter as devidas condições físicas, para que com isso pudessem receber a sua ração (comida) oferecida pelo poder público, muitas vezes sobre ameaças de não receber o alimento se não desenvolvessem o trabalho.

Além das dificuldades das condições físicas e estruturais que os retirantes estavam sofrendo, a opinião pública através dos jornais também criticava e atacava a presença deles na cidade, era comum ser atribuído aos retirantes os altos índices de roubo e prostituição. Muitos populares afirmavam que isso acontecia porque eles “viviam no ócio”, tendo tudo na mão e não precisavam trabalhar. Se fossem obrigados a trabalhar eles não iriam mais cometer esses crimes.

A situação em Fortaleza entre os anos de 1877 a 1879 era caótica como podemos observar até aqui. Outro agravante que não podemos deixar de pontuar característico desta grande migração, foram as doenças ocasionadas pela fome, a falta de higiene e as aglomerações nos abarracamentos que possibilitavam a circulação de epidemias com maior facilidade e de forma mais rápida.

A varíola hemorrágica foi a doença que mais provocou mortes neste período, Neves afirma que o farmacêutico Rodolfo Teófilo calculou que em dezembro de 1878 cerca de 80 mil pessoas estavam infectadas com essa doença na capital, e que em apenas em um dia mais de mil pessoas morreram em decorrência dela em Fortaleza, esse dia foi chamado de o dia dos mil mortos. Em outra passagem Teófilo narra a condição em que os mortos vítimas desse flagelo eram tratados:

A peste e a fome matam mais de 400 por dia! O que te afirmo é que, durante o tempo em que estive parado em uma esquina, vi passar 20 cadáveres: e como seguem para a vala! Faz horror! Os que têm rede vão nela, suja, rota, como se acha; os que não a têm, são amarrados de pés e mãos em um comprido pau e assim são levados para a sepultura. E as crianças que morrem nos abarracamentos, como são conduzidas! Pela manhã os encarregados de sepultá-las vão recolhendo-as em um grande saco; e, ensacados os cadáveres, é atado aquele sudário de grossa estopa a um pau e conduzido para a sepultura”. (TEÓFILO apud TRAVASSOS, 2011, p. 718 e 719).

Toda esta situação ocasionava preocupação, pânico e preconceito de vários setores da sociedade em relação aos migrantes. Tanto em decorrência das doenças que se espalhavam por toda a cidade, mais principalmente nos abarracamentos, como também os crimes, a prostituição,

a mendicância e a vagabundagem do qual muitos populares culpavam os retirantes. Mesmo com as medidas tomadas pelos governantes que foram ínfimas, nada de mais contundente para resolver esses problemas foi feito pelo poder público, pelo contrário no decorrer desses anos houve diversas denúncias de corrupção e desvios de verbas de “socorro público” que serviria para ajudar esses retirantes a superarem essas dificuldades.

O fato é que essa experiência deixou uma marca assustadora de mortos no Ceará, de acordo com as informações que temos sobre a quantidade, surgem de forma descontraídas, porém de acordo com a análise do professor Durval Muniz Albuquerque Júnior em sua dissertação, utilizando as afirmações sobre essas mortes ele chega à conclusão que houve milhares de mortes em decorrência do problema da seca e da migração que foram intensificadas nos anos de 1877-1879.

De acordo com as fontes que mostram essas informações, ele aponta entre 15,2 % a 26,6% da população do Ceará daquele período, chegando a quantidade que fica entre 119 a 200 mil mortos.³⁸ Além desses números houve um alto índice de migração dessa população para outras regiões do país e para a capital da província, o que nos mostra que a demografia do interior cearense diminuiu drasticamente.

De qualquer maneira, a seca de 1877-79 provoca, com seu impacto que marca profundamente a cultura local, uma mudança significativa nas estruturas de sentimentos com relação à pobreza, às migrações, à caridade, ao trabalho e às responsabilidades sociais perante os pobres. A partir de então, a seca passa a fazer parte permanente da história do Ceará, determinando novas relações políticas e sociais e mobilizando a cultura e as manifestações da arte. (NEVES, 2002, p.84).

A partir desta experiência a relação entre a capital cearense e os retirantes mudaram, pois ela se tornou a principal, senão o único refúgio para os sertanejos que fugiam da seca, porém eles representavam um grande contraste da imagem que Fortaleza queria construir. A cidade estava passando por uma remodelação arquitetônica, como por exemplo construindo áreas de socialização, prédios modernos e alargando ruas. Os responsáveis pela cidade estavam imitando as grandes capitais europeias, em relação ao seu espaço urbano, cultural e social, esse período é conhecido como Belle Époque.

³⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino: de problema a solução: (1877-1922). 1988. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988. 449.

Com isso se percebe que o intuito maior dos governantes em relação aos retirantes não era tanto o seu bem-estar. Se percebe que tentaram os afastar das áreas centrais da cidade, levando-os para zonas periféricas, direcionaram muitos deles para trabalhos semiforçados para dar continuidade com o seu desenvolvimento urbano, através de construção de prédios, calçamento de ruas e construção de ferrovias. Além do envio de muitos deles para outras regiões do Brasil.

Porém, essa experiência de 1877, se mostrou bem traumática não apenas para os sertanejos que tentavam fugir da seca, mas também para o pensamento racionalista burguês das elites locais. Por conta da quantidade de migrantes que chegaram em Fortaleza, e o caos que se instaurou na cidade atrapalhando seus ideais modernistas. A partir deste momento começaram a pensar formas de proteger a cidade das invasões dos retirantes em períodos de seca e não necessariamente como já indicado acima no bem-estar destas pessoas.

3.2- 1915, o surgimento do Campo de Concentração do Alagadiço

Outros períodos de seca surgem no Ceará entre o final do século XIX e início do XX, nenhuma outra, porém, se apresentou em grandes proporções como a grande seca de 1877. O poder público, os mais ricos e a igreja desenvolviam as mesmas ações das quais já falamos, assistência particular ou pública aonde doavam alimentos, roupas, remédios, passagens para outras regiões do Brasil e proporcionando trabalhos em obras públicas. Porém, estas interações entre os retirantes e a capital não agradava a todos, pois essas obras assistencialistas não eram suficientes e ocorria ainda um grande índice de pobreza e miséria na capital em consequência dessas migrações, o que atrapalhava os planos da elite.

Mais uma vez em 1915 o terror da seca se aproxima do Ceará, os sertanejos se preparam para mais uma onda migratória em direção a capital em busca de trabalho e socorro. Pois não há como lutar contra a seca sem recurso, só o que lhes restam é fugir daquele ambiente que ocasiona tanto sofrimento neste período. Porém, após as experiências da seca de 1877 e de outras no decorrer dos anos posteriores, em que se espalhou rapidamente diversos abarracamentos no centro da capital, na qual os retirantes se apropriavam das praças públicas, passeios públicos e ruas. O que ocasionava um aumento significativo da quantidade de pessoas na cidade gerando um grande caos.

Não podemos esquecer que nesse período Fortaleza estava ainda se modernizando, crescendo no aspecto arquitetônico, cultural e social. Ainda estava em voga os pressupostos do ideal da Belle Époque, através da modernização dos prédios, ruas, as áreas de socialização, os meios de comunicação e de transporte. Tudo estava sendo desenvolvido de acordo com os ideais europeus, principalmente o francês. Fortaleza nesse momento já era uma das principais cidades do país. Porém, a cidade era um dos principais refúgios para aqueles que estavam passando necessidade no interior do Ceará sem emprego, sem comida, sem moradia, sendo forçado a migrar para uma cidade grande em consequência das secas no sertão em busca de uma oportunidade de vida melhor.

Entretanto o aumento de pessoas miseráveis em situações de extrema pobreza gerou o aumento dos casos de desemprego, crime, falta de moradia e miséria na cidade. Com a acomodação deles em espaços públicos isto também possibilitava o intenso contato com os fortalezenses, propiciando uma maior chance de transmissão de doenças. Portanto, estas mudanças com a chegada dos retirantes contrastavam do ideal desenvolvido pelos governantes para a cidade. A partir desse fato vemos duas prioridades diferentes para o governo do estado, continuar o seu desenvolvimento de uma cidade moderna baseado no ideal da Belle Époque ou superar esse problema social em decorrência da migração dos sertanejos.

Para conseguir alcançar os seus objetivos eles tinham que criar formas onde o caos da miséria não atrapalhasse o progresso urbano. Para isso o presidente do estado Cel. Benjamim Barroso, juntamente com alguns técnicos sanitaristas e representantes da elite fortalezense prevendo uma intensa onda de migração em 1915. Teve a iniciativa de concentrar esses necessitados em um único local, promovendo uma segregação desses retirantes os afastando do centro da cidade, o que foi denominado Campo de Concentração, que serviria para abrigar os sertanejos que estavam fugindo da seca do interior cearense.

O campo de concentração, pelo contrário, segundo as intenções do Cel. Barroso, facilitaria a distribuição dos socorros e permitiria um tratamento melhor e mais humano aos "atingidos pelo flagelo indomável", que encontrariam trabalho e serviços organizados pelo governo, tendo "por compensação alimento abundante para todo o pessoal". (NEVES, 1995, p.96).

Com estas promessas sendo vinculadas através de jornais a notícia se espalhou por todo o estado, quando a seca se abateu no sertão, logo milhares de pessoas se direcionaram para a

capital em um número cada vez maior, pois esperavam que lá estaria a ajuda que necessitavam para superar as dificuldades que estavam sofrendo.

De acordo com Neves o primeiro campo de concentração ultrapassou rapidamente o seu limite chegando a acolher permanentemente mais de 8 mil pessoas.

O Campo de Concentração do Alagadiço representou, assim, este novo momento da história da cidade. De certa forma, a troca de nomes já demonstra os sinais dessa ruptura. A nova terminologia expressa não só uma visão técnica e cientificizada, mas também já indica a solução, e uma solução coletiva e radical. A população logo decifra estas mensagens e, no lugar de campo ou abarracamento, chama de "curral" a este novo mecanismo de controle de suas atitudes. Outra mudança terminológica significado cativa é com relação aos próprios retirantes. A partir de 1915 eles são "flagelados", a indicar não uma opção de quem muda de lugar, mas a situação de vítimas de um flagelo, algo exterior a todos sem distinção, pertencente ao domínio do imponderável. Os novos saberes também farão deste homem que se "retira" seu objeto inanimado, destituindo-o de qualquer possibilidade de sugerir ou perseguir opções, condenando-o a resignar-se diante de algo da ordem do divino. (NEVES, 1995, p.104 e 105).

Interessante perceber que a partir deste período vai ser implementado essa mudança, que tem como um ideal de segregação que apresenta uma experiência diferente dos abarracamentos que ficavam espalhados pela cidade. Os idealizadores do campo de concentração afirmavam que seria melhor para todos, pois de acordo com as medidas higienistas mantendo aquela população em um só lugar as suas doenças não iriam se proliferar no restante da cidade, suas mazelas relacionados a pobreza e a fome, não iriam tomar o centro da capital, ou seja seus flagelos não iriam se propagar, pois como fala Neves, agora eles não seriam apenas retirantes e sim flagelados.

Portanto, para a elite se mostrava uma solução coletiva e radical necessária a construção e a efetivação desse campo de concentração. Porém, os populares e os próprios flagelados deram outro significado a esse nome, chamando de curral, curral dos flagelados ou curral do governo. Pois se utilizam das suas próprias experiências no sertão para interpretar aquele espaço. Um local cercado, que serve como mecanismo de controle onde muitas vezes eram tratados como animais.

Outra questão interessante é que maior parte destes retirantes não migravam mais a pé até Fortaleza, chegavam de trem através da ferrovia de Baturité, muitos conseguiam passagens ou então invadiam os trens para conseguir chegar à capital. A ferrovia foi construída também através do trabalho dos retirantes que migraram para a capital entre os anos de 1877 até aqueles

dias. Agora muitos iam através do trem, quando chegavam na estação Otávio Bonfim já eram logo direcionados para o campo de concentração que foi construído estrategicamente para ficar distante do centro, da parte mais rica da cidade.

O campo se localizava na capital em um sítio chamado de Alagadiço. Era um grande espaço cercado por arame farpado, arborizado com cajueiros e mangueiras, os retirantes que fugiram da seca, da fome e do desabrigo lá encontravam um refúgio. Eles tentavam se abrigar como podiam " uns sem mais anteparos que as copas frondosas, outros em toscas barracas de ramos ou simples guarda-ventos ou latadas que apenas os protegiam contra o sol canicular do verão". (NEVES, 1995, p.96). Entretanto percebemos através desta citação, que no campo existia o espaço onde estes retirantes podiam ficar, porém não havia uma organização, uma acomodação apropriada, eles dependiam muita da doação e da caridade de particulares. Com pouco tempo logo superlotou, chegando cada vez mais uma grande quantidade de pessoas, que limitou rapidamente o espaço, gerando uma grande confusão em um espaço restrito onde eles ficavam cercados proibidos de sair, há não ser aqueles que trabalhavam nas obras públicas.

Apesar da propaganda inicial, o campo de concentração não conseguiu cumprir todos os objetivos prometidos, era direcionado para lá um grande número de retirantes e devido à falta de planejamento das autoridades governamentais o campo de concentração não tinha estruturas suficientes para fornecer o mínimo necessário para suprir as necessidades básicas dos retirantes. É importante destacarmos que desde o projeto e a construção do campo do Alagadiço, já era questionado a eficácia deste projeto, representado pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo.

Em um quadrilátero de quinhentos metros de face estavam encurralados cerca de sete mil retirantes. Percorri todos os departamentos daquele depósito de seres humanos. Abrigavam-se à sombra de velhos cajueiros. Via-se aqui e ali, uma ou outra barraquinha coberta de esteira ou de estopa, mas tão miserável era a cobertura que não impedia que a atravessassem os raios de sol. A cozinha era também ao tempo. Em algumas dúzias de latas, que haviam sido de querosene, ferviam em trempe de pedra grandes nacos de carne de boi, misturados a maxixes, quiabos e tomates. Achei esquisitas as verduras e mais ainda os tomates. Pendia de um galho de cajueiro um quarto de boi. Pude então avaliar a péssima qualidade da carne, só digna de urubus. Informaram-me que aquela era boa, comparada a outras que mandara o fornecedor. Disse-me pessoa idônea que as reses que morriam de magras ou do mal, eram mandadas para o "campo de concentração". (TEÓFILO apud TRAVASSOS, 2011, p.720).

Ele já tinha uma grande experiência com epidemias, já tinha presenciado vários momentos turbulentos de seca com a presença dos retirantes na capital. Através do seu

conhecimento afirmava que esta ideia de construir um campo de concentração poderia prejudicar ainda mais a situação daquelas pessoas, que ficariam aglomeradas em um espaço limitado, e logo se tornaria pequeno por causa da grande quantidade de pessoas que iria receber. Fazer isso seria matá-las, pois lá se tornaria um lugar suscetível a uma grande gama de doenças por causa das condições dos retirantes, pois se encontravam desnutridos, sujos e em um lugar sem estrutura sanitária.

Como bem podemos ver na citação acima, Teófilo ao observar a estrutura e funcionamento do campo, ele constata e mostra que não era o lugar ideal para aquelas pessoas ficarem. Não tardou para acontecer, além de todas as outras limitações do campo do Alagadiço, relacionada a alimentação, a estrutura, também houve as doenças que se abateu entre aquelas pessoas que se encontravam ali, que a principal foi a varíola.

As pessoas, cercadas, comprimiam-se na busca da sobrevivência num precário estado sanitário. A morte rondava o campo de concentração, fazendo suas principais vítimas entre as crianças ("Fortaleza é um cemitério de crianças", bradava R. Teófilo). Com o passar do tempo, as pequenas chuvas de setembro e outubro - as "chuvas do caju" - com a conseqüente "proliferação das moscas e maior contaminação da água potável" e a distribuição de leite adulterado às crianças, o "estado sanitário se foi agravando, de sorte que, em Dezembro, já apresentava efeito assombro envolvidos, os homens só na elevação da curva da mortalidade". Os cadáveres empilhavam-se à espera de transporte, ao longo da linha de bonde que passava ao lado do campo. (NEVES, 1995, p.98).

Como se pode observar na citação, as conseqüências foram desastrosas a quantidade de mortes, principalmente de crianças foram muitas. Diversas foram em decorrência da falta de uma estrutura sanitária, alimentação inadequada e provocadas por um descaso na organização do ambiente, que foi chamado várias vezes de campo de depósito de seres humanos, pois ali eles eram jogados e ficavam à própria sorte, sendo impedidos de sair, dependendo da pouca assistência que recebiam do governo e da caridade de particulares, desde a alimentação como também a assistência médica não era suficiente para todos, o que ocasionou um grande número de mortes.

Já em 1915, o higienismo, fortemente atrelado a Eugenia teria incentivado a criação do campo de concentração do Alagadiço em 1915, visto que já não era mais possível a livre circulação pela cidade por parte dos flagelados. Estes passaram a ser vigiados por soldados e tinham suas vidas controladas pelos inspetores do campo. Estes, amparados pela autoridade dos guardas, ditavam as regras de convivência, a alimentação, ou seja, a chamada ração; assim como a distribuição dos remédios aos doentes. Muitos se recusavam a tomar as vacinas e o medo da propagação das doenças

a exemplo do que ocorreu em 1877, com a epidemia de varíola, fez com que muitos flagelados, sem o tratamento adequado aliado as debilidades físicas e todos os sofrimentos causados pela seca chegassem ao óbito. (TRAVASSOS, 2011, p.721)

Infelizmente também era comum ver naquele período o aumento nos casos de suicídio, assassinato e outros crimes. Também a mendicância aumentou em demasia, quando era permitido saírem do campo de concentração, muitas vezes as mulheres utilizavam pequenas crianças em formas esqueléticas e doentes para conseguir sensibilizar as pessoas para conseguirem esmolas. Era uma visão e uma situação lastimável, porém o presidente do estado a princípio se orgulhou dos poucos registros de atos desrespeitosos após a implantação do campo de concentração e sua maior fiscalização para impedir que eles saíssem do local. Já que um dos principais receios da população da capital cearense com a chegada dos retirantes era promiscuidade, pois eles temiam os furtos e a prostituição.

Evitar o contato dos retirantes com a cidade, cercá-los num único local onde possam ser fiscalizados, dirigir para este local toda a assistência pública e privada, gerenciar a mão-de-obra disponível para obras de utilidade do governo, organizar centralizadamente a imigração para a Amazônia diretamente do campo; assim o aformoseamento não sofre o impacto das "fisionomias marcadas pelo rictus da miséria", como vê R. Teófilo, nem da "promiscuidade e imundície aos olhos de milhares de espectadores". Esta primeira experiência, portanto, limitou-se às ações de concentrar e vigiar, com o trabalho irregular e incipientes a complementar uma alternativa de remuneração para alguns poucos. O trabalho ainda é visto apenas como assistência complementar e não como um fim em si mesmo. (NEVES, 1995, p.105).

Portanto o intuito principal dos dirigentes do governo foi alcançado limitar o trânsito dos flagelados na capital, através do campo poderiam direcioná-los para viajarem para outras regiões do país, ou proporcionarem trabalhos em obras públicas em troca de um ínfimo salário, além, das obras na cidade muitos eram destinados para fazerem açudes em outras localidades, neste período o governo estava investindo mais nos recursos hídricos, direcionando posteriormente principalmente para o interior do estado, onde iriam utilizar em demasia a mão de obra destes flagelados, propiciando uma maior permanência deles próximo as suas regiões de origem. Entretanto, em 1915 esse ainda não era o principal objetivo do campo.

A promiscuidade que tanto a população citadina receava, as doenças e as misérias vistas em anos anteriores, de fato diminuíram nos espaços públicos da cidade. Entretanto os danos e consequências que gerou no "curral" dos flagelados foram imensas. A higiene e a moralidade quase não haviam naquele ambiente, o que ocasionou diversos problemas como doenças e

mortes. As pessoas lá estavam sendo tratadas como animais onde muitos foram condenados à morte.

No entanto, a concentração de pessoas num ambiente pouco higiênico acabou por facilitar a proliferação de doenças, o que transformou o Campo num local para onde os retirantes iam apenas para morrer. Os cadáveres, empilhados ao lado do cercado à espera da turma de carregadores que iria jogá-los em valas comuns, conferiam ao Campo um ar sombrio e macabro, que afugentava até mesmo as almas mais caridosas que iam distribuir alimentos ou consolar os doentes. (NEVES, 2002, p.87).

A construção, e a organização do campo de concentração do Alagadiço, foi um grande erro da administração pública, que gerou um resultado muito negativo, que foi a morte de muitas pessoas sob a tutela do Estado. Ocasionado por uma motivação que pretendia impedir o trânsito dessas pessoas na capital, para que não atrapalhassem os seus objetivos modernistas burgueses, sem pensar no bem-estar, das pessoas que se encontravam concentradas. Com o passar dos meses o curral dos flagelados foi desmontado, pois a situação se tornou cada vez mais grave em consequência do alto número de mortes. Permitindo uma maior circulação das pessoas, continuando com a doação de passagens para alguns irem para outros estados proporcionando trabalhos em obras públicas. Mesmo com essa ideia inicial da construção de um campo de concentração os governantes não conseguiram impedir a entrada desses retirantes na capital neste ano.

As estatísticas oficiais, que não conseguiam abarcar todos os alistados nos “currais”, como eram chamados os campos de concentração pelos flagelados da seca, dão conta de que a população de Fortaleza, que somava em 1910, um número de 65.816 habitantes, aumentou em 1920, para 78.536 habitantes, isto é, cinco anos após a implantação do Campo do Alagadiço, o que pode vir a ser um indício de que alguns flagelados optaram por se estabelecer em Fortaleza após o fechamento do Campo do Alagadiço ainda em 1915. (TRAVASSOS, 2011, p.726).

3.3- Os Campos de Concentração do Ceará e a seca de 1932

Após a experiência da criação do campo de concentração do Alagadiço, muito se questionou da sua efetividade e das consequências danosas para os retirantes que lá foram aglomerados, pois o alto índice de mortalidade em consequência de doenças e falta de higiene atrapalhou o projeto de segregar os flagelados do resto da cidade, principalmente das áreas mais nobres.

Porém, de acordo com os ideais dos governantes e da elite, a experiência teve um certo êxito, pois estes conseguiram diminuir o fluxo de imigrantes que se instalavam no centro da cidade, os índices de criminalidade que aumentavam no período da seca foi menor e se facilitou o trabalho assistencialista, pois teriam apenas um local para organizar, o que facilitava a entrega de alimentos. E ainda outra vantagem para o controle da população se direcionaram esses sertanejos concentrados, para obras públicas, e também aí se dava a distribuição de passagens para outras regiões do país.

Com o passar dos anos o governo federal e estadual desenvolveram projetos que tinham como objetivos investirem na solução hidráulica, e na fixação do homem no sertão. Estes seriam a construção de barragens, açudes e poços no interior do Ceará, para que não houvesse uma grande demanda de retirantes fugindo para a capital, em tempos de seca. Esses serviços em sua maior parte eram feitos pelos próprios flagelados em períodos de estiagem, em troca de comida ou de um ínfimo salário, porém pensavam os governantes que os manteriam próximos a sua região, tendo trabalho e comida, mesmo sendo em condições mínimas. Essas obras eram feitas próximas, ou nas terras dos fazendeiros do interior do estado, muitas vezes quando construídas ficavam sob a tutela desses senhores, e na maior parte das vezes não eram aproveitadas pelos sertanejos, mais sim pelas famílias mais ricas da região.

Outro tipo de obra pública em que foi utilizada o trabalho desses retirantes foi na construção, extensão e manutenção da ferrovia de Baturité, que foi iniciada em 1870 chegando a região do Cariri já em 1926. Como podemos observar, através do tempo que ela demorou para chegar ao seu objetivo, que era ligar a capital litorânea que fica ao norte, até o sul do estado aonde fica a cidade do Crato, foi também utilizado a mão de obra destes sertanejos que lutavam contra as agruras da seca, vendendo a sua força de trabalho por quase nada, se dispendo a desenvolver um trabalho semiforçado para poder se alimentar³⁹. Obras como essas citadas acima vão ser bastante desenvolvidas por esses flagelados, tanto na capital no projeto de urbanização da cidade como no interior, essas ações vão ser chamadas de frente de trabalho e vão ser muito utilizadas, de uma forma mais organizada e sistemática a partir de 1932.

Previendo uma seca em maior proporção neste ano, se inicia uma discussão entre os dirigentes da cidade de Fortaleza, do governo estadual e federal como impedir o grande fluxo de migração do interior do Estado para a capital. Pois com a presença e funcionamento das

³⁹ REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. O espaço a serviço do tempo: A estrada de ferro de Baturité e a invenção do Ceará. Tese de Doutorado, UFC, Fortaleza, 2015. p. 322 a 325

ferrovias principalmente a de Baturité esses sertanejos chegariam mais rápido e em maior quantidade. Desde 1915, vimos que esses retirantes compravam ou ganhavam passagens em direção à capital, quando não havia mais passagens ou não tinham o dinheiro eles invadiam em um ato desesperado de sair daquele sofrimento onde só viam fome, seca e miséria.

Portanto em 1932, com o início da seca que se mostrará em maiores proporções do que a de 1915, as consequências não foram diferentes, a aglomeração nas estações e a invasão de trens em direção à Fortaleza foi cada vez maior, fatos como esses eram muito divulgados diariamente nos jornais da época.

A partir de abril de 1932, os trens que saíam do Sertão para Fortaleza transportavam uma impressionante quantidade de flagelados. De modo bastante recorrente, os jornais da Capital publicavam matérias sobre a chegada diária de centenas de retirantes. No jornal *O Povo* do dia 13 de abril, havia, por exemplo, a seguinte manchete: “Mais dois trens entulhados de famintos se dirigem a esta capital”.

Em fins de abril, com o erguimento dos Campos de Concentração e o início do funcionamento das frentes de trabalho, o Governo começou a suspender a distribuição das passagens de trens para Fortaleza. Entretanto, nos meses iniciais, essa medida não foi suficiente para deter a vinda dos flagelados. Decididos a sair do Sertão, muitos sertanejos invadiram trens e chegaram ao destino previsto. O Jornal *O Povo*, de 13 de abril de 1932, anunciava: “mais um trem fora invadido pelos flagelados no Sertão central do Estado”. Matérias como essa eram frequentes, sobretudo nos meses de abril e maio de 1932. No jornal *O Nordeste* do dia 08 de abril, a manchete era a “tragédia da fome”. Com essa matéria, o periódico destacava os frequentes assaltos dos flagelados aos trens no Sertão do Ceará. (RIOS, 2014, p. 18 e 19).

Além do grande fluxo de pessoas que se direcionava para a capital, era construído entre os fortalezenses todo um imaginário de caos, terror, crimes e miséria. Em que era alimentado muito pela opinião pública, principalmente através dos jornais, pois eram constantes os artigos sobre o fato, sendo atribuído um tom alarmante e sensacionalista que acabava criando pânico principalmente entre os mais ricos, o que gerava uma maior cobrança do governo para que esse conseguisse resolver aquele problema o mais rápido possível.

O *Correio do Ceará*, do dia 06 de abril, chegava a usar uma terminologia bélica rodeada de adjetivos no sentido de compor uma imagem aterrorizante em face dos flagelados: “O exército sinistro dos esfomeados marcha pelas estradas em demanda de Fortaleza.” Nessa visão, os fortalezenses tinham motivos sem conta para temer os efeitos da seca, pois “os flagellados que [...] chegaram são muitos, entretanto, são pouquíssimos comparados com os que ainda vêm em caminho [...] O Governo enquanto é tempo, precisa assentar como deva agir”.

As manchetes dos jornais evidenciavam o clima alarmante que se pretendia compor diante da chegada dos famintos: “Fortaleza é invadida pela onda faminta” (*O Povo*,

13/04/32); “500 flagellados invadiram um trem em Afonso Pena” (*O Povo*, 16/03/32). Os enunciados revelam o pavor que já existia na cidade, entretanto apontam, também, para uma significativa contribuição desses jornais na produção desse pavor. O texto jornalístico não apenas dava a notícia, mas também alimentava sentimentos de medo em face dos flagelados. E, subjacente ao pânico estampado nos jornais, havia um irrecusável aforismo: é preciso proteger-se. (RIOS, 2014, p.58 e 59).

Para proteger a capital e seus habitantes da horda de migrantes que se direcionavam para lá, que chegavam cada vez mais em maior quantidade, os dirigentes da cidade com apoio da elite e de uma comissão técnica de saúde sanitária começaram a organizar um projeto que seria a reestruturação do campo de concentração. Mesmo com a experiência mal sucedida de 1915, que apresentou um alto índice de mortandade dos concentrados em decorrência das doenças, da fome e falta de higiene, mesmo com todas as críticas de alguns médicos e sanitaristas da época, como vimos por exemplo o que fez Rodolfo Teófilo na construção do campo de concentração do Alagadiço.

O poder público estadual e federal com o apoio das elites burguesas propôs e desenvolveu em 1932, não apenas um mais agora sete campos de concentração, espalhados entre a capital e o interior do estado. No relatório oficial sobre a construção dos campos o interventor do estado faz a seguinte justificativa:

Para atender com eficiência os serviços de socorro aos flagellados, e evitar o deslocamento deveras temível para a saúde e a tranquilidade públicas das populações sertanejas que emigravam para diversos pontos, principalmente para a capital, a interventoria tomou urgentes providências. Tratou o governo de concentrar os flagellados em pontos diversos, afim de socorrelos com eficiência e no tempo oportuno. Foram criadas, sob a fiscalização do Departamento das Secas, sete concentrações: Burity, no Município do Crato; Quixeramobim, no Município do mesmo nome; Patu, no Município de Senador Pompeu; Cariús, no Município de São Mateus; Ipú, no município de mesmo nome; Urubu e Otávio Bonfim, no Município de Fortaleza. (RIOS, 2014, p. 82).

Esses campos iriam ficar em lugares estratégicos, pois estas cidades teriam ou seriam próximas as estações ferroviárias, por exemplo a ferrovia de Baturité passava entre a cidades do sertão central Quixeramobim, Senador Pompeu, Cedro que fica a poucos quilômetros de Cariús, chegando até a região do Cariri no Crato, como vimos na citação acima, nestas cidades foram construídos campos de concentração. O único campo que não fica entre a ferrovia de Baturité é o de Ipú, porém ele tem contato com a ferrovia de Sobral. Desta forma, próximo à malha ferroviária que ligava o interior cearense à capital, foram construídas as concentrações

em lugares estratégicos, com o intuito de impedir que os flagelados chegassem à Fortaleza. E os que chegassem eram direcionados para o acampamento.

Os governantes pensaram nesta forma de organizar os campos por que com a construção das ferrovias e a ligação que os trens faziam com a capital, o intuito dos retirantes não era mais ir a pé para a capital, e sim se dirigirem até a cidade mais próxima, com estação e de lá tentarem embarcar de uma forma, ou de outra para Fortaleza.

Desde 1915 os jornais noticiavam que quando as secas se abatiam sobre os retirantes, tornando impossível a sua permanência naquelas regiões, eles se dirigiam às estações aonde se tornavam um local com uma grande multidão, causando um grande tumulto nestas cidades, e conseqüentemente em Fortaleza. Com a construção dos Campos próximos a esses lugares quando os retirantes iam para as estações a grande maioria não embarcavam mais no trem, e sim seriam direcionados para os campos.

Uma característica presente nestes campos é que diferente do campo do Alagadiço em 1915, eles não seriam somente um local onde os flagelados iriam para receber apenas assistência alimentar e medica, neste momento os retirantes também eram redirecionados para desenvolverem atividades braçais, em obras do governo fora do campo de concentração, como na construção de estradas, calçamentos, açudes dentre outros, ou lá no campo mesmo, como na costura de sacos para produzir vestimentas, no serviço de marcenaria, ou ajudando na organização do local. Através destas atividades eles conseguiam a ração, a comida.

Este seria o objetivo do governo, porém quando a seca chega ao seu momento mais crítico entre os meses de abril e maio, quando os sertanejos não têm mais a esperança de chuva, e aumenta o fluxo migratório, e vão em busca de socorro, o número de pessoas nesses campos aumenta de uma forma muito rápida e exponencial, porém neste ano esses espaços vão estar espalhados em diversas regiões do Ceará, ocasionando uma maior divisão entre as regiões, porém os números de flagelados continuam impactantes.

No final de junho, o grande número de concentrados nos Campos começava a preocupar as autoridades. Com pouco mais de um mês de funcionamento, os Campos de Concentração apresentavam uma inesperada quantidade de sertanejos. Conforme as estatísticas oficiais, os dados eram os seguintes: 6.507 em Ipu, 1.800 em Fortaleza, 4.542 em Quixeramobim, 16.221 em Senador Pompeu, 28.648 em Cariús e 16.200 em Buriti, perfazendo um total de 73.918 flagelados. (O Povo, apud RIOS, 2014, p.91).

A princípio esses campos foram pensados para acomodar entre dois a cinco mil retirantes, porém como percebemos através da citação, a quantidade real dessas pessoas concentradas nesses ambientes foi bem maior que as expectativas dos seus organizadores. Percebemos que a quantidade de flagelados é cinco ou dez vezes maior do que a quantidade pensada. Mesmo havendo transferências desses flagelados entre um campo e outro, havendo distribuições de passagens para outras regiões e as mortes constantes neles o alto número de flagelados se manteve principalmente nos campos de concentração do interior.

Os campos concentravam milhares de retirantes, chegando a um total de cerca de 90.000 em janeiro de 1933. Somente o campo de Crato, que atraía não só trabalhadores de todo o Sul do Estado, mas de outros estados vizinhos, chegou a ter quase 60.000 "habitantes". (NEVES, 2002, p.91)

Outro dado interessante é sobre o número de flagelados nos campos de Fortaleza e sua localização. Podemos perceber que o número de retirantes concentrados é menor do que os demais locais, isso por que a estratégia de impedir que um alto número de migrantes, lá chegassem funcionou. Os que alcançaram foram os que de alguma forma conseguiram evitar os Campos no interior do Estado, porém a quantidade de retirantes nem se comparam a outras secas. Um outro aspecto importante a ser pontuado é que os dois Campos que foram construídos ficavam nas entradas da cidade de Fortaleza, na sua extensão de então, e distante do centro da cidade, o que impossibilitou que os poucos que lá chegaram, adentrar a parte mais rica da capital, logo sendo direcionados para os campos de concentração e para as frentes de trabalho.

Esses ambientes estavam sob um rígido controle social, vigilância e normatização. Algo que não fazia parte da vida daqueles sertanejos e agora eram obrigados a se adaptarem. Nos campos era permitido sair apenas se fossem para as frentes de trabalho. Existia um horário estipulado para todas as atividades realizadas, quando iam dormir nos galpões as mulheres viúvas e crianças eram separadas dos homens. Quando as mulheres iam lavar roupa, ou tomar banho, os guardas ficavam próximo para que elas não fossem incomodadas. Os homens eram obrigados a cortarem os cabelos e rasparem a barba por causa das sujeiras. Se percebe que se tentava impor uma certa organização e higienização nos campos. Também existia pelo menos um posto de saúde para a assistência médica e as vacinações, que era imposta a todos os flagelados mesmo havendo resistência da parte de alguns.

As regras de disciplina e controle social que tentavam ser impostas nos campos era de acordo com o pensamento civilizacional da elite urbana de então. Entretanto, muitas dessas

ações e organização ficaram restringido principalmente aos campos de concentração de Fortaleza onde o número de flagelados era bem menor que os demais, tendo a possibilidade de ter um maior controle e fiscalização.

Essa condição fez com que os recursos relacionados a comida, higiene e trabalho fossem limitados chegando a não ser disponível para todos. Não tinham comida, não tinham remédio e nem trabalho, os flagelados ficavam esperando o auxílio chegar enquanto definhavam, gerando um grande transtorno para aquelas pessoas que lá estavam em ambientes cercados ou murados sem poderem sair. Havia muitos guardas, pois era comum a vigilância ser maior nos campos onde tinha mais flagelados aumentando a segurança de dia e noite para evitar fugas, conflitos e transtornos. Os retirantes que tentavam resistir de alguma forma eram castigados, podiam não receber a ração do dia, serem agredidos ou presos no sebo "uma espécie de cadeia para os desordeiros". (RIOS, 2014, p. 93-95).

Mesmo com todos os cuidados, medidas de higiene e segurança que foram propagadas no projeto inicial dos campos de concentração, vamos observar que mais uma vez essa experiência não foi bem-sucedida. Um dos objetivos que era o de proteger a capital da grande horda migratória até foi atingido, visto que o número de retirantes que chegaram lá foi bem menor neste período de que em outros, pois conseguiram manter um maior número de sertanejos no interior, devido aos trabalhos nas obras já citadas anteriormente e dos campos de concentração aí criados.

Porém, mais uma vez se mostra o descaso com esses pobres, nos campos de concentração principalmente do interior que foram palcos de muito sofrimento. Pois a aglomeração possibilitou a transmissão de várias doenças surgindo algumas epidemias nesses lugares, por mais que eles estivessem protegidos quanto a varíola por causa da vacinação, nesse momento surgiu outras doenças também ocasionada pelas condições que eles se encontravam, grande aglomeração, sujeira, má alimentação e corpos frágeis. Desta vez se abateu sobre os currais dos flagelados doenças bacterianas e parasitárias como o tifo, paratifo e a disenteria, que vitimavam principalmente as crianças. Ocorreu a morte de milhares de pessoas onde muitas foram enterradas em covas coletivas.

Através destas experiências em que o governo tentou limitar a migração dos flagelados para a capital cearense, percebe-se que a assistência disponibilizada e o objetivo dos governantes de ajudar aquela população que pedia socorro fugindo dos horrores da seca ficou

em segundo plano. Observa-se que eles estavam mais dedicados em proteger a cidade do que a vida daqueles migrantes.

Sabemos que a migração de milhares de sertanejos para Fortaleza, desde o século XIX com a grande seca de 1877, gerou diversos problemas relacionados a organização e ordem social, com o aumento da criminalidade, doenças e miséria nas ruas. Porém as condições a que eles estavam submetidos eram desumanas, em que necessitavam de uma ajuda mais eficiente, urgente e direta do poder público, ajuda essa que se mostrou pouca para a necessidade de sobrevivência daquelas pessoas.

Esses sertanejos que estavam concentrados, foram obrigados a desenvolverem trabalhos semiforçado em obras públicas, que se mostrava muito pesado para eles, pois não estavam em condição física, em decorrência do sofrimento pelo qual vinham passando, mas tinham que se submeter a essas condições para receberem a comida, ou um ínfimo salário, que mal dava para se alimentar. Entretanto, através dos seus esforços e sacrifícios o projeto de uma cidade moderna, com grandes prédios, ruas, calçadas, praças, e uma grande ferrovia que ligava o Estado do norte ao sul foi construída com sucesso, graças a participação de muitos destes flagelados.

Eles foram segregados, submetidos ao um controle social e higiênico ao qual não entendiam, tudo em prol de uma civilidade que lhes foi negada. Uma experiência que não foi bem-sucedida, pois milhares de pessoas morreram, por falta desta higiene e uma assistência digna de saúde da qual não tiveram. É interessante observar que muitos dos recursos que foram destinados para auxiliar esses flagelados pelo governo imperial, e posteriormente federal, foram direcionados para a construção e desenvolvimento da capital, onde os governantes ofereciam trabalho para os retirantes em troca desses recursos que de fato já pertenciam a eles. Ou seja, utilizaram a verba que seria para ajudar aquelas pessoas a superarem a seca, para continuarem o desenvolvimento urbano da capital, enquanto centenas e milhares de pessoas morriam de fome, enquanto isso a cidade ficava cada vez mais bela. Pois de acordo com o pensamento da elite burguesa, aqueles flagelados não poderiam ficar na ociosidade, tinham que trabalhar para poder serem ajudados.

Este fato histórico que muitos não conhecem nos ajuda a refletir sobre as prioridades que muitas vezes os nossos governantes defendem, e desenvolvem projetos para chegarem aos seus objetivos individuais, ou de uma pequena elite. Onde muitos sempre levantam a bandeira da “ordem e do progresso”, enquanto isso vão privilegiando poucos em detrimento do sacrifício

de muitos, que perdem o pouco de direitos que adquiriram, que muitas vezes são ignorados, sendo tratados como invisíveis. Essa é a situação da classe mais pobre do nosso país que luta diariamente para conseguir alimentar os seus familiares, enquanto isso pouco é feito para que as suas condições melhorem e tenham uma vida mais digna.

Portanto, quando discutimos assuntos como esses no ensino de história, temos a possibilidade de despertar o senso crítico dos estudantes e assim proporcionar mais conhecimento para que eles possam e saibam se posicionar sobre determinadas assuntos hoje em dia, para que saibam questionar ou refletir se as medidas, projetos e leis apresentadas pelos nossos governantes é algo que beneficia a população mais necessitada, ou beneficia aqueles que já usufruem de um certo privilégio. Esse é o objetivo de um conhecimento ou aprendizagem histórica que ele possa fazer sentido no dia a dia dos nossos estudantes.

3.4- Entre a História e a Literatura: A migração dos retirantes através do Quinze

A discussão sobre a seca, os movimentos migratórios e o surgimento dos campos de concentração que vimos anteriormente nos trazem reflexões do ponto de vista histórico, na qual são baseadas em fontes históricas como por exemplo jornais, documentos oficiais, fotografias e relatos orais. Todos esses objetos de estudo foram analisados e condensados, surgindo assim diversos trabalhos científicos que se tornaram livros, teses, dissertações e artigos os quais temos acesso hoje e nos ajudam a obter um conhecimento histórico sobre esses fatos, facilitando a nossa compreensão da historicidade de um povo e de um lugar através destas narrativas.

Entretanto sabemos que esses exemplos de fontes históricas e trabalhos científicos que citamos não são os únicos que podem contribuir para o desenvolvimento da nossa consciência histórica ou que possa gerar conhecimento sobre estes temas. Pois estamos cercados por outros tipos de informações que também podem nos ajudar a construir novos conhecimentos sobre eles, como por exemplo, a poesia de Patativa de Assaré, a música de Luiz Gonzaga e os romances literários como Graciliano Ramos, Rodolfo Teófilo e Rachel de Queiroz, dentre outras obras de poetas, escritores e cantores, como também diversas formas de manifestações artísticas e culturais que se apropriam do seu imaginário para interpretar o cotidiano e fatos históricos.

Portanto, essas informações podem contribuir com o conhecimento, experiência e impressões sobre a região, a seca e os movimentos de migração. Através das referências que obtemos destas impressões artísticas ou literárias, podemos utilizá-las como fontes históricas, surgindo um novo conhecimento, que também pode ser científico desde que sejam problematizados e estudados de acordo com os métodos e teorias científicas, de acordo com o campo de análise.

Para marcar uma posição inicial, deve ser observado que todos os elementos de uma obra de ficção resultam do trabalho de criação de um autor, mesmo quando se reconhece na narrativa algum correlato objetivo, ou seja, alguma referência ao mundo real/empírico. Entretanto, a ficção preserva uma relação mediada com esse real. Independentemente de quão fantasioso ou realista seja o universo ficcional de determinada obra, essa relação persiste, uma vez que o autor literário é um ser inserido no mundo e mesmo suas fantasias ou devaneios mais extremos têm como origem seu processo de interação com a realidade. O que dizer então de narrativas que comportam um grau elevado de verossimilhança e cujas referências ao real são frequentes? É claro que a relação se torna mais evidente no caso de uma obra ficcional pretensamente baseada na realidade. (SCOVILLE, 2011, p. 16).

Portanto, estas manifestações literárias que fazem parte do imaginário, da criação do escritor podemos chamar de uma ficção. Se tratando do romance literário, por mais que a história esteja marcada com aspectos do real, os personagens, os acontecimentos não necessariamente existiram como é narrado. Por exemplo, o personagem Chico Bento do romance *O Quinze*, ele não é um personagem real, porém este personagem representa a história de milhares de retirantes que fugiram da seca naquele período e por meio desta narrativa conseguimos adquirir um grande conhecimento sobre o fato histórico citado.

Podemos então afirmar que essas criações são reflexos das experiências dos escritores, através de conversas, de estudo, de vivências e pesquisas sobre um determinado tema e da sua relação com o pensamento da sociedade da qual faz parte. As criações artísticas ou literárias por mais ficcionais que sejam elas vão estar atreladas ao real, pois o autor não é algo a parte do mundo, das experiências sociais da qual ele compartilha. Portanto, consciente ou inconscientemente nas suas obras ele vai produzir as impressões e reflexões de acordo com o mundo social ao qual pertence.

Quando falamos sobre essas manifestações a questão a ser discutida não é a veracidade da informação contida nas obras propriamente dita, mas entender a representação e a forma que essas produções apresentam as informações sobre um determinado fato. Que pode propiciar uma nova forma de aprendizagem através de outros sentidos e formas de conhecimentos

históricos diferente do que normalmente encontramos nos livros didáticos de História. Portanto quando a obra ficcional se propõe a desenvolver uma narrativa baseada no real, não se trata de realidade necessariamente, mas sim da verossimilhança, que seria a aproximação com real.

É por isso que a parceria entre a História, o ensino de história e a literatura se mostra tão necessário e importante, pois através de novas formas de conhecimento, de sensações e impressões através da leitura, esse dialogo pode proporcionar uma aprendizagem mais significativa. Pois nós sabemos que a liberdade criativa que faz parte da literatura se torna mais comum em possibilitar uma maior atração para alguns estudantes referente a certos assuntos do que através dos livros e textos acadêmicos ou didáticos.

Pensando que as narrativas, sejam históricas ou literárias, ou outras, constroem uma representação acerca da realidade, procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, que é uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora da comunicação e da veiculação das representações. Desta forma, há uma tríade a considerar na elaboração do conhecimento histórico, composta pela escrita, o texto e a leitura. No que se refere à instância da escrita ou da produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala, de onde fala e que linguagem usa. Já ao focar o texto em si, o que se fala e como se fala são questões indispensáveis. No trato da recepção, visa abordar a leitura de um determinado receptor/leitor ou de um grupo de receptores/leitores, tratando das expectativas de quem recebe o texto, de sua contemplação, ou seu enfrentamento ou resistência a ele. (PESAVENTO, 2004, p. 69-70).

Através do campo de estudo da história cultural é possível analisarmos essas características e com isso ter um conhecimento mais abrangente que pode ser utilizado no ensino de história relacionando-a também com a literatura. O raciocínio que estamos desenvolvendo neste trabalho e sua estrutura nos ajuda a compreender a produção e a recepção do livro *O Quinze*, obra essa que se apresenta como uma ficção, porém nos proporciona uma narrativa histórica verossímil com a realidade do período narrado. Esta obra foi escrita tendo como influência outros livros que tratavam do assunto, e principalmente através de histórias e de informações que a escritora Rachel de Queiroz ouvia desde pequena, de pessoas que presenciaram aquele momento.

A seca de 1915 tornou-se parte da memória coletiva da sociedade brasileira do início do século XX, não foi a primeira e nem a última seca, mas foi a catástrofe que Rachel de Queiroz recriou a sua própria maneira na narrativa de *O Quinze*. (ASSIS, 2008, p. 9).

Nas primeiras décadas do século passado a discussão sobre a seca e os movimentos migratórios eram bem presentes na sociedade, é tanto que após a publicação do livro, com a seca de 1932 surgiram espalhados por todo o Ceará, sete campos de concentração, o que de certa forma reviveu a narrativa de Rachel publicada em 1930. Através dos jornais eram noticiados o terror da seca e suas consequências, onde se escreve sobre o funcionamento e as condições lamentáveis, em que as pessoas concentradas se encontravam. No âmbito literário neste período as obras estavam se apropriando da característica do regionalismo neorrealista, em que os escritores estavam promovendo uma crítica social, denunciando os horrores e os problemas sociais que a sociedade sofria. Então percebe-se que a discussão sobre o problema dos retirantes e a condição dos flagelados no Ceará era contemporânea do período que Rachel de Queiroz escreveu o seu livro, e inclusive perpassa a publicação da obra como aqui já indicado.

Quando ela optou por escrever um livro sobre essa temática, o seu objetivo não era trazer fatos novos, pois já haviam diversas obras sobre o assunto. O seu intuito era proporcionar uma escrita, uma estrutura diferente do texto, possibilitando novas sensações que fossem diferentes das outras obras. Através de uma linguagem simples, acessível e direta ela consegue abarcar as diferentes experiências de pessoas que sofreram com a seca de 1915 em poucas páginas, sendo aceita e premiada pelos seus pares.

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Fonte especialíssima, porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo. A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006, p. 7).

Esta obra se mostra relevante até os dias de hoje, principalmente por sua escrita simples e de fácil leitura que possibilita uma grande empatia do leitor com a narrativa, podendo ser utilizada naturalmente nos mais diversos espaços, principalmente na escola. Pode ser adaptado como recurso didático e ou fonte histórica sobre a temática das secas, movimento migratório e campos de concentração no ensino de história, pois se trata de um relato, mesmo que ficcional, no qual está presente as impressões que a escritora e a sociedade em que estava inserida tinham daquele episódio.

Logo a História e a Literatura, no processo pedagógico do ensino de História, possibilitam espaço privilegiado de produção do conhecimento histórico escolar. O texto literário, como fonte histórica, requer que se faça o diálogo com outras fontes de informações históricas que possibilitem, ao relacioná-las, analisar as mudanças e permanências da sociedade de uma época, as possibilidades colocadas e as opções de caminhos escolhidos por seus agentes. A perpetuação da história como ciência, ao inverso da vertente acadêmica dominante no panorama atual, necessita da interdisciplinaridade. Entretanto, não se trata de simplificar a análise histórica, mas sim de complexificá-la, enriquecer seu rigor metodológico através da aceitação de seu papel literário e, simultaneamente, do valor da literatura como fonte complementar. (RAMOS apud CORREIA, 2012, p. 193).

Portanto através do livro *O Quinze*, e o conhecimento histórico sobre a temática abordada iremos cruzar algumas informações e passagens da obra com o conteúdo específico, que facilitará a aprendizagem dos estudantes sobre o movimento migratório e os campos de concentração. Tornando o conhecimento mais abrangente através de outras fontes além do livro didático ou textos acadêmicos, criando novas “imagens sensíveis do mundo”.

Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu: “Dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.”

Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a:

— E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

— Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (QUEIROZ, 2003, p.07).

Assim começa o romance *O Quinze*, quando dona Inácia reza em adoração a São José o padroeiro do Ceará, em súplica pede para que possa chover no sertão, pois no estado do Ceará existe uma crença popular que crer que se no dia de São José chover, o inverno será bem-sucedido, com boas colheitas. Porém, se não chover tende a ser um ano de seca e dificuldades. A religiosidade é uma marca característica desses sertanejos, na qual se apegam a suas crenças em busca da solução do imponderável. Outro aspecto que podemos destacar desta situação é em relação ao tempo, "tem se visto o inverno começar até em abril" afirmava dona Inácia, muitos dos retirantes prorrogavam a sua saída do sertão por algumas semanas após o dia do

santo padroeiro, pois ainda se mantinham viva as suas esperanças de chover. Eles migravam quando não havia mais esperança e não tinha outra alternativa.⁴⁰

— Então é verdade que você vai-se embora?
 O caboclo alongou tristemente a voz lamentosa:
 — Inhor sim(...) A dona mandou soltar o gado(...) Hoje mesmo abri as porteiras(...)
 — E, pelo que ouvi dizer, você ainda esperou uma semana(...) Hoje é 25(...)
 — Me esperancei que inda chovesse depois do São José(...) Mas qual!
 (QUEIROZ, 2003, p.24).

Falamos anteriormente sobre os sertanejos que trabalhavam na fazenda do senhor e que dependiam da agricultura de subsistência, para conseguir superar as dificuldades da seca no sertão, dependiam do auxílio dos patrões. Pois se não houvesse essa assistência através do apadrinhamento ou do paternalismo entre o fazendeiro e o vaqueiro era impossível eles se manterem na localidade, pois não teriam recursos para se manter⁴¹. Observamos esse fato ocorrer no romance com Chico Bento e sua família, pois o vaqueiro foi dispensado do serviço e não tinha outra opção a não ser ir embora.

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha(...) Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumia mal, combinou com a mulher o plano de partida. Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas. Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte. A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor. (QUEIROZ, 2003, p.26).

⁴⁰ No final do mês de março, grandes levas de retirantes já enchiam de tristeza e fome as estradas do Sertão. Das mais longínquas paragens da caatinga saíam homens e mulheres que, a caminho da cidade, arrastavam seus filhos e alguns pertences. Muitos sertanejos se juntavam, formando enormes bandos de flagelados. Na angustiada luta para arrefecer a fome, os retirantes matavam e comiam algumas reses que ainda resistiam nos pastos das grandes fazendas. Nos jornais de Fortaleza, eram comuns notícias sobre o roubo de bois e vacas de particulares. (RIOS, 2014, p. 18).

⁴¹ NEVES, Frederico Castro. Uma Nova História do Ceará / A seca na história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p 78 e 79.

Quando a seca chegava o sertanejo começava a deixar o sertão, partiam para tentar a sobrevivência em outros lugares. Em muitos casos, abandonavam ou vendiam o que tinha e levavam apenas o que era possível carregar. A esperança era que motivava os retirantes a abandonarem tudo e se arriscarem mundo a fora em busca de trabalho e uma vida mais digna⁴². Nesse período foi muito grande a quantidade de pessoas que embarcaram principalmente para a Amazônia para trabalhar na extração do látex, pois houve um grande aumento da venda da borracha para a Europa entre o final do século XIX e começo do XX, aumentando a necessidade de mão de obra na região, período esse que ficou chamado ciclo da borracha ou febre da borracha.

É importante destacarmos que as experiências com a seca e da migração se mostraram diferentes de acordo as condições sociais das pessoas. As consequências que corroboram com a miséria, a fome, a desestrutura familiar e do ser, vão fazer parte das experiências do grupo de pessoas humildes, de trabalhadores do campo, os vaqueiros e suas famílias. Por outro lado, em sua maioria os fazendeiros teriam uma perda financeira, muitos mudam-se para a capital ou outra cidade, com características mais amenas no clima, e esperam a chuva voltar sem fazer muitos sacrifícios, e outros ficam e encaram a seca utilizando seus recursos para manter os animais vivos e permanecerem naquele ambiente. Como já percebemos anteriormente a seca não é apenas um problema climático é sim uma questão social, é um fenômeno que escancara a desigualdade social que existiu no interior do Ceará e em sua capital.

Em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, o quadro é mais completo. A narrativa apresenta pontos de vista diferentes sobre o começo da seca de 1915, variando o enfoque conforme a condição econômica e o temperamento dos personagens.

Na fazenda do Logradouro, Dona Inácia vê a seca com apreensão, mas não toma qualquer decisão, pois ainda tinha alguns recursos para tratar o gado. Porém, pouco tempo depois, a neta Conceição, que estava de férias na fazenda, convence Dona Inácia a pegarem um trem e irem esperar pelo fim da seca na sua casinha de Fortaleza. O gado do Logradouro é levado para as terras de Dona Inácia localizadas na serra de Baturité.

Já na fazenda de Dona Maroca das Aroeiras, outra personagem do romance, a proprietária decide abrir as porteiras, soltar o gado e dispensar os empregados. Chico Bento, que trabalhava para Dona Maroca, simplesmente não tem alternativa a não ser pegar a estrada com sua família.

Na fazenda do Major, em uma terceira situação, o filho Vicente que a comandava, não apenas decide resistir à seca como ainda compra de Chico Bento, por “preço de seca”,

⁴² O Relatório do Presidente de Estado mencionava a perda de 70.000 braços como prejuízo danoso. Em sua avaliação, foi um “mal necessário”. Esse grande número de retirantes emigrou com apoio do Governo mediante a distribuição de passagens. (RIOS, 2014, p. 72)

o traje do vaqueiro e o pouco gado que lhe pertencia. Passa mais algum tempo e a família segue para Quixadá, permanecendo apenas Vicente na fazenda.

Para Chico Bento, sua mulher Cordulina, seus cinco filhos e a cunhada Mocinha que vivia com eles, a seca é ainda mais cruel. Chico Bento tenta conseguir passagens de trem para Fortaleza. Elas eram cedidas pelo governo como um auxílio emergencial, mas o responsável pela distribuição vendia as passagens em vez de entregá-las gratuitamente. A família decide, então, seguir a pé, o que leva a uma sequência de tragédias. (SCOVILLE, 2011, p.170 e 171).

Portanto as experiências são diversas, não podemos generalizar, o romance nos mostra alguns exemplos como podemos observar acima. Tinham aqueles sertanejos que foram para a serra com o gado a mando do patrão ou patroa, em regiões mais amenas e menos árida garantindo a sua sobrevivência e trabalho; tinham aqueles que ficavam e lutavam contra a seca juntamente com os fazendeiros para tentar manter vivo o gado, dependendo dos seus recursos financeiros; e aqueles que abandonava os seus animais, funcionários e partiam deixando-os a própria sorte, sem nenhum recurso, sujeito as agruras que a seca poderiam lhe proporcionar:

— Por falar em deixar morrer... O compadre já soube que a dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém. (QUEIROZ, 2003, p.11).

Rachel de Queiroz no romance consegue descrever de uma forma simples, direta e detalhista, aquele ambiente tomado pela seca, possibilitando a nossa imaginação recriar sem muita dificuldade a imagem daquele espaço, onde podemos perceber as condições do local e as motivações que levou milhares de pessoas a buscarem a sobrevivência em Fortaleza, e em outras regiões do Brasil, pois se percebe que as condições de sobreviver no sertão eram mínimas.

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estalavam como papel queimado. O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada. Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza. Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapo à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas. (QUEIROZ, 2003, p.13 e 14).

Em 1915, com o funcionamento das ferrovias era comum os retirantes irem de trem até a capital. Porém antes eles precisavam das passagens para viajar, como muitos não tinham condição para compra-las, em alguns momentos quando a seca se mostrava mais cruel o governo doava os bilhetes para os sertanejos irem em direção à Fortaleza. O que acabava ocasionando um grande tumulto nas estações ferroviárias, pois em consequência da grande quantidade de retirantes as passagens se esgotavam rapidamente, o que ocasionava a invasão de muitos trens por esses flagelados⁴³. Infelizmente também se vê relatos de corrupção⁴⁴, vemos representado este fato no romance na distribuição das passagens, quando Chico Bento vai até a estação e não tem mais as passagens para ele e sua família, pois tinham sido vendidas ilegalmente, e não lhe restava outra escolha a não ser ir a pé até Fortaleza.

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos. O homem não atendia.

— Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar, já estão cedidas. Por que não vai por terra?

— Mas meu senhor, veja que ir por terra, com esse magote de meninos, é uma morte!

O homem sacudiu os ombros:

— Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser...

Chico Bento foi saindo. Na porta, o homem ainda o consolou:

— Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre!

Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:

— Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!

O Zacarias segredou:

— Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais...

Os olhos do vaqueiro luziram:

— Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinquenta passagens ao Matias Paroara!...

— Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... O Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse...

Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho:

— Cambada ladrona! (QUEIROZ, 2003, p.29 e 30).

⁴³ RIOS, Kênia Sousa. Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. p. 22 e 27.

⁴⁴ As denúncias de corrupção e desvio da verba de "Socorros Públicos", feitas semanalmente pelo jornal O Retirante, compunham um clima hostil ante qualquer demora no atendimento aos retirantes. Um amplo sistema de controle dos donativos, por parte de comissários e funcionários, antecipava, assim, aquilo que ficou conhecido como "indústria da seca", tão comum no século XX. (NEVES, 2002, p 83 e 84).

Os retirantes dependendo do lugar onde viviam tinham que caminhar vários quilômetros para chegarem até as estações ferroviárias mais próximas ou até a capital. O percurso se mostrava muito difícil por causa da limitação que era imposta aos migrantes, além da geografia característico da seca, ainda havia a falta de comida e de água, pois eles não conseguiam juntar muitos recursos para levarem consigo na viagem. Normalmente as famílias ou os grupos de retirantes eram em quantidades bem significativas e compostas por muitas crianças. Os recursos acabavam rapidamente em decorrência do cansaço e do longo percurso. No livro a família de Chico Bento teve que migrar a pé, tornando-se a viagem ainda mais difícil pois teria que levar os seus filhos, a maioria ainda pequenos, dentre eles uma criança de colo.

Na primeira noite, arrancharam-se numa tapera que apareceu junto da estrada, como um pouso que uma alma caridosa houvesse armado ali para os retirantes. O vaqueiro foi aos alforjes e veio com uma manta de carne de bode, seca, e um saco cheio de farinha, com quartos de rapadura dentro. Já as mulheres tinham improvisado uma trempe e acendiam o fogo. E a carne foi assada sobre as brasas, chiando e estalando o sal. Pondo na boca o primeiro pedaço, Chico Bento cuspiu:

— Ih! Sal puro! Mesmo que pia!

Mocinha explicou:

— Não tinha água mode lavar...

Sem se importarem com o sal, os meninos metiam as mãos na farinha, rasgavam lascas de carne, que engoliam, lambendo os dedos.

Cordulina pediu:

— Chico, vê se tu arranja uma aguinha pro café...

Apesar da fadiga do longo dia de marcha, Chico Bento levantou-se e saiu; a garganta seca e ardente, parecendo ter fogo dentro, também lhe pedia água. Os meninos, passado o furor do apetite, exigiam com força o que beber; gemiam, pigarreavam, engoliam mais farinha, ou

lambiam algum taco de rapadura, entretendo com o doce a garganta sedenta.

Pacientemente, a mãe os consolava:

— Esperem aí, seu pai já vem...

Em meia hora, realmente, ele chegou, com a cabaça cheia duma água salobra que arranjara a quase um quilômetro de distância. (QUEIROZ, 2003, p.37).

Na primeira noite após saírem da fazenda a família já começou a sofrer as privações imposta pela seca, a água que é um recurso tão importante para a vida já não se encontrava mais facilmente para se consumir. Ele teve que andar quilômetros para encontrar e ainda voltou com uma água suja. As privações acompanhavam os retirantes por todo o percurso, a falta de comida, de água, submetidos a crimes e doenças que poderiam lhes abater, eram as mais diversas. Eles se apropriavam de alguns recursos que não se mostrava saudáveis como água suja e carne de animais de má qualidade, pois a fome e a sede acabavam falando mais alto. Rachel de Queiroz retrata uma dessas experiências, no qual nos mostra até que ponto o desespero levava essas pessoas, na seguinte passagem:

Debaixo de um juazeiro grande, todo um bando de retirantes se arranchara: uma velha, dois homens, uma mulher nova, algumas crianças. O sol, no céu, marcava onze horas. Quando Chico Bento, com seu grupo, apontou na estrada, os homens esfolavam uma rês e as mulheres faziam ferver uma lata de querosene cheia de água, abanando o fogo com um chapéu de palha muito sujo e remendado.

(...)

O juazeiro era um só. O vaqueiro também se achou no direito de tomar seu quinhão de abrigo e de frescura. E depois de arriar as trouxas e aliviar a burra, reparou nos vizinhos. A rês estava quase esfolada. A cabeça inchada não tinha chifres. Só dois ocos podres, malcheirosos, donde escorria uma água purulenta.

Encostando-se ao tronco, Chico Bento se dirigiu aos esfoladores:

— De que morreu essa novilha, se não é da minha conta?

Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:

— De mal dos chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus.

Chico Bento cuspiu longe, enojado:

— E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar...

O outro explicou calmamente:

— Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca...

Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade:

— Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós.

Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!

Realmente a vaca já fedia, por causa da doença. Toda descarnada, formando um grande bloco sangrento, era uma festa para os urubus vê-la, lá de cima, lá da frieza mesquinha das nuvens. E para comemorar o achado executavam no ar grandes rondas festivas, negreando as asas pretas em espirais descendentes. (QUEIROZ, 2003, p.38,39 e 40).

As condições que os retirantes se encontravam eram as mais penosas, muitos se encontravam em uma situação tão difícil que os faziam tomar decisões e ações extremas, chegando a fazer coisas horríveis⁴⁵ desde comer alimentos estragados, cometer os mais diversos crimes e até desenvolver determinadas atividades, como se prostituir para conseguir comprar alguma comida para sobreviver aquele momento.

Em *O Quinze* o percurso de Chico Bento e sua família, nos mostra que a viagem como já falamos era muito demorada, onde os recursos logo acabavam e chegavam a não terem mais o que comer, o que fazia com eles se desfizessem dos poucos bens materiais que ainda levavam consigo em troca de comida, eles tentavam buscar algum serviço nos vilarejos, pediam ajuda nas casas, principalmente para o Duquinha a criança de colo, pois a sua mãe nem leite conseguia produzir mais. Com isso percebemos que a fome, a miséria se abatia ainda mais forte sobre eles.

⁴⁵ NEVES, Frederico Castro. Cural dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915- 1932). São Paulo: Revista brasileira de história, v. 15, n° 29 p.93- 122, 1995. p. 99 Disponível em < https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=377 >

Deitado numa cama de trapos, arquejando penosamente, estava um dos meninos de Chico Bento, o Josias. O ventre lhe inchara como um balão. O rosto intumescera, os lábios arroxeados e entreabertos deixavam passar um sopro cansado e angustioso. A mãe ia e vinha, arranjava-lhe um pano debaixo da cabeça, mexia no fogo feito a um canto, lastimava-se, praguejava, atordoava-se. Estavam arranchados numa velha casa de farinha, toda atravancada pelos aviamentos desmantelados. Desde a véspera Josias adoecera. De tarde, quando caminhavam com muita fome, tinham passado por uma roça abandonada, com um pau de maniva aqui, outro além, ainda enterrados no chão. Josias, que vinha atrás, distanciou-se. Viu o pai descuidado dele, pensando em encontrar um rancho; a mãe, com o menino no quadril, marchava lá mais na frente. Ele então foi ficando para trás, entrou na roça, escavacou com um pauzinho o chão, numa cova, onde um tronco de manipeba apontava; dificilmente, ferindo-se, conseguiu topar com uma raiz, cortada ao meio pela enxada. Batendo de encontro a uma pedra, trabalhosamente, arrancou-lhe mais ou menos a casca; e enterrou os dentes na polpa amarela, fibrosa, que já ia virando pau num dos extremos. Avidamente roeu todo o pedaço amargo e seco, até que os dentes rangeram na fibra dura. Aí atirou no chão a ponta da raiz, limpou a boca na barra da manga e passou ligeiramente pela abertura da cerca.

(...)

E enquanto fazia o chá, gritava, num pranto, para o marido, que mais longe trocava algumas palavras com um passante:

— Chico! Chico! Valha-me Nossa Senhora! O Josias se envenenou!

Agora, esgotadas as mezinhas, findos os recursos, sozinha, o marido longe — Chico Bento saíra de manhãzinha a ver se descobria alguém que ensinasse um remédio — de cócoras junto à criança moribunda, a cabeça quase entre os joelhos, um filho agarrado à saia, Cordulina chorava sem consolo.

(...)

A criança era só osso e pele: o relevo do ventre inchado formava quase um aleijão naquela magreza, esticando o couro seco de defunto, empretecido e malcheiroso. Quando o pai chegou trazendo consigo uma negra velha rezadeira, Josias, inconsciente, já com o cirro da morte, sibilava, mal podendo com a respiração estertorosa.

A velha olhou o doente, abanou o pixaim enfarinhado:

— Tem mais jeito não... Esse já é de Nosso Senhor(...)

(QUEIROZ, 2003, p.52-55).

Outro aspecto comum no percurso dos flagelados eram as doenças por causa das condições físicas e das circunstâncias que se encontravam, assim também como envenenamento por raízes, principalmente de crianças que não se aguentavam de fome e colocavam tudo que encontravam na boca. Essa narrativa da morte de Josias é muito impactante pois não é mais o número de um dado estatístico, um desconhecido que se analisa em um documento histórico. A construção da narrativa do romance fez com que se tornássemos próximos do personagem sabemos quem ele era, de onde veio, o que aconteceu com ele e sua família, que circunstâncias fez com que acontecesse a sua morte. Portanto o romance nos ocasiona uma maior empatia com a história nos prendendo mais a atenção, se tornando mais significativo.

O drama da seca faz com que os retirantes se transformem de todas as formas, no aspecto físico por causa da fome, do intenso contato com o sol, da sujeira e das más condições que se encontravam. Como também o psicológico, as privações, as situações e as perdas que tiveram no meio do caminho lhe desestabilizavam por completo, os fazendo tomar decisões que nunca fariam em outro momento. No romance após a morte de Josias, por causa de todas as condições que se encontravam, a sua mãe, seu pai e seus irmãos não eram mais os mesmos.

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam. A saia roída se apertava na cintura em dobras sórdidas; e se enrolava nos ossos das pernas, como um pano posto a enxugar se enrola nas estacas da cerca. Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento. Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas... Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turbou-se como as ideias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol. No colo da mulher, o Duquinha, também só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes. E com a outra tateava o peito da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto. (QUEIROZ, 2003, p.63-64).

Os efeitos da seca e as consequências dela sobre os retirantes, principalmente os pobres, vemos de uma forma bem explícita no livro através da representação de Chico Bento e sua família, por outro lado também conseguimos observar como aquelas pessoas de posses como dona Inácia, Conceição e Vicente de forma diferenciada lidam com esse momento. A senhora dona Inácia manda suas reses para serra e vai para Fortaleza, ficar com Conceição, sua neta, enquanto espera a seca acabar, sem passar nenhuma privação ou sofrimento, a não ser ficar distante da sua casa. Vicente continuou insistindo junto com seus funcionários para vencer a seca e salvar os seus gados, porém tinha recursos suficientes para isso. Conceição continuou sua vida normal, trabalhando como professora, porém ajudava fazendo caridade no campo de concentração.

É impressionante perceber no decorrer do livro *O Quinze* de Rachel de Queiroz a facilidade que esses personagens tinham de sair e entrar no sertão, pois tinham os recursos necessários para viajarem quando bem quisessem. Se compararmos as suas experiências com a de Chico Bento e sua família, se analisarmos o que cada personagem perdeu enquanto tentavam

superar as agruras da seca, percebemos que a seca nesta obra é mais uma questão social do que climática.

Mas às vezes basta que o retirante, mesmo de origem pobre, seja reconhecido por alguém com recursos para que se dê seu salvamento. Então, o salvamento é justificado pela tradição de apadrinhamentos, por uma antiga amizade ou pelas virtudes já conhecidas do retirante (trabalhador, honrado, leal, corajoso, honesto). Por qualquer dos motivos, o retirante deixa de ser apenas mais um miserável e recebe um nome, sua individualidade é reintegrada e, com isso, ganha o direito de ser salvo. Sem negar a existência de outros motivos, o reconhecimento possibilita que o retirante receba um tratamento diferenciado no lugar em que chega, como acontece. (SCOVILLE, 2011, p.161).

Como falamos em outro momento, muitas vezes os flagelados eram socorridos pela caridade dos mais ricos motivados muitas vezes pelo pensamento cristão, principalmente quando se encontravam na cidade através dos pedidos de mendicância, ou em ações no campo de concentração. Outro sentimento seria o de paternidade, ou os laços de lealdade representado pelo apadrinhamento das relações no sertão, muitos eram acolhidos pelos mais abastados por causa dessas ligações, sendo ajudados a superar ou diminuir os momentos difíceis da seca. Percebemos na obra que a situação de Chico Bento só melhora a partir do momento que ele consegue a ajuda através dessas relações.

Mesmo Chico Bento e sua família, de O Quinze, tardiamente e após inúmeras desgraças, recebem algum auxílio ao serem reconhecidos. Em Acarape, Chico Bento encontra, por acaso, o compadre Luís Bezerra, e ganha passagens de trem para Fortaleza. Chegando à capital, é Conceição, madrinha de um dos filhos de Chico Bento, quem providencia ajuda. Conceição instala a família num local mais adequado no abarracamento, consegue uma carta de recomendação do Bispo para que Chico Bento pudesse trabalhar na construção do Açude de Tauape e, por fim, “adota” e salva o afilhado que já estava a morrer. (SCOVILLE, 2011, p.161).

Com isso podemos afirmar que os retirantes dependiam muito da ajuda de populares ricos, pois após todo o esforço e sacrifício de chegarem à capital, depois de passar as mais difíceis privações, ainda tinham que torcer para ser ajudado por algum afortunado, que por eles passavam. Já que a ajuda que chegava de forma oficial era pouca, e ainda desviada por práticas de corrupção de diversos personagens, que viam nesta situação de desregramento social uma oportunidade para se apropriar dos poucos recursos que chegavam.

3.5- O retrato do Campo de Concentração no romance *O Quinze*

Os governantes da capital em 1915 aprovaram como projeto uma forma de limitar a circulação dos flagelados nas ruas da cidade, resolveram construir um campo de concentração em um sítio chamado de Alagadiço. Assim de acordo com eles essas pessoas teriam o auxílio necessário para superar dificuldades daquele momento e não causariam transtornos para a cidade⁴⁶. No romance, vamos ter a impressão do campo ou curral, como era chamado pelos populares, através de duas ópticas a de Conceição, como uma moça caridosa que ajudava os miseráveis que lá se encontravam e da família de Chico Bento que quando conseguiram chegar a Fortaleza foram direcionados e instalados lá.

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração. Às vezes uma voz atalhava:

— Dona, uma esmolinha...

Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento. Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos!

Mas uma voz a fez parar.

— Doninha, dona Conceição, não me conhece?

Era uma mulata de saia preta e cabeção encardido, que, ao ver a moça, parara de abanar o fogo numa trempe, e a olhava rindo. Conceição forçou a memória.

— Sim... Ah! É a Chiquinha Boa! Por aqui? Mas você não era moradora de seu Vicente? Saiu de lá?

A mulher inclinou a cabeça para o ombro, coçou a nuca:

— A gente viúva... Sem homem que me sustentasse... Diziam que aqui o governo andava dando comida aos pobres... Vim experimentar...

(QUEIROZ, 2003, p.55 a 56).

O campo de concentração ficou conhecido por sua grande aglomeração, falta de higiene, poucos recursos, doenças e mortes⁴⁷. Onde as pessoas que lá estavam dependiam em demasia da ajuda de pessoas ricas e de projetos de caridade da igreja. Podemos observar isso através da primeira passagem de Conceição no campo de concentração, onde fica claro que a mendicância fazia parte do cotidiano daquele espaço. Lugar esse que deveria ser um ambiente de ajuda aos retirantes, porém se transformou em mais um espaço de sofrimento e aflição.

⁴⁶ O campo de concentração, pelo contrário, segundo as intenções do Cel. Barroso, facilitaria a distribuição dos socorros e permitiria um tratamento melhor e mais humano aos "atingidos pelo flagelo indomável", que encontrariam trabalho e serviços organizados pelo governo, tendo "por compensação alimento abundante para todo o pessoal". (NEVES, 1995, p 96).

⁴⁷ NEVES, Frederico Castro. Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915- 1932). São Paulo: Revista brasileira de história, v. 15, n° 29 p.93- 122, 1995. (p 97,98 e 99) Disponível em < https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=377 >

A conversa principiou a incomodar Conceição; o mau cheiro do campo parecia mais intenso; e levantou-se, dando uma prata à mulher:

— Amanhã eu volto e vejo como vocês vão... Todos os dias venho aqui, ajudar na entrega dos socorros... Se você tiver muita precisão de alguma coisa, me peça, que eu faço o que puder...

Quando transpôs o portão do Campo, e se encostou a um poste, respirou mais aliviada. Mas, mesmo de fora, que mau cheiro se sentia! Através da cerca de arame, apareciam-lhe os ranchos disseminados ao acaso. Até a miséria tem fantasia e criara ali os gêneros de habitação mais bizarros. Uns, debaixo dum cajueiro, estirados no chão, quase nus, conversavam. Outros absolutamente ao tempo, apenas com a vaga proteção de uma parede de latas velhas, rodeavam um tocador de viola, um cego, que cantava numa melopeia cansada e triste:

Ninguém sabe o que padece

Quem sua vista não tem!...

Não poder nunca enxergar

Os olhos de quem quer bem!...

E junto deles, uma cabocla nova atiçava um fogo. Uma velha, mais longe, sentada nuns tijolos, fazia com que uma caboclinha muito magra e esmolambada lhe catasse os cabelos encerados de sujeira. E, além, uma família de Cariri velava um defunto, duro e seco, apenas recoberto por farrapos de cor indecisa. Conceição sabia quem ele era. Tinha morrido ao meio-dia, e a sua gente teimava em não o misturar com os outros mortos. (QUEIROZ, 2003, p.57 a 58).

Chico Bento com ajuda do seu compadre conseguiu umas passagens até a capital, após todas as desgraças que passaram com a morte de Josias, o sumiço de Pedro o seu filho mais velho, a desesperança da sua esposa e o sofrimento dos seus demais filhos. Agora poderiam pensar em algo melhor, pois estavam chegando a Fortaleza e tinham esperança que lá seria melhor, pois esse era o pensamento dos retirantes quando partiam.

Os abarracamentos sempre foram criticados por serem locais insalubres e desorganizados. Com o surgimento dos campos de concentração, a situação se agravou intensamente e o número de mortes foi elevado. A migração para Fortaleza, por sua vez, nunca cessou. (SCOVILLE, 2011, p.175).

O campo foi construído estrategicamente em um lugar que tivesse acesso as ferrovias e ficasse longe do centro, pois quando os flagelados lá chegassem eram logo direcionados para o campo. Neste período poucos eram os retirantes que iam até a capital a pé, em sua maioria andavam quilômetros até as estações ferroviárias mais próximas e tentavam conseguir passagens, se não conseguissem invadiam os trens e seguiam em direção a Fortaleza.

Como o campo do Alagadiço ficava próximo da estação, quando eles desembarcavam já eram logo direcionados ao campo, sem terem nem a oportunidade de entender o que estava acontecendo ao certo. Não podemos negar a importância da estrada de ferro, que encurtou as

caminhadas e diminuiu o número trágico de mortes pelo caminho nos períodos de seca, entretanto, ajudou também a criar um maior fluxo de pessoas e as concentrações dos flagelados, o que gerou novos e graves problemas, como a proliferação de doenças e conseqüentemente outros tipos de morte⁴⁸.

No mesmo atordoamento chegaram à Estação do Matadouro. E, sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo. Só aos poucos se repuseram e se foram orientando. Cordulina acomodou-se como pôde, ao lado do cajueiro onde tinham parado. Da banda de lá, um velho deitado no chão roncava, e uma mulher de saia e camisa remexia as brasas debaixo de uma panela de barro. Cordulina foi à sua trouxa, e tirou de dentro um resto de farinha e um quarto de rapadura, última lembrança da comadre Doninha. Deitado na areia, calçado com um pano, já o Duquinha dormia. Os outros dois metiam a mão na farinha engolindo punhados. Chico Bento olhava a multidão que formigava ao seu redor. Na escuridão da noite que se fechava, só se viam vultos confusos, ou alguma cara vermelha e reluzente junto a um fogo. Tudo aquilo palpitava de vida, e falava, e zunia em gritos agudos de meninos, e estralejava em gargalhadas e em gemidos, e até em cantigas. E estendendo a vista até muito longe, até aos limites do Campo de Concentração, onde os fogos luziam mais espalhados, o vaqueiro sacudi na boca uma mancheia de farinha que lhe oferecia a mulher, e procurando quebrar entre os dedos um canto de rapadura, murmurou de certo modo consolado: — Posso muito bem morrer aqui; mas pelo menos não morro sozinho... (QUEIROZ, 2003, p.86 a 87).

Essa passagem acima relata, a primeira impressão dos personagens do romance quando chegam ao campo, pois tinham sido logo direcionados para aquele espaço sem nem saber do que se tratava ao certo. Interessante é que com o início do campo de concentração o objetivo declarado era o socorro aos retirantes, as autoridades afirmavam que prezariam pelo bem-estar daquelas pessoas, era o que prometia seus idealizadores. Com isso as notícias se espalharam rapidamente no interior e afirmavam que o governo estava dando alimentação para aqueles que sofriam com a seca, estas notícias geraram uma grande busca por esse espaço⁴⁹, é o que vemos nessa citação do romance:

⁴⁸ Em 1915, grande parte da população concentrada foi dizimada pela varíola. A migração para Fortaleza deu-se em grandes proporções, o que levou o poder público a elaborar a primeira versão dos Campos de Concentração. Nesta seca, as linhas ferroviárias já se estendiam largamente até o Sertão. Com isso, a vinda de retirantes para a Capital teve um aumento considerável. Enquanto os técnicos avaliavam que a proporção da seca não justificava tamanho deslocamento, os retirantes continuavam a ocupar os trens que vinham para a cidade. (RIOS, 2014, p.72).

⁴⁹ "Com o recrudescimento do flagelo e a notícia de que o Governo amparava liberalmente os retirantes que chegavam à Capital", estes cada vez vinham em maior número, principalmente após maio de 1915, ultrapassando rapidamente os 3 mil que inicialmente foram concentrados no Alagadiço. Grande parte viajava agora pela Estrada de Ferro de Baturité, ampliada pelos retirantes de 1877, chegando à Fortaleza em melhores condições gerais de

Conceição forçou a memória.

— Sim(...) Ah! É a Chiquinha Boa! Por aqui? Mas você não era moradora de seu Vicente? Saiu de lá? A mulher inclinou a cabeça para o ombro, coçou a nuca:

— Agente viúva(...) Sem homem que me sustentasse(...) Diziam que aqui o governo andava dando comida aos pobres(...) Vim experimentar(...)
(QUEIROZ, 2003, p.56).

Porém, como vimos até agora não era bem assim que funcionava, muitas pessoas aglomeradas, pouca alimentação e pouco remédio, quase nenhum trabalho enquanto isso muitos retirantes morrendo com fome e sendo vítimas das doenças que se propagava rapidamente entre eles, nesse período foi principalmente a varíola que ocasionou um grande número de mortes. Entre o cotidiano dos cidadãos eram comuns as histórias de sofrimento dos imigrantes, desde o percurso para fugir do sertão, como também as condições que se encontravam no campo, essas histórias faziam parte das conversas do dia a dia da população:

A moça encolheu os ombros:

— Tolice! Mas vamos falar noutra coisa? Ande, conte o que há de novo no sertão!

— Contar o quê? História de seca? Diz que um negro lá pras bandas de Morada Nova matou um menino, salgou, e ficou comendo os pedaços, aos poucos.

Dona Inácia pôs as mãos, horrorizada. Conceição olhou-o com espanto:

— Deveras?

— Contam(...) E você tem visto muito horror, no Campo de Concentração?

— Coisas medonhas! Mas ainda não vi se comer gente, não(...)

Vicente contava agora a história de uma mulher conhecida que endoicera, quando viu os filhos morrendo à falta de comida.

Dona Inácia observou:

— Talvez tenha enlouquecido também de fome. Fome demais tira o juízo.

(QUEIROZ, 2003, p.75).

Por mais que o campo não fosse um ambiente ideal, muitos dos flagelados continuavam lá pois não viam outra opção, até a sua locomoção era limitada, após entrarem no campo a sua saída era permitida só com autorização. Também era através do campo que eles recebiam recursos quando tinha, alimentação, remédios, distribuição de passagens para outras regiões e também era lá que iam em busca de mão de obra para os trabalhos em obras públicas, quando tinha vaga, já que o número de retirantes querendo trabalho era muito grande.

saúde que seus antecessores. Por outro lado, a própria estação já funcionava como uma ante-sala do campo de concentração, facilitando o acesso, diretamente, sem circulação pelas ruas da cidade. (NEVES, 1995, p 96)

Agora, felizmente, estavam menos mal. O de que carecia era arranjar trabalho; porque a comadre Conceição bem via que o que davam no Campo mal chegava para os meninos.

Conceição concordou:

— Eu sei, eu sei, é uma miséria! Mas você assim, compadre, tão fraco, lá aguenta um serviço bruto, pesado, que é só o que há para retirante?!

Ele alargou os braços, tristemente:

— A natureza da gente é que nem borracha(...) Havendo precisão, que jeito? Dá pra tudo(...) (QUEIROZ, 2003, p.96).

Diversas obras públicas no estado nesse período foram construídas como por exemplo, calçamentos, continuação da ferrovia, prédios, açudes e barragens. Todas essas construções através do esforço e do trabalho semiforçado exercido pelos flagelados, mesmo assim o alimento ou ínfimo salário não era suficiente para alimentar os seus familiares, enquanto isso no campo de concentração continuavam o aglomerado de miseráveis.

Muitas crianças morreram, ficaram órfãs ou foram adotadas por pessoas de mais posse e que pudessem proporcionar o mínimo para as suas sobrevivências. Em uma das passagens do livro dona Inácia é surpreendida por uma mulher pedindo comida, ela estava com uma criança que carregava consigo, porém estava muito doente. A senhora se propondo a ajudar entra na cozinha para pegar algo para comerem e quando sai a criança se encontrava morrendo em seu sofá e a mulher então em desespero, pedia para dona Inácia ficar com a criança enquanto ela iria chamar a mãe da criança, pois o filho não era seu.

Ela andava com a criança para pedir comida ou esmola, pois as pessoas se mostravam mais caridosas, quando viam as crianças daquela forma. Essa passagem mostra a condição terrível em que essas pessoas se encontravam, chegando a utilizar as crianças mesmo muito frágeis, doentes, quase morrendo para pedir esmolas, utilizando-os como mero objetos⁵⁰.

No romance para evitar que seu afilhado tivesse um fim trágico, Conceição pede a Cordulina para ela criar o pequeno Duquinha, que já se encontrava muito doente e com as condições e cuidado que ela poderia proporcionar ele sobreviveria e poderia ter uma melhor oportunidade de vida.

⁵⁰ Atitudes grotescas se sucedem, como suicídios, assassinatos e não raros casos de antropofagia, além da utilização de crianças esqueléticas como recurso para conseguir esmolas de transeuntes condoídos e outros expedientes condenáveis, em que "a caridade pública individual se viu explorada até as últimas possibilidades". Era moeda corrente entre os analistas locais - da "situação" ou da "oposição" - a ideia de que a "miséria anestesia os mais puros sentimentos do homem bem-educado, quanto mais os sentimentos dessa gente, cuja moral não foi cultivada (...)" (NEVES, 1995, p 99).

Mais tarde, já deitados, Cordulina lhe falou, meio hesitante:

— Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinha. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado(...)

— E o que é que você disse?

— Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai(...)

— E tu não tem pena de dar teus filhos, que nem gato ou cachorro?

A mulher se justificou amargamente:

— Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente(...) A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente(...) Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro(...)

Chico Bento calou-se e ficou olhando uma estrelinha, quase no rebordo do horizonte, que esmaecia aos poucos, ao passo que a lua vermelha, enorme e lustrosa, ia se levantando devagar.

Mas, detrás dele, a mulher insistiu:

— Que foi que você resolveu, Chico? Sem se voltar, fixando ainda a estrelinha moribunda, ele concordou:

— É(...) dê(...) Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro(...). (QUEIROZ, 2003, p.101).

Muitos dos retirantes viajaram para outras regiões do Brasil fugindo da seca, percebemos no livro que o personagem de Chico Bento fica entre três destinos principais Amazônia, Maranhão e São Paulo, esses eram os destinos para onde a maior parte dos retirantes eram enviados quando conseguiam as passagens.

Sabemos que não podemos utilizar os acontecimentos do romance como um fato concreto, pois como já falamos parte da imaginação e das experiências da escritora passam a fazer parte da narrativa. Entretanto, quando cruzamos com as informações presente nos estudos sobre o tema, e os documentos relacionados as secas, conseguimos ver as semelhanças das narrativas. Portanto, isto nos proporciona desenvolver está atividade que contribui e torna mais interessante a utilização desta obra no ensino de história.

O romance, sem apelar para a sociologia da literatura nem para a teoria literária é uma representação do real sócio-histórico e, como tal, sujeito a apropriações que não correspondem necessariamente à ideia tradicional de —ficção como algo irreal ou ilusório. (NEVES, 1995, p 95).

Quando falamos sobre os movimentos migratórios a obra nos mostra com maestria as condições que os retirantes foram expostos, as consequências dessa retirada e as possibilidades que eles tinham. Outro aspecto interessante são as ações do governo no qual também conseguimos perceber na obra, a criação do campo de concentração para evitar a aglomeração no centro da capital, a utilização da mão de obra desses flagelados na construção de obras

públicas do governo. Não podemos deixar de citar a questão da corrupção que interfere diretamente na vida das pessoas, principalmente entre os menos afortunados e também a má gestão e organização dos campos que proporcionou a morte de milhares de pessoas. Também podemos ver a diferença das experiências dos vários setores da sociedade relacionado à seca, onde nós mostramos que o problema da seca não é o clima, e sim as relações sociais.

Enfim, em resumo, o Campo de Concentração do Alagadiço aglomerou num terreno "cercado e arborizado" milhares de pessoas num ambiente de parcas instalações físicas e piores condições sanitárias, onde os números da morte também se concentraram: em geral, era mais fácil morrer no campo do que fora dele! Os observadores parecem concordar que "nada mais repugnante e contrario as regras mais elementares da higiene e caridade do que o Campo de Concentração dos retirantes do Alagadiço, em 1915. (NEVES, 1995, p 100).

3.6- A Construção do plano de aula: Os movimentos migratórios e os campos de concentração através da literatura

No decorrer deste texto propusemos algumas reflexões sobre o uso da Literatura e sua contribuição ao ensino de história, com isso pode-se afirmar que o conhecimento gerado por essa relação pode se tornar muito importante para o aprendizado, para refletir sobre os processos de historicidade de um povo, ou uma região. Discutimos anteriormente que para utilizar essas áreas de conhecimento em conjunto, e poder gerar uma reflexão significativa, é importante tomar alguns cuidados para não confundir o entendimento dos estudantes, sobre o conteúdo e não proporcionar um conhecimento distorcido, e anacrônico, sobre um determinado assunto.

É por isso que é importante ter bastante atenção na explicação, e nos procedimentos utilizados quando formos relacioná-los, pois essas áreas por mais que trabalhem com narrativas elas se diferenciam, por exemplo, quando a História ou ensino de história, se predispõe a buscar entender como se deu os processos históricos, as mudanças e permanências no decorrer do tempo, através dos fatos e fontes ela constrói uma narrativa histórica. E a Literatura se propõe a criar, ou representar o mundo a partir do imaginário do escritor, não necessariamente representando apenas o real ou ficção, mas principalmente as suas impressões, daí surgiu a narrativa literária.

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus

passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAVENTO, 2004, p.82).

Como podemos observar essas representações criadas pela literatura podem ser utilizadas para entender ou conhecer o pensamento das pessoas que viveram em determinada época ou da sociedade da qual fazia parte, da composição de uma cidade através das impressões dos personagens ou do escritor, principalmente através dos romances que se propõe a descrever os fatos históricos, pois com essas representações e impressões contidas no romance literário podemos relacioná-las a outros documentos históricos e com isso percebermos as interações com o real, que possam nos proporcionar um maior conhecimento sobre o fato ou objeto estudado.

A literatura pode muito bem contribuir como recurso didático no ensino como vimos até agora, pois através da sua narrativa, que tem uma maior liberdade artística e imaginativa do que é possibilitado ao conhecimento histórico, pode despertar um interesse ou sentimento de empatia maior em determinados alunos do que o conteúdo do livro didático.

A literatura, por apresentar uma linguagem diferenciada em relação às produções historiográficas, pode ser utilizada como uma estratégia facilitadora da compreensão histórica, possibilitando o conhecimento do passado por meio da ampliação dos sentidos, estimulada pela imaginação. De acordo com Solé “o contato com as histórias [narrativas literárias, mais lúdicas] permitem aos alunos, muitas vezes, alargar as suas experiências e os seus horizontes. A própria estrutura da narrativa literária estimula os leitores a identificar aspectos da História, como eventos, personagens e fenômenos”. (VIANA, 2016, p. 29).

Utilizando-as no ensino básico, podemos proporcionar uma relação interdisciplinar entre a História, literatura e língua Portuguesa, onde este diálogo e a interação entre elas podem contribuir com a construção de um conhecimento mais significativo para os alunos. Pois sabemos que quando existe essa relação pode se aprofundar as reflexões sobre um mesmo tema, através das especificidades de cada uma dessas áreas, e a aprendizagem se mostra de uma forma mais completa.

A atividade de ensino de História que aqui tratamos, foi proposta e desenvolvida em duas escolas do município do Crato- CE, nas turmas do 9º ano, da qual participaram um total de 31 alunos. A mesma contou com um tempo de duração de seis aulas, divididas em três dias,

durante três semanas. Ao longo das aulas, foram feitas algumas anotações das participações dos alunos sobre o seu entendimento acerca do conteúdo estudado e do romance literário. Além disso aplicamos um questionário para que eles tivessem a oportunidade de falar um pouco mais sobre as suas impressões e considerações sobre as aulas e a leitura do livro. Durante a realização deste projeto nas escolas em que leciono, contei com o auxílio dos professores de língua portuguesa das turmas que participaram. Este apoio foi fundamental para que pudéssemos melhor trabalhar as especificidades desta disciplina com os estudantes.

Dividimos esta atividade em duas partes de acordo com as especificidades de cada disciplina, os professores de língua portuguesa colaboraram desenvolvendo um estudo sobre a estrutura do texto através do conhecimento literário e sua importância na literatura, eu fiquei com a responsabilidade de contextualizar com a temática com o conhecimento histórico e diferenciar a narrativa literária da narrativa histórica, ao mesmo tempo em que refletimos sobre a sua relação e importância.

No desenvolvimento da atividade, no primeiro momento introduzimos as primeiras informações sobre a temática, os movimentos migratórios e os campos de concentração através do conhecimento histórico. A princípio discutimos sobre o tempo histórico e delimitamos o período que foi entre os anos de 1877 a 1932, onde propusemos uma reflexão principalmente sobre os três períodos da seca 1877, 1915 em 1932. Momentos esses que a miséria gerada pela seca começou a interferir no projeto urbanístico de Fortaleza e inicia os processos de limitação, impedimentos destes retirantes chegarem à capital. Posteriormente aprofundamos a análise sobre o fato histórico falando sobre as ondas migratórias, o surgimento dos campos de concentração, o descaso do governo com os retirantes, a miséria, as doenças e todas as mortes em decorrência aquela situação que os retirantes se encontravam.

Quando falamos sobre sujeitos históricos em relação a este tema, lembramos logo da figura dos flagelados que sofreram as agruras da seca no sertão e vivenciaram a experiência dos campos de concentração, como vimos anteriormente a sua criação foi em 1915 e as consequências da sua implantação não foram as melhores para os retirantes, mesmo assim voltou a ser construído outros campos em 1932, neste momento de uma forma mais enfática, espalhada pelo interior cearense através de sete campos de concentração.

Porém, não podemos esquecer do governo e dos mais ricos que também são sujeitos históricos, onde podemos observar que através das suas ações conseguiram desenvolver os seus projetos de modernidade e ainda proteger a capital dos pobres retirantes, que tentavam fugir da

seca. Para eles essas experiências não foram tão negativas pois de certa forma conseguiram o seu objetivo, porém esse fato histórico nos mostra a incompetência do governo em proporcionar o socorro devido a essas pessoas, se tornando também culpado pela miséria e mortandade que se espalhou naqueles ambientes.

Tivemos que buscar as referências para construir esse projeto em trabalhos acadêmicos, documentários, reportagens em site e blogs. Pois o livro didático que usamos no período em que desenvolvemos o projeto, não abordava o assunto assim como a nova coleção aprovada para os próximos quatro anos também não trabalha esse conteúdo. Portanto, através de uma pesquisa, organizamos o material e elaboramos uma apresentação de slide para fazer a exibição às turmas. Essa condensação de conhecimentos e pesquisa ajudou a gerar esse trabalho e a cartilha sobre o assunto, apresentado como projeto da dissertação.

Na explanação sobre o conteúdo que tivemos com os estudantes além do romance *O Quinze*, que utilizamos tanto como recurso didático como também documento histórico, trabalhamos com recursos visuais de dois documentários encontrados no YouTube, onde falam sobre as experiências dos campos de concentração. Assim como também fontes históricas como trechos de jornais, fotografias e relatos de pessoas que vivenciaram aquelas experiências, essas falas estão presentes nos vídeos exibidos. Desta forma, conseguimos cruzar o conhecimento literário, com o conhecimento histórico, proporcionando o contato mais completo dos nossos estudantes com o assunto.

Tivemos a oportunidade de realizar estas aulas em duas escolas diferentes, pensando nas especificidades de cada uma, criamos estratégias diferentes para ambas. Na primeira escola, realizamos a atividade no contra turno das aulas, devido ao grande número de alunos e ao fácil acesso deles ao local, pois fica próximo ao centro da cidade do Crato. Fizemos o convite a turma que tem em média 40 alunos, destes, 10 tiveram a curiosidade e predisposição de participar do projeto.

O outro colégio fica na zona rural da cidade, tinha 21 alunos, no entanto proporcionar esta atividade em um período de contraturno já não foi possível, pois a maioria dos estudantes dependiam de veículos e em outro horário não conseguiriam participar. Por tanto tivemos que desenvolver a atividade no horário normal da aula. Nesta turma tive a participação de todos os alunos.

Optamos por utilizar o mesmo plano e estrutura da aula nas duas escolas, o que mudou apenas a quantidade de participantes, e com isso podemos perceber a diferença entre a interação

e a atenção deles nas aulas, em uma turma com os estudantes que queriam participar, que se interessaram desde a proposta inicial do projeto, e na outra, no qual todos os alunos tiveram que participar como mais um conteúdo da disciplina, porém com uma metodologia diferente.

O plano de aula que organizamos apresentava como tema: História e literatura, as migrações e o surgimento dos campos de concentração no Ceará, através do livro *o Quinze* de Rachel de Queiroz. Este projeto foi construído para as turmas de 9º ano, porém pode também ser utilizado no ensino médio. Para conseguir alcançar os nossos objetivos, dividimos ele em três encontros.

Como já falamos anteriormente, para desenvolver essa atividade houve a colaboração dos professores de língua portuguesa das escolas. Eu fiquei responsável por dois encontros e eles com um, através deste projeto interdisciplinar falamos sobre o mesmo tema, porém através do conhecimento de cada área de ensino. Os objetivos deste projeto era:

Proporcionar uma atividade interdisciplinar entre as disciplinas para aprofundar e gerar uma maior significação e sensibilidade sobre o tema estudado; discutir sobre os movimentos migratórios no Ceará entre 1877 a 1932 e suas causas e consequências, principalmente para a população mais pobre; E problematizar os motivos que favoreceram o surgimento dos campos de concentração no Ceará e o seu funcionamento.

A metodologia que desenvolvemos foi através de aulas expositivas e discussões em grupo em cada encontro, a proposta de fazerem a leitura do livro em casa, assim também como um cruzamento dos conhecimentos através da exibição dos documentários e da análise de fontes históricas, complementando com a narrativa literária do romance.

A sequência didática da exposição do conteúdo e sua divisão foi a seguinte: o primeiro encontro - apresentamos a proposta de trabalho, onde explicamos sobre o que ocasionava os movimentos migratórios e as consequências que isso gerava tanto para os sertanejos, como para o cotidiano da capital, e demais cidades que se encontrava no meio do percurso. Também discutimos sobre o surgimento dos campos de concentração no Ceará, a sua organização, objetivos e consequências através de uma perspectiva histórica. Onde utilizamos slides para apresentar os principais pontos do conteúdo. Neste encontro introduzimos uma pequena discussão sobre a relação entre a História e literatura, com isso, propusemos como atividade a leitura do livro *O Quinze*, onde disponibilizamos cópias impressas, e o arquivo em PDF para aqueles que tinham computador ou celular.

Estabelecemos um prazo para que os alunos conseguissem ler a obra, achamos como suficiente um período necessário para que todos realizassem a leitura de quinze dias após o primeiro encontro, que seria intercalado com o segundo encontro onde eles poderiam tirar dúvidas sobre a obra, sua estrutura e a escritora.

No segundo encontro a aula foi ministrada pelos professores de língua portuguesa, eles explicaram para os alunos sobre o que é literatura, os gêneros literários, sobre a importância da escritora na literatura nacional e regional. Assim como também contribuíram para ajudar os estudantes falando sobre a estrutura do livro *O Quinze*, e os incentivaram a fazer a leitura e o estudo da obra, tirando dúvidas e ajudando no seu entendimento.

Por fim, no terceiro encontro proporcionamos um cruzamento de informações entre a ideia principal do livro, a explicação do conteúdo desenvolvida no primeiro encontro e também com a exibição de documentários sobre os campos de concentração, com relatos de pessoas que vivenciaram este momento e pesquisadores do assunto, assim como a análise de documentos históricos sobre o período. Eles responderam um questionário sobre o livro e a temática apresentada, onde puderam socializar as impressões que tiveram da leitura e sobre o que teria contribuído ou não para a sua aprendizagem nessa experiência.

A avaliação deste projeto foi desenvolvida de uma forma qualitativa, através das discussões em sala, das rodas de conversas onde mostraram o interesse pelo tema, com o comprometimento e a participação da atividade. Também utilizamos um pequeno questionário para tentarmos reconhecer se todos os alunos de fato leram a obra e se conseguiram entender a diferença entre literatura e História, e a sua relação e contribuição na construção do conhecimento.

3.7- Impressão e experiência, dialogando com os alunos sobre o estudo

Antes de entrar na consideração sobre os resultados da atividade, devemos destacar que quando se tenta implementar uma nova proposta de trabalho, ou metodologia, para se trabalhar algum conteúdo novo em sala de aula, é necessário ter em mente que não vamos conseguir agradar a todos. No nosso caso inclusive, se tratando do ensino de história, dificilmente vamos ter o plano perfeito, que garantirá que todos os estudantes de uma determinada turma estarão envolvidos e empolgados com a proposta. Nesta nossa experiência conseguimos perceber, por parte dos estudantes, respostas positivas à atividade, assim como também tivemos atitudes

negativas. Porém, percebe-se que as reações estavam ligadas ao interesse de cada um, seja no momento do estudo proposto, ou em outros momentos da sua vida escolar.

A nossa proposta como já vimos até aqui é a possibilidade de utilizar a literatura para complementar a aprendizagem sobre os movimentos migratórios, e o surgimento dos campos de concentração no Ceará. Através desta outra linguagem do conhecimento acreditamos que se poderá despertar uma maior empatia ou simpatia dos estudantes com o tema, complementando e tornando mais significativo o conhecimento juntamente com a disciplina de História.

Uma das nossas maiores dificuldades foi incentivá-los a ler, pois somente alguns participantes já tinham este hábito. Porém a maior parte, nunca tinha lido um livro por completo de literatura, ou outro gênero de escrita qualquer. Portanto, percebe-se que não só os que estavam envolvidos nesta atividade, mais uma boa parte dos estudantes das escolas do município que leciono terminam a etapa do ensino básico fundamental sem nunca terem lido um livro por completo e sem desenvolver o hábito da leitura.

Entretanto, essa constatação além de ter se apresentado como uma dificuldade inicial, nos mostrou também o quanto é importante o incentivo de trabalhos como esse, pois pode proporcionar a oportunidade de terem a experiência da primeira leitura de forma crítica. Em que puderam refletir de uma forma mais ampla sobre o papel da ficção e da História, sobre as influências entre as duas áreas e as suas representações dos fatos. Portanto, essa atividade contribuiu se mostrando uma experiência muito válida e significativa para o estudante que abraçou esta proposta.

Um dos principais motivos que nos levou a optarmos pela escolha de uma obra literária como *O Quinze*, e não um filme sobre a temática, ou ter utilizado apenas documentos escritos, ou outro recurso didático, foi exatamente a possibilidade do encontro entre os alunos e a literatura, pois esta obra apresenta uma linguagem simples, direta e não é extensa em número de páginas. Com estas características, principalmente para adolescentes que não tem o hábito da leitura mais extensa, pode gerar um maior interesse com a narrativa, prendendo-os a história proporcionando uma maior ligação com as experiências dos personagens retratados.

Um outro ponto que nos ocasionou dificuldade foi como iria funcionar a execução do projeto, pois em uma das escolas por causa da quantidade de alunos, e a estrutura da sala se mostrava inviável a execução naquelas condições e para que conseguíssemos um resultado satisfatório, tivemos que optar por desenvolver a aula no contra turno como já falamos, neste

momento só participou aqueles estudantes que mostraram interesse pelo tema. Com o início das atividades pudemos desenvolver diversas discussões, responder várias perguntas e curiosidades sobre o tema. Mesmo entre estes estudantes que aceitaram em participar, alguns nunca tinham lido uma obra literária por completo, e não cultivavam o hábito da leitura, porém todos tinham o interesse em saber mais sobre o assunto.

Na outra escola já encontramos uma dificuldade diferente, não teve como desenvolver o projeto no contra turno em consequência da dificuldade com o transporte dos alunos. Entretanto, era uma turma com um número apropriado de estudantes, na qual não teríamos problemas em construir boas discussões sobre a atividade, com isso optamos por desenvolver a ação no horário normal das aulas de História e língua Portuguesa. Porém, nem todos os alunos estavam dispostos a participar da aula ou abraçar a proposta da atividade, como sabemos que é algo comum nas salas de aulas em todo o país, sempre tem aqueles que não mostram interesse em relação ao conteúdo aprendido na escola.

Para falarmos sobre esse conteúdo articulado com a grade curricular de História, encaixamos ele entre os temas da Primeira República e da Era Vargas, inserindo-o na temática sobre a urbanização e os movimentos migratórios. Todos da turma teriam que participar pois seria mais um conteúdo pré-estabelecido no currículo, porém utilizaríamos uma metodologia diferente para aprofundá-lo no decorrer das aulas.

Nas duas turmas iniciamos a discussão propondo algumas simples indagações: O que vocês entendem por movimentos migratórios? Alguém sabe o que isso significa? Por quais motivos acontecem? A maior parte dos alunos em ambas escolas conseguiram responder estas questões, no entanto, suas respostas se resumiam em: “as pessoas viajavam, saíam da sua terra para ter uma vida melhor”. Ao apresentar tais respostas percebemos que para os alunos a migração estava relacionado ao deslocamento, em decorrência da condição social em que as pessoas estavam submetidas.

Assim através do debate em sala concluímos que nos dias atuais a migração ainda é muito presente, não apenas no Brasil, mas em todo mundo por diversas motivações seja social, política, religiosa e econômica. Porém todas as pessoas em toda parte do mundo tinham o mesmo objetivo, ter uma vida melhor.

Mais uma vez os provocamos, perguntamos se eles conheciam alguém que teria migrado para outra região ou veio de outro lugar. A maior parte respondeu que sim, falaram de familiares que vieram de Pernambuco, Paraíba e agora moravam aqui. Outros afirmaram que conheciam

pessoas que migraram para outros estados, o mais citado foi São Paulo. Através dessa discussão perceberam que a ação de migrar em busca de uma vida melhor, de outras oportunidades é algo contemporâneo dos nossos dias, seja em âmbito regional, nacional ou internacional. Na escola 1, os alunos lembraram que um de seus colegas tinha deixado a escola há poucos meses porque teve que ir para São Paulo com seus pais.

Através de uma breve discussão inicial eles já conseguiram perceber que o tema iniciado tinha relação com o seu cotidiano também, ocasionando um maior interesse sobre o assunto. Através do entendimento sobre o que era a migração e que todos nós ainda hoje estaríamos suscetíveis em algum momento. Começamos a delimitar o tema central, contextualizando de acordo com o tempo histórico, pontuando os períodos que ocorreram os movimentos migratórios, principalmente os anos de 1877, 1915 e 1932, migrações essas que estão diretamente ligadas ao surgimento dos campos de concentração no Ceará.

Neste momento questionei sobre o clima da nossa região, como era, se eles percebiam as mudanças climáticas no decorrer do ano, sobre a vegetação e se notavam as suas mudanças. Sobre essas indagações os estudantes falaram que tem períodos mais frios, mais chuvosos, porém o que predomina no nosso estado e região é o calor. Os estudantes da escola da zona rural foram mais sensíveis, e mais assertivos em responder sobre essas características, além de falarem sobre as mudanças climáticas em determinados períodos do ano, falaram também das mudanças da vegetação, na qual as árvores e folhas se tornavam mais secas, em consequência dos períodos que chovia menos, e com isso interferia também nas plantações.

Através destas reflexões começamos a problematizar o uso da terra nos períodos de seca. Indagando-os com o seguinte questionamento: o que vocês fariam se não tivesse água encanada, açudes ou poços para se abastecer nos períodos que não há chuva? A partir destas provocações voltamos a contextualizar o conteúdo proposto para a aula, começamos a explicar sobre os períodos de seca ocasionado pela estiagem. Durante os anos que já citamos, chegou a passar meses ou anos sem chover no sertão cearense, ocasionando um grande prejuízo e sofrimento para as famílias que aí viviam, essas pessoas não conseguiam plantar nem criar animais, viram tudo o que tinham construído se acabar, morrer e não tiveram uma outra solução a não ser migrarem, em busca de outra forma de sobrevivência. Em especial para a capital cearense e posteriormente para outras regiões do Brasil.

Com essa discussão inicial conseguimos proporcionar uma reflexão sobre os conceitos de migração e seca, utilizando inicialmente os conhecimentos prévios e as experiências com o

meio que os estudantes tinham. No decorrer da aula apresentamos, o que foi os movimentos migratórios em decorrência das grandes secas de 1877, 1915 e 1932 e as suas consequências.

Organizamos a apresentação do tema em ordem cronológica de acordo com os fatos históricos, iniciando com a experiência de 1877, ano da “grande seca”. Fortaleza pela primeira vez sentiu a presença dos retirantes de uma forma mais impactante, onde mais de 100 mil pessoas buscavam a cidade para conseguir fugir da seca e da fome, momento esse que proporcionou um aumento de crimes e doenças na capital. Atrapalhando os planos modernistas e burgueses da elite fortalezense ocasionando um grande transtorno. Momento esse que o governo pela primeira vez teve que criar medidas mais efetivas para controlar aquele caos, com isso aumentou a utilização da mão de obra desses retirantes em obras públicas, aumentaram a distribuição de passagens para eles irem para outras regiões do país, e também foi construído os abarracamentos, a primeira tentativa de controlar o movimento destas pessoas na capital.

Outra seca que ficou marcada na história foi a de 1915, essa aconteceu em proporções menores que a de 1877. Em decorrência das experiências de outras secas, o governo como uma forma de impedir e limitar as grandes quantidades de flagelados em Fortaleza, organizou um espaço afastado do centro da cidade, que chamaram de campo de concentração. Este lugar prometia ajuda e cuidados aos flagelados, porém não foi exatamente isso que aconteceu, esse espaço serviu para aglomerar os retirantes, onde se gerou um grande caos rapidamente, propagando doenças entre essas pessoas, onde o alimento e assistência médica era escassa, assim como as oportunidades de trabalho que surgiam nas obras públicas não eram suficientes para todos. Portanto, o resultado do campo de concentração foi uma maior propagação da fome e de doenças, gerando um grande número de mortes.

Em 1932, vamos ter uma outra grande seca chegando ao Ceará, neste momento os governantes não criaram apenas um campo de concentração, eles organizaram sete campos espalhados entre o interior do Estado e a capital. A ideia era novamente facilitar o socorro e gerar trabalho nas regiões próximas de onde moravam os retirantes. Sabemos também que tinha como intenção impedir que esses grupos de pessoas chegassem à capital. Neste momento utilizaram em demasia a mão de obra dos flagelados de uma forma de trabalho semiforçado, pois trabalhavam em troca de comida ou de um ínfimo salário.

Porém, mais uma vez a falta de organização, de higiene, de alimentação e trabalho, ocasionado pela grande aglomeração que se formou nesses campos, e a falta de gerência do

poder público ocasionou mais mortes, em decorrência das doenças que se proliferaram nos Campos e a fome que se abatia, gerando um alto índice de mortandade nesses espaços.

Através destes três momentos da história percebemos que enquanto esses flagelados buscavam melhores oportunidades de vida, eles serviram para dar prosseguimento aos objetivos do estado como mão de obra. Enquanto isso os governantes não tinham a devida atenção a situação dessa população. Vimos que neste período milhares de cearenses foram direcionados para trabalharem em outras regiões do Brasil, outros milhares desenvolveram trabalhos em obras públicas, enquanto isso uma outra grande quantidade sofria o descaso e o abandono nos campos de concentração, onde muitos chegaram a morrer por falta de uma assistência e um cuidado digno.

O tema gerou grande curiosidade entre os estudantes, a princípio pelo termo campo de concentração, que relacionaram logo aos campos de concentração nazistas que surgiram entre as décadas de trinta e quarenta do século passado. Com isso, explicamos a diferença, assim também como as semelhanças, pois os campos nazistas utilizavam esses espaços para segregar aquelas pessoas que eles consideravam impuros ou inferiores e utilizavam sua mão de obra. Os campos do Ceará também segregavam os flagelados evitando que chegassem a capital cearense e também utilizavam a sua mão de obra. Entretanto no Ceará eles não buscavam o extermínio dessas pessoas, como era idealizado pelos nazistas, o que aconteceu principalmente nas câmaras de gás. Outro aspecto a pontuar é que o primeiro campo de concentração do Ceará foi em 1915 e os nazistas só implementaram esse projeto a partir de 1933.

Outro aspecto que nem todos conseguiram compreender e a princípio gerou uma inquietude com a situação, foi o fato de tantas pessoas terem sofrido em decorrência da fome, sede e a ajuda proporcionada pelo governo ter sido tão pouca. Assim como também a ajuda das pessoas mais ricas. A princípio os alunos tentavam interpretar aquele fato a partir de suas experiências do hoje, pois eles acreditavam que aquele ambiente, as pessoas naquelas condições, nos dias atuais seria impossível existir, pois hoje eles têm água encanada, tem energia elétrica, existem várias formas de transportes que facilitaria a vida das pessoas, e não permitiria mais aquela situação.

Através destas indagações tivemos que lembrá-los que aquele contexto era em um outro momento histórico, que aquelas pessoas viveram em uma época diferente da deles e naquele período ainda não tinham a tecnologia e as condições básicas que temos hoje. Portanto não podemos compará-los ou julgá-los de acordo com as nossas condições atuais, pois isso seria

anacronismo. Foi necessário lembra-los que nem todas as pessoas tem a oportunidade de viver em uma região que tem uma natureza privilegiada e água abundante como eles, que não vivem essa experiência de privações de recursos básicos, como a água. Pois ainda hoje em outros lugares, até mesmo no Estado do Ceará tem pessoas que sofrem essas limitações. Não apenas aqui mais em outras regiões do país e também do mundo.

Da mesma forma relacionado a desigualdade social, a fome e a miséria no Brasil e na nossa região é algo presente que podemos ver em quase todos os ambientes que temos contato, onde se percebe que essa desigualdade não é decorrente apenas de fenômenos naturais como a seca, mais de uma estrutura desigual e injusta da sociedade, onde percebemos a necessidade que diversas famílias ainda hoje sofrem e com isso se predispõem a pedir esmolas e aceitarem os mais variados tipos de trabalho para conseguir se sustentar. Enquanto isso a ajuda do poder público para auxiliar essas pessoas ainda se mostra de uma forma tímida.

Como atividade propomos a leitura do livro *O Quinze*, uma obra literária, ficcional, que dialoga com um dos períodos históricos retratados na aula. Assim sendo, eles deveriam ler e reconhecer as características retratadas no livro que estava presente no conteúdo estudado em sala de aula. Porém, tivemos algumas limitações, a princípio não havia a obra física para todos nas escolas, e em apenas uma delas existia um único exemplar, mas não estava em condições de uso devido ao seu desgaste. Portanto tivemos que fazer cópias impressas e também disponibilizar o arquivo em PDF para aqueles que tinham computador, ou celular, poderem utilizar através de seus aparelhos.

Tivemos um pouco de resistência por parte dos alunos com este tipo de leitura através dos seus aparelhos telefônicos, ou com as copias que distribuimos por causa das pequenas letras, pois eles não estavam adaptados a leitura nestas condições. Entretanto é importante lembrarmos que muitos não estavam familiarizados com este tipo de leitura, pois conheciam ou tinham acesso apenas ao livro didático, se tornando compreensível esse estranhamento inicial.

Mesmo com as dificuldades iniciais a maioria dos estudantes conseguiram ler todo o romance ou a maior parte dele, através de suas falas e do questionário aplicado eles mostraram que a leitura foi proveitosa e que a obra lida os ajudou a visualizar o percurso traçado pelos retirantes que havíamos estudado anteriormente, e com as experiências de personagens como de Chico Bento e seus familiares, os alunos tiveram maior afinidade e uma maior compreensão do assunto.

Sobre o questionário que foi aplicado no final da atividade, ele estava estruturado com perguntas direcionadas as impressões e o conhecimento que os estudantes adquiriram através da leitura do livro, como por exemplo: Quem eram os personagens centrais do romance? Quais foram as consequências da seca para eles? Onde se passava a história? O porquê do nome do livro?

Outras perguntas feitas foram sobre a impressão deles em relação a experiência de ter lido o livro e o conhecimento adquirido na aula, como por exemplo: Qual a relação entre o romance e o conteúdo estudado? O que eles aprenderam através das duas experiências? Quais os sentimentos e impressões que tiveram ao ler o livro? Se gostaram da experiência e se colaborou de alguma forma para seu aprendizado? Como podemos observar, foram feitas perguntas pontuais que podem nos proporcionar algumas informações sobre a receptividade dos estudantes com a proposta de ensino que desenvolvemos.

Através das suas respostas percebemos que eles conseguiram compreender a relação de algumas referências entre o texto e o conteúdo, por exemplo, que o título do livro faz alusão a experiência da seca que houve no ano de 1915, no qual a escritora organizou através das impressões de pessoas que viveram este momento histórico, em que ela relata aspectos e fatos datados a esse período. Outro ponto que eles conseguiram captar e responder de uma forma satisfatória é sobre o espaço geográfico apresentado no romance, muitos colocaram que ocorria no "Ceará", "Fortaleza- Quixadá", "Fortaleza- Baturité- Quixadá", percebemos que algumas respostas são mais generalizadas colocando apenas o estado, porém outras são mais específicas fazendo uma relação a ferrovia de Baturité que foi a rota que ligava o interior cearense a capital, como vimos anteriormente foi o percurso mais traçado pelos retirantes.

Quando questionamos qual a relação entre o livro e o conteúdo, eles responderam em sua maioria que era " a migração em busca de fugir da seca", " foi a criação dos campos de concentração" e " sofrimento ocasionado pela seca". Portanto, percebemos que algumas características principais do conteúdo eles conseguiram relacionar com o tema, proporcionando uma melhor compreensão tanto da discussão em sala de aula como da leitura do livro.

Também fizemos perguntas para que eles pudessem responder se perceberam as diferentes experiências de acordo com as condições sociais de cada personagem, entre os mais ricos como a Conceição e Vicente e os mais pobres representado por Chico Bento e seus familiares. A resposta da maioria foi que perceberam que para aqueles que tinham mais dinheiro como os fazendeiros, o sofrimento e as perdas em decorrência da seca eram bem menores ou

quase nenhuma comparada aos personagens que representavam os retirantes, como por exemplo, “a morte do gado” e “foi para Fortaleza”. Já para os personagens que não tinha as mesmas condições sociais a maior parte das respostas se resumiram a “fome, sede e morte”. Portanto, eles compreenderam que a seca prejudicou a vida da maioria das pessoas, porém as que sofreram mais com este fato foram os mais pobres, pois as consequências foram mais penosas.

Com a leitura através da narrativa de Rachel de Queiroz eles conseguiram imaginar através da experiência dos personagens algumas características daquele fato histórico, como a condição desumana do campo de concentração, a utilização da mão de obra dos flagelados em obras públicas, a doação de passagens para irem para outras regiões do país, a caridade dos mais ricos e a miséria e o sofrimento que se espalhavam naquele local.

O interessante perceber que através das falas dos estudantes sobre o romance, apesar de termos explicado inicialmente que ali se tratava de uma representação, uma ficção criada pela escritora. Ao expor as suas impressões sobre o livro, afirmavam que aquelas experiências vividas pelos personagens “era a realidade” pois eles acompanhavam as particularidades e os desafios que os personagens viveram, por exemplo a família de Chico Bento, conheciam todo o percurso dos personagens fugindo da seca, até chegarem a migrar para São Paulo. Quando apresentamos a temática, falamos de uma forma geral sem especificar um caso em particular. Porém, para eles o que gerou mais significado foi ver aqueles mesmos fatos sendo vivenciados pelos personagens.

Com isso mais uma vez pontuamos a importância de distinguir a literatura da História, pois são conhecimentos diferentes, podem se complementar mais não se confundirem. Quando começaram a falar sobre a reação ao ler o livro muitos disseram que ficaram “tristes, com dó e pena da condição dos personagens”, porém quando questionados sobre as impressões que também sentiram quando expus a temática em sala de aula, alguns poucos afirmaram que ficaram com esses mesmos sentimentos quando estavam ouvindo a explicação, porém a grande maioria disseram que não, pois com as narrativas do livro ao dar nomes e rostos para estes retirantes acabou sendo mais fácil eles imaginarem o que estava acontecendo e ocasionava uma maior empatia com os personagens.

Quando pedi para eles darem exemplos das partes do livro de Rachel de Queiroz, que ocasionou essas impressões os exemplos foram, “a morte de Josias”, “as pessoas comendo carne estragada da rês”, “o gado morrendo” e “a morte da criança enquanto pedia esmola”. Portanto

percebemos que essas experiências e fatos que foram narrados com mais detalhes no romance, mostram que essas narrativas ajudaram os estudantes a aprender o conteúdo de uma forma mais significativa.

Na parte final do projeto quando exibimos o documentário que mostrava os relatos, quando apresentamos o jornal falando sobre os campos de concentração e as fotografias do período, muitos direcionavam e relacionavam a trechos da obra ou a passagens dos personagens. Através destas impressões consideramos que a experiência foi muito proveitosa mesmo com todas as dificuldades e empecilhos que tivemos.

Mesmo com essas impressões positivas nas duas escolas e as discussões que promoveram boas reflexões sobre o tema nem todos os estudantes leram o livro, principalmente da turma 2, na qual todos alunos da sala participaram da proposta, as suas respostas ao questionário mostravam pouco conhecimento sobre a estória, sobre os personagens e afirmavam que a obra não os tinha ajudado a entender o conteúdo e não participaram muito das discussões.

Por outro lado, os que leram mostravam conhecimento sobre os personagens, as consequências da seca, mostravam mais domínio sobre o conteúdo e participavam mais das discussões. Afirmavam que tinham gostado de ler o livro, que foi uma experiência que colaborou para entender o conteúdo de uma forma mais fácil. Portanto mesmo que nem todos os estudantes tenham abraçado a proposta, percebe-se que a experiência foi muito válida, satisfatória e contribuiu muito para aqueles que se dedicaram, o seu aprendizado se tornou mais significativo e amplo proporcionando uma melhor interação com o conhecimento que poderá levar para toda a vida.

3.8- O hábito da leitura, um desafio no ensino básico

Como já mencionado, obtivemos êxito com esta atividade, no entanto a partir dos relatos dos estudantes que participaram podemos refletir um pouco sobre a sua relação com a leitura, pois ao propor a leitura da obra para que pudéssemos dialogar com o ensino de história eles se mostraram um pouco resistentes, assustados ou receosos por terem que ler a obra completa já que a maioria deles não tinha o hábito da leitura.

Através das discussões em grupo e do questionário proposto percebemos que alguns alunos não chegaram a ler o romance, com isso não aproveitaram a experiência como devia,

não tendo as mesmas impressões e conhecimento adquirido pelos seus colegas. Problematicando esta informação através da nossa experiência, percebemos que o número de jovens que se encontram no ensino fundamental e não desenvolvem o hábito da leitura, nem buscam desenvolvê-lo é muito significativo, e isto influencia o seu processo de aprendizagem pois sabemos que a leitura é um dos principais pilares da educação formal. Sabemos que isto tem um grande impacto na vida escolar dos alunos no geral, mas principalmente para os estudantes do 9º ano que estão terminando o ciclo do ensino fundamental, indo para o ensino médio e não construíram uma proximidade com a leitura, e isso irá afetar a sua aprendizagem nesta nova fase.

Pois como sabemos no modelo de aprendizagem escolar, a leitura e o seu entendimento, são os principais aspectos para a compreensão de um conteúdo, conseqüentemente um domínio maior da leitura facilitará a sua aprendizagem, não só na disciplina de língua portuguesa ou literatura, mais em todas as demais. Portanto, a aproximação entre os estudantes e os livros é de fundamental importância, essa dificuldade, resistência e rejeição à leitura não é visto apenas no ensino fundamental, sabemos que essa deficiência perpassa o ensino médio, muitas vezes chegando até a faculdade. É por isso que propostas de ensino que possam incentivar a aproximação dos alunos com a leitura se mostram muito válida neste contexto, pois lhe será útil não apenas para a disciplina, mais para toda a vida escolar desse aluno.

É comum ouvirmos que a literatura ou o hábito da leitura é importante para que o aluno consiga dominar o vocabulário, aprendendo palavras novas que irão melhorar a sua escrita e conseqüentemente o seu desempenho na leitura. Porém, quando falamos sobre a utilização da leitura não falamos apenas sobre o seu uso técnico, sabemos da sua importância, entretanto queremos destacar que a literatura também pode nos proporcionar mais, pois tem o potencial de ampliar nossa visão de uma forma mais crítica, criativa e sensível. Podendo fazer com que estes estudantes entendam um pouco mais sobre si mesmos e também sobre o mundo.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos que permitam fazê-lo. (BRASIL, 1998, p.36).

Quando nos referimos a Literatura estamos abrangendo esse conhecimento a todas as formas de gêneros dessa área. Pois sabemos que esta diferença é salutar e possibilita uma maior

chance de os estudantes gostarem de uma dessas formas de expressão, dependendo do seu gosto e do seu interesse, o que possibilitará aos mesmos quererem saber cada vez mais. Isto também deve se aplicar aos assuntos contidos no livro, pode ser através de uma obra ficcional ou outra mais realista, desde que desperte o seu interesse ao falar de assuntos do qual goste. Porém, não podemos deixar de notar que uma obra será mais interessante, e relevante para o aluno, se tiver próximo da sua realidade.

Sabemos que ler e produzir textos fazem parte das dificuldades dos estudantes, portanto a escola e os professores devem tentar estruturar alguma forma de ajuda- lós a superar essas dificuldades através de estratégias e projetos que possam colaborar em despertar o interesse e o hábito de ler.

Portanto, cabe à escola e ao professor criar condições necessárias para que os alunos se tornem leitores autônomos, críticos, participativos e que possam atribuir sentido ao texto, uma vez que a leitura deve se constituir uma experiência significativa e prazerosa, uma atividade realizada no âmbito cognitivo, afetivo, e com caráter social, histórico e político. (PARNAIBA, 2018, p. 16).

Portanto proporcionar uma leitura mais significativa, no qual possa fazer mais sentido para os alunos, onde eles dialoguem com outros textos, informações de áreas diferentes, pode colaborar para despertar neles um maior interesse e proporcionar um conhecimento mais significativo. Com isso contribuindo com a vontade de continuar aprendendo cada vez mais⁵¹.

Outro ponto a destacar sobre a utilização da literatura em sala de aula, é que este campo do conhecimento não pode ser tratado apenas como um objeto de análise, seja da gramática ou das demais disciplinas. Ela também deve ser valorizada pelo que ela é, que é ser arte, devemos incentivar os estudantes a buscarem mais conhecimento, entender e mergulhar nas suas experiências, proporcionando novos conhecimentos através de outras impressões e expressões da literatura.

Julgamos semelhante ao pensamento da autora, a afirmação de Cosson (2014), pois segundo este, a literatura possui a função de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de “cores, odores, sabores e formas (...) é por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção”. (PARNAIBA, 2018, p. 23).

⁵¹ PARNAIBA, José Quaresma. A Triste Partida e O Quinze: uma proposta de leitura na perspectiva do letramento literário, em turmas do 9º ano do ensino fundamental - Cajazeiras, 2018. p. 23 e 22.

Portanto, como já destacamos até aqui, a literatura pode contribuir sim para o desenvolvimento dos educandos, seja através da prática da leitura e também dos demais conhecimentos adquiridos nesse ato. No entanto as escolas municipais do Crato hoje têm uma certa dificuldade em relação a esse aspecto, pois ao mesmo tempo que sabemos a importância de incentivarmos e buscarmos trabalhar a literatura com os estudantes, o espaço escolar não possui os meios necessários, pois apresenta dificuldade em relação ao acesso aos livros, a falta de hábito da leitura dos estudantes e muitas vezes à vontade. E as condições sociais dos alunos aqui em questão, como também os seus valores culturais, muitas vezes são também desafios que podem e dever ser identificados e enfrentados pelas práticas educativas.

Antes de iniciarmos a nossa atividade com os alunos do 9º ano, decidimos sondar o hábito da leitura dos alunos das escolas. Para conhecer melhor como os estudantes iriam reagir com a proposta, para isso conversamos com as responsáveis pela sala de leitura e também os professores de língua portuguesa, onde fizemos alguns questionamentos para entender como era a relação entre o aluno, a escola e o incentivo ao hábito de leitura no espaço escolar.

Nas duas escolas que realizamos a nossa proposta, as responsáveis pela sala de leitura afirmaram que desenvolviam projetos relacionados ao incentivo da leitura. A escola 1 propõe que um dia por semana uma das salas tivesse acesso a sala de leitura, onde desenvolviam atividades de incentivo à leitura juntamente com os professores, assim como também existia a ação do empréstimo de livros. Na escola 2, a responsável pela sala de leitura semanalmente convidava os alunos a irem à sala para fazerem empréstimos de livros, ou pré-selecionava alguns títulos e passava em cada uma das salas para que os estudantes pudessem fazer o empréstimo.

Com isso podemos afirmar que existe um incentivo à leitura, entretanto quando indagamos sobre a participação dos alunos nessas atividades percebeu-se que as turmas mais avançadas do ensino fundamental II, que seriam os 8º e 9º anos são as turmas que menos procuravam a sala de leitura, e menos faziam empréstimos de livros. As turmas que mais tinham contato com esse espaço, participando de atividades e fazendo empréstimos de acordo com as repostas que obtivemos são os 4º e 5º anos do ensino fundamental I.

Interessante perceber sobre essas informações é que essas turmas representavam os anos finais dos respectivos ciclos, fundamental I e II, porém eles se encontravam em um desenvolvimento de aprendizado bem diferente. As turmas do 4º e 5º anos neste período tem um maior incentivo à leitura, ainda estão no período de aperfeiçoamento dessa prática,

descobrimos algo novo, portanto, mostram mais interesse. Quando nos referimos aos estudantes do 8º e 9º ano, estão no período que estão estudando mais morfologia, a leitura não se mostra mais algo novo e para muitos é um verdadeiro sacrifício. Estes estágios do aprendizado em que se encontram cada uma destas turmas, nos ajuda a entender o porquê da interação mais de umas turmas do que outras com a sala de leitura.

Acreditamos que além desse aspecto que pontuamos acima, algo que também contribui para uma menor interação destas turmas com a sala de leitura tem relação com os acervos de livros, através dos questionamentos que fizemos, percebemos que, como as escolas são compostas do ensino infantil e fundamental, a maior parte dos livros em disposição na sala são direcionados para a alfabetização e o letramento infantil, portanto as histórias presente nestas obras não interessam muito os alunos mais velhos, porém chama a atenção dos mais jovens. Quando procuramos as obras de literatura brasileira infanto-juvenil ou de ficção, livros esses que poderia chamar mais a atenção dos alunos, se mostram poucas as opções, por exemplo o livro *o Quinze* que utilizamos nessa pesquisa, encontramos apenas em uma das escolas, um exemplar, em uma condição muito desgastada que não tinha como ser utilizado.

Através da nossa conversa com os responsáveis pela sala, percebemos que o apoio e o incentivo à sala de leitura são muito pequenos, principalmente dos órgãos de educação municipal e estadual, pois segundo elas há muito tempo não é renovado o acervo de livros que não são os didáticos ou paradidáticos. As obras mais direcionadas à literatura partem de doações da gestão escolar, dos docentes e de pessoas da própria comunidade, porém como já falamos antes, a diversidade destes livros ainda é pequena.

Outras informações que nos ajudaram a melhor entender a relação dos estudantes com a leitura obtivemos através da conversa com os professores de língua portuguesa. Quando perguntamos sobre os projetos ou atividades relacionadas à leitura que eram feitos em sala de aula com os estudantes, os dois responderam positivamente que trabalhavam, principalmente através de debates e fichas de leitura, como uma forma de facilitar o entendimento deles sobre o texto proposto para o estudo. Eles afirmaram que na maior parte das vezes os alunos gostavam de desenvolver essas atividades, gostavam do tema do texto e de discutir sobre, porém tinha uma boa parte da turma que apresentava uma grande dificuldade de se expressar através da escrita sobre o que aprendeu.

Quando falamos sobre a leitura e interpretação de texto dos alunos, eles afirmaram que o desempenho dependia muito do aluno ou da turma, pois haviam estudantes que já tinham o

hábito da leitura e nesses projetos os resultados eram positivos, e participavam bastante das discussões. Porém, tinham outros educandos que o seu desenvolvimento nesses pontos era pouco expressivo, pois alguns deles mal conseguiam entender o que leram, e tinha uma grande dificuldade de se expressar.

Sobre a utilização de livros literários nas aulas de língua portuguesa, afirmaram que é mais complicado de se trabalhar, pois como já falamos anteriormente, se apresenta muitas limitações que acabam atrapalhando o processo de aprendizagem. Por exemplo, a quantidade de livros literários na escola é muito pouco, impossibilitando a utilização deles para um trabalho com toda a sala. Quando se propõe desenvolver atividades com esses livros, tem que ser através de cópias, ou rodízio entre os alunos que ficaram com o livro. Toda essa dinâmica acaba prejudicando o rendimento e a sequência didática da atividade proposta pela professora.

Através destas informações que obtivemos, e da experiência da atividade que desenvolvemos, podemos afirmar que as dificuldades que se apresentaram já eram esperadas, pois os problemas relativos à leitura, e sua prática no ensino fundamental é algo bem presente nas escolas, e já conhecido das análises sobre o cotidiano escolar. Inclusive essa constatação foi uma das razões da proposta aqui presente de se trabalhar com uma obra literária no ensino da história. Pois por isso devemos procurar as formas de mudar essa realidade, já que isso não depende apenas da ação dos professores de língua portuguesa, ou dos projetos da sala de leitura, mas sim da colaboração de todas as disciplinas. Pois cada vez que o aluno se aproxima do hábito de ler ele tende a perceber as coisas de uma outra forma e consegue ter um maior rendimento nas demais disciplinas.

Considerações Finais

No decorrer deste trabalho defendemos uma ideia que apresenta a utilização do livro literário como um recurso didático, ou uma fonte histórica no ensino de história, onde proporciona a aproximação entre as disciplinas discutidas nesta pesquisa, vimos que esta relação pode ser benéfica e contribui em demasia para um maior aprendizado dos estudantes do ensino básico, principalmente se tratando da influência e incentivo à leitura, fato este que é de suma importância para o desenvolvimento escolar.

O que possibilitou o surgimento desta dissertação não foi apenas uma leitura genérica da obra literária, mais sim todo um arcabouço teórico e metodológico presente no campo da História, principalmente da história cultural que nos possibilitou utilizar e fazer análises de um determinado objeto seguindo os rigores necessários do campo científico. Pois este texto como sendo um trabalho acadêmico não se apresenta como mero “achismo”, e sim surge de uma pesquisa e experiências em sala de aula que nos mostra que essa relação é possível e contribui para o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes.

Com isso podemos afirmar que o historiador pode se utilizar de outros tipos de texto para tentar compreender a mentalidade e os aspectos sociais de um determinado período histórico. Neste sentido, a Literatura é pensada pela História como registro material da imaginação e da criação de uma época. Desta maneira a relação entre estas disciplinas e o ensino de História possibilita o trabalho do historiador em compreender as representações que faz parte de um determinado imaginário social, fazendo também com que os estudantes percebam essa relação, propondo estas discussões em sala de aula.

De acordo com essa perspectiva de se pensar o conhecimento histórico e também como possibilidade de se ensinar História, através da utilização do livro de Rachel de Queiroz *O Quinze*, podemos afirmar que esta obra faz com que possamos ter várias possibilidades de objetos de estudo no ensino, como por exemplo, a seca, a migração, a desigualdade social, os campos de concentração, e diversos outros assuntos. Pois mesmo se tratando de uma obra literária ficcional, ela discorre sobre temas que apresentam uma problemática que gera e gerou diversos casos semelhantes na região nordestina no decorrer dos anos. Principalmente a seca, um fenômeno natural e também social como vimos no decorrer do texto, fato este que interfere drasticamente na vida das pessoas.

Em decorrência de casos como estes no Ceará e em outros estados do Nordeste há um grande número de migração, temática essa que podemos discutir em sala utilizando um livro

literário nas nossas aulas de História. Pois apesar de ser uma temática muito importante na disciplina e muitas vezes aparecer como tema transversal não é problematizada como deveria em sala de aula, principalmente quando se trata do estado do Ceará onde houve um grande contingente de migração no século XX, mudando as características tanto do estado como do país através da diversidade cultural ocasionada por este fenômeno chamado de migração.

Essa temática ela é muito importante para entendermos a historicidade do nosso estado, hoje em dia cidades desenvolvidas como Fortaleza, Sobral, Juazeiro do Norte, dentre outras que são os principais polos econômicos, turísticos e culturais. Cidades estas que são importantes e ricas, porém ao mesmo tempo nos mostra um grande número de miséria nas suas ruas, pedintes, sem tetos e muitas pessoas desempregadas. Entretanto essa contradição é bastante comum na maioria das cidades desenvolvidas do Brasil, pois isto é ocasionado pelo alto índice demográfico nessas localidades.

Sabemos que um número significativo desse aumento populacional é em consequência das migrações que são ocasionadas por diversos motivos, pois essas cidades é o objetivo dos emigrantes que buscam algo melhor para sua família ou um meio de conseguir sobreviver. E infelizmente muitos quando chegam ao seu destino, não encontram as oportunidades esperadas e em consequência disso tem uma vida tão penosa quanto antes e o auxílio do governo ou uma política pública que pudesse ajuda- los é ineficaz ou não existe.

O que nos chamou atenção e nos motivou a pesquisar sobre essa temática, foi a possibilidade de poder compartilhar este fato histórico que não é tão estudado como deveria ser, e proporcionar aos nossos estudantes uma discussão onde percebam que há diversos motivos e aspectos ligados a decisão das pessoas escolherem migrar para outra localidade, mesmo se colocando algumas vezes nas situações mais penosas. Com isso também podemos discutir sobre determinadas ações e projetos políticos que a princípio visa ajudar pessoas com determinadas necessidades, mas na verdade tem outros fins como foi por exemplo os campos de concentração.

Portanto quando discutimos assuntos como esses, temos a possibilidade de despertar o senso crítico dos estudantes e assim eles poderão saber se posicionar sobre determinados assuntos hoje em dia, saberão questionar ou refletir se é algo que beneficia a população mais necessitada ou aqueles que já usufruem de um certo privilégio. Esse é objetivo de um conhecimento ou aprendizagem histórica, que possa fazer sentido no dia a dia dos estudantes e que proporcione base para pensar criticamente.

Fontes

Textos:

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum: BNCC** .Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf > Acesso em: 29 de Junho. 2020

CEARÁ. Secretária da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental** / Secretária da Educação do Estado do Ceará. - Fortaleza: SEDUC, 2019.

CUNHA, Cecília Maria. **Vivências em retalhos: Um ensaio sobre a crônica de Rachel de Queiroz nas páginas de o Cruzeiro (anos 50)**. Tese de Doutorado em Literatura, UFSC. 2011.

GUERELLUS, Natalia de Santanna. **Rachel de Queiroz: Regra e Exceção (1910-1945)**. Dissertação de Mestrado, UFF. 2011.

NEVES, Frederico Castro. **Curral dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915- 1932)**. São Paulo: Revista brasileira de história, v. 15, n° 29 p.93- 122, 1995.

Disponível em < https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=377 > Acesso em: 12 de Novembro de 2018.

_____. **Uma Nova História do Ceará / A seca na história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 82ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 73ª Ed. São Paulo: ARX, 2003.

_____. **Como foi escrito O quinze**. In: BEZERRA, J. A; SCHWAMBORN, I; SOARES, M. E (Org.). **Um novo olhar sobre O quinze de Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932** / Kênia Sousa Rios. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

Blogs e Sites:

<http://valdecyalves.blogspot.com/2017/09/campos-de-concentracao-no-ceara-e-os.html>

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/ceara-nos-campos-da-seca/>

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/08/politica/1546980554_464677.html

Documentários e Vídeos:

Os campos de concentração do Ceará (https://www.youtube.com/watch?v=2Ozs1P5_Wpo)

Campos de Concentração Patu - Cariús e Buriti (<https://www.youtube.com/watch?v=z2FX8aTakjQ>)

Roda Viva | Rachel de Queiroz | 1991 (<https://www.youtube.com/watch?v=zzCoEwnI-Ek&t=306s>)

RACHEL ETERNA | TV Verdes Mares (<https://www.youtube.com/watch?v=7Ca6VSZu5Zg>)

Referência Bibliográfica

ABREU, Mirhiane Mendes de. **Verossimilhança e indianismo em José de Alencar**. In: BOECHAT, Maria Cecília Bruzzi, Et.al. Romance histórico : recorrências e transformações. BOECHAT, Maria Cecília Bruzzi, Et.al. Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2000.

ALBUQUERQUE FILHO, Ronald de Figueiredo e. **Cidade, Seca e Campo de Concentração: O início da modernização em Crato, Ceará. (1900 – 1933)**. Dissertação de Mestrado, UFCG, Campina Grande, 2015.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Hora da Estrela: História ou Literatura, uma questão de gênero?** In: ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. História - A arte de inventar o passado, ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.

_____. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino: de problema a solução: (1877-1922)**. Dissertação Mestrado - UNICAMPI, Campinas, 1988.

_____. **Palavras que calcinam, palavras que dominam: A invenção da seca no Nordeste**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero, vol. 14, nº28, 1994.
ALMEIDA, Fenelon. *As vozes da seca*. Fortaleza, ACI, 1978

ARAÚJO, H. H. de. **A tradição do regionalismo na literatura brasileira: Do pitoresco à realização inventiva**. *Revista Letras*, Curitiba, n. 74, p. 119-132, jan./abr. 2008. editora UFPR.

ARRUDA, Maria Arminda. **Modernismo e regionalismo no Brasil_entre inovação e tradição**. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 2.2011. p.191- 212

ASSIS, Gabriella Lima de. **A sensibilidade de Clio no sertão de o Quinze**. In: Anais congresso história jatai- Jatai, 2008. Disponível em <

[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(33\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(33).pdf)> Acesso em: 13 de

Novembro de 2018.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História Vol. II. Os primeiros Paradigmas: Positivismo e Historicismo.** Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 3ª Ed., 2011.

_____. **Teoria da História Vol. V. A escola dos Annales e a nova História.** Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 3ª Ed., 2012.

_____. **História cultural e história das ideias diálogos historiográficos.** Cultura Revista de História e Teoria das Ideias vol. 21 | 2005

_____. **Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos.** Anais do 2 Encontro Internacional, História e Parcerias, 2019. Disponível em <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BGVtVcub05YJ:https://sigaa.ufrj.br/sigaa/verProducao%3FidProducao%3D2301689%26key%3Dbbebbb06a6d3b12a83c173df02b98e3f+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 16 de Março de 2020.

BITTENCOURT, Circe M. F.. (org.). **O Saber histórico na sala de aula.** 10ª ed., São Paulo, Contexto. 2005.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações.** In: Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, 2010. Disponível em <https://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO_BORGES.pdf> Acesso em: 18 de Maio de 2018.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC, 1998.

BRESSAN, Inês Cardin. **Afrânio Coutinho, crítico e historiador da literatura brasileira: uma leitura.** Dissertação mestrado, UNESP. 2007.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989** /Peter Burke; tradução Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CANDIDO, Antonio. **LITERATURA E SOCIEDADE.** 9a edição revista pelo autor Ouro sobre azul. Rio de Janeiro 2006.

_____. **O Romantismo no Brasil .** São Paulo : Humanitas/ FFLCH / SP, 2004.

CARVALHO, Raul Costa de. **Ensino de História, Cotidiano e Literatura: Escravidão e Paternalismo em contos de Machado de Assis.** Porto Alegre, 2016. Dissertação de mestrado. Disponível em

<<https://www.ufrgs.br/profhist/wpcontent/uploads/2017/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Raul-Costa-de-Carvalho-ProfHist%C3%B3ria-UFRGS-2016.pdf>> Acesso em: 21 de Abril de 2018.

CAMPOS, José Nilson B. **Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos.** Estudos avançados 28 (82), 2014. Disponível em

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142014000300005&script=sci_abstract&tlng=pt>

CERQUEIRA, Larissa Agostini. **As contribuições do modernismo para a literatura e a crítica brasileiras**. Disponível em

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3508/3452>> Acesso em: 13 de Abril de 2020.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A ordem do livro**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CORREIA, Janaína dos Santos. **O uso da fonte literária no ensino de história: Diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX)**. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2012

ENGEL, Odilse Grasselli. **Literatura e História: diálogos na sala de aula**. Dissertação de Mestrado, UCS. 2007.

FACINA, Adriana, 1971- **Literatura e sociedade** / Adriana Facina. — Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2004.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e Ensino de História**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FONTINELIS, Cláudia Cristina da Silva. **As “centelhas da esperança”**: o papel da literatura e da música no despertar da consciência histórica. In: Revista História Hoje, v. 5, nº 9, 2016. Disponível em < <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/246> > Acesso em: 18 de Maio de 2018.

FREITAS, Rafael Reinaldo. **Aprendizagem histórica e cultura histórica: contributos para investigações sobre o lugar da intersubjetividade na formação histórica**. In:

História & Ensino, Londrina, v. 22, n. 2, p. 247-262, jul./dez. 2016

GUEDES, Taffarel Bandeira. **Rachel de Queiroz no romance de 30: Um estudo da obra e da fortuna crítica**. Dissertação Mestrado, UFPE. 2017.

JANOTTI, Maria de Lourdes. **O livro Fontes históricas como fonte**. PINSKY, Carla (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

KARNAL, Leandro. (Org.) **História na Sala de Aula: conceito, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Ed UNICAMP, 1990.

MIRANDA, José Américo. **Romance e História**. In: **Romance histórico : recorrências e transformações** / Maria Cecília Bruzzi Boechat, Paulo Motta Oliveira, Silvana Maria Pessoa de Oliveira, organizadores. - Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2000.

NAVARRETE, Eduardo . **ROGER CHARTIER E A LITERATURA**. Revista Tempo, Espaço e Linguagem, v. 2 n° 3 p.23-56 Set./Dez. 2011.

OLIVA, Osmar Pereira. **Rachel de Queiroz e o romance de 30: ressonâncias do socialismo e do feminismo**. cadernos pagu (43), julho-dezembro de 2014.

OLIVEIRA, Luiz da conceição. **Encontros e desencontros das Três Marias de Rachel de Queiroz - Uma leitura em o Quinze, Dôra, Doralina e Memorial de Maria Moura**. Dissertação Mestrado, UEFS. 2013.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Martins. **Breve panorama do modernismo no Brasil – revisitando Mário e Oswald de Andrade**. Revista de Literatura, História e Memória, vol. 8 - n° 11 – 2012, UNIOESTE / Cascavel p. 82-95.

PARANAÍBA , José Quaresma. **A triste partida e o Quinze: uma proposta de leitura na perspectiva do letramento literário, em turmas do 9º ano do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado, UFCG, Cajazeiras, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **FRONTEIRAS DA FICÇÃO Diálogos da história com a literatura**. *Revista de Historia das Ideias* Vol. 21 ,2000.

_____. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Sensibilidade no tempo, tempo das sensibilidades**. Colóquio Nuevo Mundo Mundos Neuvos, n. 4, 2004. Disponível em:
<<http://nuevomundo.revues.org/document229.html>>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

_____. **História & literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Em línea], Debates, 2006 disponível in:
<<http://nuevomundo.revues.org/1560>> Acesso em: 23 de Junho. 2020

PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2010.

PROUST, Antoine. **Doze Lições sobre História**. Belo Horizonte: autentica Editora, 2017.

REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. **O espaço a serviço do tempo: A estrada de ferro de Baturité e a invenção do Ceará**. Tese de Doutorado, UFC, Fortaleza, 2015.

REZENDE, Cecília Luiza de Melo. **O quinze, de Rachel de Queiroz: a luz da crítica literária sociológica**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2011.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem Histórica: Fundamentos e Paradigmas**. Curitiba: W. A. Editores, 2010

_____. **Teoria da História: Uma teoria da história como ciência**. Curitiba: W. A. Editores, 2015.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. **Literatura e História: convergência de possíveis. In: Romance histórico : recorrências e transformações** / Maria Cecília Bruzzi Boechat, Paulo Motta Oliveira, Silvana Maria Pessoa de Oliveira, organizadores. - Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2000.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Jovens brasileiros, consciência histórica e vida prática.** Revista História Hoje, v. 5, nº 9, p. 31-48 – 2016

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez de. **Literatura das secas: Ficção e História.** Tese de Doutorado, UFP, Curitiba, 2011.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2009.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. **O narrador, a literatura e a História: questões críticas. In: Romance histórico : recorrências e transformações** / Maria Cecília Bruzzi Boechat, Paulo Motta Oliveira, Silvana Maria Pessoa de Oliveira, organizadores. - Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2000.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

TRAVASSOS, Lidiany Soares Mota. **Uma história não contada: O campo de concentração para flagelados de 1915 em fortaleza– Ceará.** V colóquio de História perspectivas históricas. 2011 Disponível em <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.717-730.pdf>> Acesso em: 07 de Julho de 2020.

VIANA, Luciane Duarte Silva. **Fontes literárias e a construção de saberes históricos: Uma proposta didático-pedagógica no ensino de história.** Dissertação de Mestrado, UFT, Araguaína, 2016.

WEINHART, M. **Considerações sobre o romance histórico.** Revista de Letras, Curitiba, n.43, 1994. p. 49-59.

ZUFFO, Nilva. **O Romance Histórico: A leitura da história pela ótica da ficção.** Disponível em <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_nilva_zuffo.pdf> Acesso em: 27 de Março de 2020.